N.º 860

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Quinta-feira, 17 de Dezembro de 1903

ob O discurso pronunciado por Salmeron na camara e panhola e o comicio realizado no Teatro Lirico de Madrid são dois fáctos dos que marcam na istória, e dévem ser olhados pela democracia portuguêza como um um grande ensinamento, como o mais alto exemplo.

A organização do partido republicano espanhol, lentamente feita na mais acrizolada fé politica, na maior luta contra os bandos monarquicos, contra as óstes da reação que tem tido em Espanha sempre o maior dominio sobre os altos podêres do Estado, é um raro exemplo de abnegação e patriotismo muito para ser meditado por todos nós, os que nos interessamos pelo triunfo das ideias democraticas.

A nossa situação politica, o nosso aviltamento á face da Europa, a nossa decadencia è tam grande, senão maior do que a da Espanha; porque a ninguem ilú le o brilho e a pompa das vizitas reais.

A nossa situação é a mesma que a da Espanha na decadencia em que caiu o ensino da mocidade, entregue a espiritos reacionarios, que se apossárão dos liceus, quando virão ciminuida a influencia que podião ter os seus colegios.

Os partidos monarquicos descêram entre nós mais baixo do que em Espanha e não á ninguem que desconheça no nosso paiz a baixeza de inteligencia, de saber e de carater dos ómens que nos tem governado. mu ioi sougrafica

El por isso que as palavras de Salmeron são em tudo aplicaveis a Portugal, excéto na força, na disciplina, no valôr do partido republicano, que está todavia dando um salutar exemplo nos trabalhos que fás, para congregação de todos os esforços dos que em Portugal se interessam pela causa democratica, numa unica vontade.

O Heraldo tratando desta sessão escreveyorg a ogal scanda sames

O verbo luminozo de Salmeron resplandecia como nunca, não so pela dinario discurso se referiu à questa sua eloquencia insuperavel, como pelo social: seu pensamento profundo, e a tarde de ontem terá de conta la na sua larga e O que eu dizia, o que eu sustento glorioza vida parlamentar como um dos dias de maior relêvo istorico. E culpia com a sua palavra os conceitos da ciencia em todas as questões e afirmaya se o mestre de todos, o que possue em maior grau o dom de fazer lus nos problemas intrincados da política e da sociologia. O Parlamento sentia-se enal tecido por ter no seu seio um filo sofo que é so mesmo tempo um artista de tamanha magnitude. Dos seus periodos grandes e oloquentes emanava um en-sino para todos, e se não o recolhem e traduzem em actos eficazes os partidos governantes, e particularmente os esperanças para o bem da patria »

Todos os jornais afirmam o exi-

pirito de reáção, que tenta dar uma aparencia de vi la ámonarquia agonizante, e a declaração de que o partido republicano espanhol, se acha disciplinado, armado e pronto a entrar no caminho da revolução.

Para Silmeron o problema religiozo é o problema capital que ou tem de sêr rezolvido com espirito de justica, inspirando-se na liberdade, com prudencia e descrição do legislador, ou então será rezolvido pelas turbas na rua com scenas tumultuárias e talvês san-

Reconhecendo o direito das religiões, insurge-se contra as ordens religiózas, contra o privilegio de uma igreja que subtrae uma parte de poder do estado, contra as congregações que com a complexa reprezentação que tem, determinam relações que afétam a todas as ordens da vida e, a respeito de direito, a estes dois termos capitais: relações do direito privado e relações do direito publico. es an anaq

Estas ultimas não se podendo defi ir nem determinar no Codigo civil, e, como é precizamente com relação a este caráter publico do problema que terão de se estabelecer rezervas de direito que tornem eficás a intervenção do Estado, com relação aos devêres religiózos, não se encontra na reprezentação do partido liberal, nem sequer mantido o que afirmára o sr. Sagasta.

Assim é que a influencia reliiloza se tem oposto e conseguido vencer todos os podêres.

Mostrou Salmeron a dezorganização dos partidos monarquicos, a falta de uniformidade de opiniões nos problemas capitais que não podem ter senão a solução aprezentada pelos partidos republicanos.

Proclamou a urgencia de atender ao problema capital do ensino, mantendo integro o espirito da juventude; porque ninguem pode ter o direito de torcer este eixo de atividade vital, mostrando a necessidade de estabelecer o ensino obrigatorio, gratuito e laico.

Para terminar transcreveremos as palavras com que heste extraordinario discurso se referiu á questão

o que perzisto em afirmar, é que a acção do legislador deve exercer-se estimulando a acção social em todas as direcções, deve consistir em orientar e preparar uma acção social, a que a intervenção do Estado, em tudo que não seja a realiz ção do fim da justiça, que é no que predominamente se formula, tem o carater de orientação e de preparação de instituições para o direito, para a propria justica e assim o acentuar, fora do partido republicano, se devem realizar reformas totais que e estando nos tratando de coisas que elevem, que justifiquem a consciencia só ao partido republicano interessam, do proletariado, que o faça sentir a in não tinhamos que ir pedir a extranhos tensidade da sua abjecta existencia o seu apoio e a sua adesão.

ainda no moral que no material; que Extranhos, entenda se, no assunto democraticos, se cumprira a profecia ainda no moral que no material; que de Salmeron de que são grupos dou o elevem integrando a representação trinarios, sem alma, sem ideias, sem da personalidade, cumprindo a sua or dem, aquela celebre indicação do grande Marx, Organizai vos» Sim, organizaivos e preparai os instrumentos e os meios lcom que á de resolver-se essa meron.

O que êle tem de capital é a luta que deve ser uma luta de razão, mais que uma luta tumultuoza inspirada pela paixão e pelas imperiozas necessidades da vida.

Partido republicano

O Povo de Aveiro transcreveu parte dum artigo nosso, a já dies publicado, com epigrafe egu lá que encima estas linhas, e em que tratando da reorganização republicana acentuavamos a necessidade de todos esquecêrem injusti cas e erros, que, se era leal e justo confessar, não era por certo conveniente relembrar impertinentemente como um embaraço a qualquer tentativa de reabilitação partidaria.

A esse trecho do nosso artigo juntou o Povo de Aveiro largos comentarios, que abriam pela declaração de que indubitavelmente se entendiam com êle as nossas palayras, visto que so o ilus trado colega dissera que o partido re publicano tem cometido injustiças e

Só ôje podemos responder ao Povo de Aveiro, visto ter estado auzente quem nêste jornal tem escrito os arti-gos pertinentes ao partido republicano: e começaremos já pela declaração terminante de que não visavam o ilustrado colega as polavras que serviram do

tema a sua contestação. Nem só o Povo de Aveiro disse que o partido republicano tem cometi do injusticas e erros; em outros jornaes deparamos essa confissão, mais ou me-nos ample; e á pelo menos um que tem apregoado bem alto, sem rebuço e sem complacencias, indisciplinadamente se o querem, todos os erros e vicios do par tido republicano, que tem comentado com onesta independencia a sua desor-ginização, a sua invelidea, as gravissi mas responsabilidades da sua atitude triste e deprimente.

Esse jornal e a Rezistencia. Vae aproximadamente em dois anos

que aqui se iniciou a publicação de modestos artigos sobre a necessidade duma larga e forte reorganização partidaria, e ao tempo ignoravamos até a existencia do Povo de Aveiro, que só algum tempo depois conhecemos e pulémos

com justica aprecier. E ao verdade é que falando do partido republicano não nos esquecemos le ao Povo de Caveiro mereceram as ônras de transcrição alguns dêsses artigos, como por nossa parte também o Povo de Aveiro viu afirmad, pot varias vezes, plena concordancia com as suas considerações, expressas na sua serie de artigos—Entre republicanos. De resto, falando dos que buscam

nos erros e injustiças do passado argumento ao seu retraimento presente, não nos dirigimos a êste ou aquelle republicano em particular, mas felamos em geral a todos os republicanos que por virtude dessas injustiças e erros se retrairam e ainda õje oppoem resisten-O que eu dizia, o que eu sustento, cia as solicitações que lhes são feitas que perzisto em afirmar, é que a para regressarem a efetividade partida-

> Sendo assim, como os colegas do Povo de Aveiro não são os unicos traidos, nem os unicos agravados segue-se que não lhes podiam ser subscritadas as nossas considerações. A mesmo uma razão que nos impe-

> dia de nos dirigirmos ao ilustrado colega: é que estando êle, como não cessa de

particular de que nos estamos occupan | bres de rara dedicação. do, visto que o Povo de Careno de dendo os principios republicanos, embora fóra do partido republicano, não Universidade Livre como sua primeira pode a êste ser indiferente a sua coopepode a este s do, visto que o Povo de Civeiro defen-

ração e os seus serviços. Feita a declaração de que se não en-

Não conhecemos senão pelos seus apreciaveis escritos o dirétor do Povo de Aveiro, não sabemos senão vaga mente dos incidentes do seu passado politico, dos seus serviços e dos seus agravos, do seu papel emfim no partido republicano, porque somos muito novos nesse partido; e por isso não podiamos fazer insinuações a quem não conhe ciamos e a quem, diga-se de passagem, nunca tivemos a louca preocupação de converter a fé das nossas esperanças

São muitos os que se retrairam e buscam nos antigos erros e na lembran ca de velhas injustiças motivo a moralharem-se numa in acessivel abstenção.

A todos esses, que ainda não fizeram, como o Povo de Aveiro, a decla ração formal de que não pertencem ao partido republicano, é que nos andamos exortando.

Ao Povo de Aveiro não nos podia mos dirigir sobre o assunto, visto que o Poro de Aveiro, segundo a sua cons tante declaração, não pertenceao partido republicano, e é agora do partido republicano que se trata.

De resto, não nos acuse o ilustrado colega de feroz intolerancia. Ou dê palmas ou de pateada, respensar lheêmos o seu direito, certos de que o colega respeitará tambem, ainda que discutindo a com toda a liberd de, a nossa ingenuidade, as nossas esperan ças e os nossos entusiasmos.

Se as nossas esperanças não falharem, teremos o prazer de ver o colega juntar os seus aos nossos aplausos; se formos iludidos, se nesta deciziva prova colhermos desenganos, tambem o colé-ga nos tera a seu lado para o corretivo da pateada.

E bastara. sob okt house. a too

Universidade livre

Comité Academico-Operario

Já neste jornal acentuámos todo o valioso préstimo da iniciativa que no de destacar as suas injustiças e erros, Porto vem de rezultar na criação duma Universidade Livre, on eminentes e estudantes ilustrados se propõem impulsar dedicamente a instrução popular. Essa iniciativa vingou corajosamente

ao arrepio da indiferença, da repulsa e das ostilidades daqueles mesmos a quem era desinteressadamente oferecida. Em raros encontrou apoio elouvor; por banda de muitos sofreu ataques injustos e mes quinhos. É, pois, ao nosso meio, um exemplo de singular rezistencia que justo se torna arquivar com boas palavras de agrad cimento e estimulo.

Em Portugal todas as tentativas fracassam de encontro à desesperante in diferença geral. Vencer essa dificuldade é verdadeiramente um eroismo. E quando a esse embaraço grande se juntam as ostilidades e obstruções de adversá rios ignorantes e desleaes, esse eroismo mais avulta no seu relêvo de força e

Os iniciadores denodados do Comité Académico Operário depararam com o parraneo da indiferença pública e galgaram-no intrepidamente; moveram lhes uma guerra baixa de doestos, calumnias, depreciações, e éles souberam triunfar pela força da sua serenidade e da sua fé; surgiram-lhes dificuldades custosas, e éles removeram nas a impulsos no

O comité viveu, cresceu em força,

Feita a declaração de que se não en-tendiam com o Povo de Avetro as nossas palavras, ficamos di pensados de res ponder a outras alegações do ilustrado deixem esquecida e abandonada, vol-

coléga, de caráter acentu idamente pes- vida a óra do regosijo inaugural. Assim como os académicos do comité procurarão, ao partir, quem nas novas camadas os substituam com o mesmo interesse e o mesmo emor pela sua obra, afim de que éla perdure e amplifique; assim como os trabalhadores se estorçarão por transmittir a camaradas dignos os encargos da sua cooperação nessa altissima tarefa; por egual se requer que todos os liberaes sinceros e onestos defendam e auxiliem essa precioza tentativa, prestando lhe todo o seu apoio e todos os recursos da sua boa vontade e dedicação.

Muito desejariamos que o exemplo do Comité Academico Operario frutificasse, que em outras terras onde á elementos apreciaveis para identicos tentamens, esses elementos se dispuzéssem a tão nobre e rico trabalho, e que todos que amam a Liberdade e propugnam o difundimento da instrução popular, não poupassem os seus inci-tamentos e favores a uma tão bela obra.

Succedera assim?

Oxala. E oxala tambem que no numero dos que vierem saudar e encorajar os trabalhos do Comite sejam os primeiros aquelles que tão inscientemente o guerrearam, os que lhe re-tiraram o seu apolo e o infamaram des-prezivelmente, sob as instigações dos patrões do socialismo.

Seria uma conversão onroza para os convertidos e gratissima a todos os sinceros e onestamente liberaes.

Pelas letras

ECA DE QUEIROZ. Presas soblasmiobe combarbaras. Porto 1904.

Bemditamente saiu mais um volume de Eça de Queiróz á luz clara da publicidade e sobretudo vieram essas paginas republicadas, atear a grande chama forte e alta que, através das edades e acima dos ómens, irá clarecendo mais e arreigando mais na admiração secular, o grande nome dêsse extraordinário artista que foi do Portugal moderno o maior e sera, no muno companheiro inseparavel dos elei-

E estas coizas doces, agora apegadas ás folhas dum livro, esses bocados incizivos e inovadores, são as primei-ras em data, são o luzir da primeira manha, foram essa possante e vitoriosa derrota no retorizar pedante das ideias, no alinhar classico do sujeito, verbo e atributo, são alguma coiza que trouxe à nossa arte, sentimento, modalidades, tons, imagmação, fibras que galvanizando, num estremeção, uma carcassa, a resuscitam remoçada e vi-

As Prosas barbaras, admiravel titulo, tem todo o caracter duma conquista armada que vem vencer; constituiram a invazão sadia dum punhado de belêzas e de forças que vieram, numa incursão ao classicismo, ao retorismo, ao pieguismo, dar ao velho elemento um rejuvenescimento, como se uma orda moça, de mulheres frescas, belas, fecundas, caisse de chofre sobre uma raça decrépita e pelo milagre da sua mocidade, que apenas tocada floria, fizesse com que duma geração exgota-da saisse, fluma legião de vida, um exercito de croes. A literatura portuguêza vegetava, agonizava pelo exces-so de taras acumuladas, essa literatura, que jazera quasi estacionária, multiplicava se consaguineamente; as ideias alargou-se em intuitos, e ai temos a vazadas num cerebro cazavam-se com Universidade Livre como sua primeira as mesmas ideias contidas noutro. Era vazadas num cerebro cazavam se com precizo trazêr sangue novo, seiva nova ao solo depauperado, Garrett e Herculano geraram já prodútos melhores porque salram da nação para buscar cor-

Uma literatura eminentemente na-

cional á de sempre ser uma literatura la istória e sobre a natureza em grandes que se reproduz a si propria.

Como na naturêza o sangue de uma estirpe tem de transfundir-se com o de outra para frutificar bem, na arte deve tambem avêr os grandes cruzamentos fecundissimos, a união numa célula nova de dois elementos dispares.

E foi Eça o que melhor o compreendeu; foi êle que no conubio da arte não quiz a parceirice das aleijadas mu zas setentonas e, num delirio de efuzão, abraçou a novidade de todas as correntes estranhas. A sua força de artis ta não quiz esterilizár-se na companhia das suas patricias obras d'arte, de todo entrevadas. Bebeu a largos golos a ci vilização do mundo, não desprezou o portuguêz como materia a trabalhar mas serviu se do francêz como lingua educativale assimilou por éla os grandes escritôres do universo. E por isso, êle nêsse vazamento da sua arte nos modelos dos outros povos, foi na incom-paravel maraviha da sua obra, uma ex ceção á sua raça, como Antéro foi outra. E d'ai vem o dizêrem-no o menos na cional dos escritôres portuguêzes, que rendo deprimi-lo, sem se lembrarem que o regionalismo, o cantonalimo, o felibrismo, em arte, se são um epizodio, não serão nunca uma étape. Mas isso fica para outra vêz, que tenho de dizêr qualquer coiza do livro.

Aprezentando as Prosas barbaras. numa larga introdução, o sr. Jaime Batalha Reis, companheiro do mestre, diz narrativamente o que era então Eça de Queiroz, esse moço esguio de lunetas tumadas, de áros muito gross s e muito negros, as suas leituras, os ábitos, a sua obra d'aquêle tempo e finalmente de como êle trouxe, na volta da Terra Santa, um monoculo novo que lhe daria, assestado á sua prosa, toda a sua ironia de mais tarde.

Colecionam-se depois os contos, criticas e crónicas de Eça de Queiroz na Gazéta de Portugal, terminando pela Morte de Jezus, publicada em 1870 na Revolução de Setembro.

O muito que à a dizer sobre êste livro recemlido, mal pode ser resumido

nestas colunas exiguas. Eça era então um romantico, di lo o prefator e confirma-o o proprio autor. Mas o seu romantismo é já atenuado. progressivo, quazi se sente escapandose. Predominarão ali talvês as influen cias alemãs; á na verdade uma figuração mitológica das crenças nordicas, nixes, elfos, wilis, peris, eque passam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos, mas sobre esses cenários germanicos ergue-se diferente e ja integra, a per-sonalidade do escritor. O Senhor Diabo, que é no fundo uma lenda germanica, complica-se de sensações peninsulares, vibrando através duma maneira nova que sendo cristã e ibérica na pintura do Cristo, preximo parente dêsses inu-meros Cristos milagreiros de toda a Espanha que á porfia realizavam movi mentos espantosos para os seus corpos de pau ou de marfim, é já absolutamente original na figuração do diabo com se nhoria, acompanhado do seu Ganime des, o amado de Jupiter.

E na ironia daquele final, no sen sualismo das quadras, á uma novidade alheia á influencia alema. Qualquer germanio seria naquêles casos ou mis ticamente idealista ou serenamente in transigente. O diabo alemão ou é anjo ou é bruxo, scéptico e filosofo nem mesmo em Goethe o foi! E Heine e Hoffmann não bastam para explicar essa

O poeta do Atta-Troll com toda a graça dos seus lieder, com toda a sua arte original, é muito mais doloroso.

As Notas marginaes, por que o livro abre, são duma ternura idilica e mais diretamente filiadas em Heine pela sua unção meia biblica, fazem lembrar pela, fórma aforistica e enlevada, au mentada é claro duma mais refinada sensibilidade, esses trechos primorosos que se encontram nos gregos, que alguns latinos fizéram e que são a forma preferida dos arabes; nos divans e antologias orientaes não é dificil depararem se nos semelhanças destas.

O Entre a neve ê um conto absolutamente perseito, duma simplicidade tocante, de sorte composição. Não so por êsse ritornelo branco e persistente de a neve caia que se vae acumulando até ser num bloco o fecho da obra, mas tambem por êsse final incisivo e curto, pensa-se num russo, Pouckine ou Tourgueniés que tivesse lido Maupassant.

A Peninsula, o Lume e Memorias duma forca são dêsses pedaços lumi-nozos que Eça gostava de bordar sobre Cabral e Maria do Carmo Lobo.

sinteses coloridas e de que êle deu o maximo, no Adão e Eva no Paraizo, êsse trecho assombroso que conseguiu dar vida e som e côr ás aridas descobertas da paletnologia e da preistória. Eça era um espirito cultissimo, conhecia as civilizações mortas, a evolução da terra, as fases do mundo e por isso êle poderia ter sido, assim com grandes pinceladas evocantes, um istoriador artista cheio de fantasia como um O.iveira Martins que fosse mais poeta.

Macbeth A ladainha da dor e Mefistofeles, são temas sobre a musica, onde á imagens vigorozas e conceitos

Os mortos, Misticismo umoristico e

O «Miautonomah» são tres bélas cronicas e Lisboa podia entrar nas Farpas. Uma carta, evocação dos tempos

de Coimbra e delicioza de pitoresco e vivacidade e faz pena que Eça não tivesse escrito as suas memorias; seriam surpreendentes.

A Morte de Jesus, incontestavelmente bem feita, encanta menos, depois dêsse sonho prodigioso da Reliquia de que é quasi uma preparação.

Não posso deixar de louvar os srs. Lelo e Irmão pelo belo serviço que vem prestando com a edição de toda a obra de Eça e não posso tambem deixar de estranhar que fossem excluidos dêste livro alguns trechos, como essa Sinfonia de abertura e outros que no prefácio se mencionam como

Quando se trata dum escritor como Eça de Queiroz não á o direito de subtrair á publicidade uma linha sua. Se não para o grande publico, ao menos para a critica, todas essas parcelas esparsas são optimas fontes de estudo e é dever divulga las. Assim, é de esperar que saiam a

lume, esse poêma inédito de Eça, A tentação de S. Jeronimo, a parte elaborada do S. Frei Gil e muito essen cialmente, é necessario que se publique a sua correspondencia volumoza e segundo creio, interessantissima.

Não pode aver escrupulos em en tregar á umanidade, sua erdeira, todo o espólio artistico dum ómem que a ella pertence agora.

Manoel de Sousa Pinto.

Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz

Nos dias 19 e 20 de dezembro de 1903, a Associação dos Bombeiros Vo luntarios da Figueira da Fóz comemó ra o seu vegezimo primeiro aniversa

O programa das festas é o seguinte: Dia 19 - Alvorada pelos clarins do corpo átivo e Filarmonica Figueirense.— Assembleia Geral Solemne ás 2 horas da tarde. - Condecorações devidas a bombeiros. - Vizita a sede da Associção e cáza esqueleto, e á noite ilumiminações. — 1 * recita de gela no teá tro Principe D. Carlos. — Ostras & Camarões. Revista de Costumes popula res de Lisboa, Porto, Coimbra, Figuei ra da Foz. Em 2 stos e 8 quadros alegóricos, ornada de múzica, cantos e danças dezempenhada pela companhia dramatica sob a direção do ator Ex. me Sr. Ernesto Freitas e Concerto pela Fi larmonica Figueirense.

Dia 20 — Exercício g ral dos bom-beiros, abrilhantado pela Filarmonica Figueirense. — Jantar ao corpo átivo ás 4 horas da tarde. — 2.º récita de gala no teatro Princise D. Carlos.

Associação do sexo feminino

Realizaram-se no passado domingo as eleições para os cargos administra tivos, désta associação de socorros mutuos, ficando eleitas as seguintes

ASSEMBLEIA GERAL. - Presidente, Maria de Jesus Batista Vale; Vice pre sidente, Maria da Conce ção Lourenço; 1.4 secretária, Ermelinda Travassos Arrobas; 2.º dila, Julia da Conceição Rocha; 3.º dita, Augusta d'Oliveira

Direcão - Presidente, Maria da Conceição Teixeira; Vice presidente, Virginia d'Oliveira Machado; secretá ria, Maria do Carmo Silva; Vice secre tária, Raquel Paiva d'Oliveira; Thesoureira, Maria Adelina Simões; Vogaes, semanas e aos mêzes. Maria Luiza Paula e Julia Ferreira.

Conselho Fiscal - Palmira Costa, Miquelina das Dores e Adelaide da a medida.

Ao "Tribuno Bopular,,

A ultima cronica que aqui publiquei firmada com as minhas iniciais provocou as iras do Tribuno que me responde num suelto baixo e descomposto.

Não extranha o Tribuno que nos saissemos a defender Ferreira da Silva, quando o viamos insultado. Sabia por isso o Tribuno o que fazia, quando publicou a sua cronica para vingar pretendidas ofensas recentes á gravidade de suas lentencias.

Era de esperar que, dêsde que o meu artigo era firmado, o meu contendôr anonimo respondêsse firmando o seu com o seu nome.

Mas não só o Tribuno não fês isso, como veio anonimamente, num suelto, deslocar a questão com referencias

Quando assim se desloca uma questão, quem préza o seu caráter firma os artigos que escreve, para que se lhe possa responder no mesmo tom.

A propozito de uma injustiça feita a Ferreira da Silva, de quem sou amigo e cujo talento e caráter admiro escrevi um artigo leve sem outro valor mais que o de um cavaco de café.

Se, para alguem que se julgava vi zado, podia avêr aluzões dezagradaveis, eu não me tratava a mim com menos aspereza do que ao autor do artigo.

Firmei o artigo com as minhas iniciaes, esperando que na resposta o Tribuno fizesse o mesmo.

Era o que avia a esperar, é o que avia a fazer, se o Tribuno quizesse alguma coisa de mais nobre, do que insultar-me, e fugir a responsabilidades escondendo se no anonimo depois de vir deslocar a questão com referencias

Ao artigo firmado do Tribuno eu responderia, retirando o que ouvésse a retirar, acentuando o que houvesse a acentuar.

Toda a jente, nesta terra, me conhece bem para saber que nunca deixei de fazer justica a quem a devo, quer seja monarquico, quer republica-no, quer seja doutor, quer analfabeto. E, por o que se tem dado mais de uma vês, até mesmo com o Tribuno,

estou sempre pronto a emendar con ceitos, quando me convenço que errei, e a fazer justiça inteira aos meus adversários.

Não o quis assim o Tribuno veio anonimamente ofender-me com refe rencias pessoais, deslocando comodamente a discussão.

Respondo, apezar da insolencia, sem conseguir indignar-me.

Quando se publicou o último regulamento das faltas, eu comecei a recuzar-me a vêr estudantes.

Sou na verdade um ex clinico de estudantes; mas julgava que o facto, apezar da sua aparente irregularidade,

me onrava. Deixei de ser clinico de estudantes; porque por ábito velho, não dou a ninguem o direito de duvidar da minha probidade.

Não tornei por isso a vêr senão alguns com quem tinha avença porque estavam em tratamento de doença moroza, e foi sempre essa a minha norma, porque nunca explorei doentes, e se sou médico por profissão, nunca fis disso modo de vid facil.

Fóra disso, não faço a estudantes senão vizitas impostas pela caridade, ou pelas minhas relações literárias, mas, mesmo nêste ultimo cazo, se a intimi dade o autoriza, peço que me excuzem.

Se adótei esta nó ma de vida, é porque me repugnou a lei, sobre tudo impósta por um médico, salvo o respeito e amizade que tenho pelo sr. reitôr da Universidade.

Repugnou me a tutéla da Faculdade de medicina, apezar de devêr sempre a todos os professores da Faculdade, que fazem clinica, as maiores atenções as referencias mais elojiozas.

Só à dias soube que os professores ficavam sujeitos tambem a fiscalização da reitoria, quando o meu amigo dr. Angelo da Fonseca me disse que vinha de verificar que o sr. dr. Padua tinha um estudante de cama com toda a

Nunca me passára pela cabeça que a confiança do se reitor nos professõres da Faculdade de Medicina mudasse ás

Não me parecia que fôsse o meu procedimento que tivésse autorizado

E, como é necessario citar nômes para responder a um artigo anonimo,

direi que o sr. dr. Assis Teixelra me] extranhou um dia que a minha clinica icasse estacionária, quando tanto subia doutros que se aviam formado depois

E não passa o sr. dr. Assis Teixeira por pouco meticulozo nêste ponto.

Quer o Tribuno atribuir os meus artigos ao despeito, em que me deixou para a vida inteira, o mau sucesso dum concurso. Mente!

Eu tenho me rido a vida inteira da pedantaria da universidade, do falso saber, da gravidade falsa.

Fi-lo durante toda a minha vida académica: nunca mendiguei classificações, nem nunca soube babar-me de bajulação.

O que escrevo ôje, escrevi-o sem-

Leia a Gazeta de Coimbra, leia a

Os meus artigos conhecem-se bem, as raras vêzes mesmo que não vem

Leia a Gazéta Nacional e veja o que eu escrevi em pleno trabalho de concurso, no numero do carnaval.

Ataquei sempre a pedantaria universitária, a lentíce, mas nunca fis da Faculdade de Medicina o objéto dos meus ataques, e tenho cooperado sempre com éla, não perdendo nunca ocazião de publica ou particularmente re pelir tal insinuação como ofensiva do meu carater.

Podia-lhe citar exemplos recentes. Eu sou ôje o que fui sempre.

O que escrevo ôje é naturalmente mais irritante; porque vem de uma convicção mais funda.

Por o que dis respeito a minha si tuação evidente no partido republicano tenho a porque me foi imposta.

Os lugares com que me tem onrado nunca os pedi, recuzei-os sempre; por que me não reconheço com aptidões para os exercer.

Tenho tido porem de ceder a exigencias de amigos, e assim é que por impozição dos meus amigos José Falcão, Antonio Augusto Gonçalves e Afonso Costa eu tenho tido de aceitar cargos em que vae a confiança do partido em que milito, e a consideração de quem mos impôs.

Posso arrostar bem com os desdens do parvo redátor do Tribuno.

Vae longo isto e é necessario ter

Se alguma impressão dezagradavel me fês a leitura do suelto do Tribuno, foi por saber que na redáção do Tribuno está o sr. dr. Pádua, professor da Universidade e medico, e alguem, que pão eu! poder atribuir ao meu amigo responsabilidade nas calúnias e sandices do Tribuno.

Estâmos numa terra pequena. Conhecemo nos todos,

As assignaturas por si só, corres-

pondem a declarações. Ponha o autor o nôme no suelto que publicou anonimamente que eu dezafio-o a que possa provar que a sua vida é tão digna como a minha.

Seu canalha! om tank ababight

Comentarios, pelo rev.º Pa dre M nso. Está publicado o n.º 7 de Dizembro sumario: Previa-Velhos-Al ma Patria-Creanças Uma estatue. E editado pela Livraria Central de Gomes de Carvalho-Rua da Prata-160 Lis-

O Impossivel Regresso-Episodio-por Cesar Porto. E' editado pela Livraria Central de Gomes de Carvalho-R. da Prata-160 Lisbôa.

Tragedia Antiga, por Cesar Porto-Representada no theatro D. Amelia de Lisbôa, em 19 de No vembro. Dedicada aos criticos teatrais Henrique Lopes de Mendonça — D. João da Camara—Dr. Joaquin Coelho de Carvalho-Adrião de Seixas e Raul Brandão. Editada pela Livraria Central Gomes de Carvalho-Lisbôa.

Problemas para as aulas de Instrucção Primaria das 2.º 3.º e 4.º classes, por Manuel Joaquim da Cos ta-Editada pela Livraria Central de Gomes de Carvalho-Lisbôa.

Gazeta das Aldeias Está publicado o n.º 214 de 22 de Novembro já não vae mal... proprietario e dirétor Julio Gama.

Literatura e Arte

Auto Pastoril DE PEDROZO RODRIGUES.

Para quem tão boas e lizonjeiras palavras disse de mim, nêste mesmo jornal, eu só dezejaria ter eguaes expressões de incitamento e de elogio. Mas, por muito que seja o meu empe-nho, não me é possivel dizer bem da primeira obra do sr. Pedrozo Rodrigues - como péça dramática; porque, como fantasia lirica, salva-se alguma coisa daquêles versos que são, de quan-do em quando, duma técnica imperfeita mas em que tambem aparecem algumas imagens agradaveis.

O que, no entanto, mais entristece no livro do sr. Pedrozo Rodrigues, é a ideia de resuscitar, uma forma antiga, sem vitalidade possivel no teatro contemporaneo, porque não comporta o estudo complexo de caratéres nem o desenho claro e vigoroso dos personagens ou a dramatização dos átuaes conflitos.

O auto foi um progresso quando apareceu, é claro; mas, depois de toda a avançada dos novos idiaes êle não ode senão representar - mesmo em Portugal, onde se conservou até tão tarde - um precedente interessante e de valor ao teátro moderno. M is nada. E vai esta explicação toda porque o sr. Pedrozo Rodrigues parece ter esquecido um pouco a istória literária e a sua filosofia.

Querer por o nosso sentimento dagóra dentro de fórmas antigas - e classicas porque precisamente serviram para exprimir o passado, - é um processo que, sendo velho nunca deu glória a ninguem por muito tempo. Assim ouve, entre nos, o sr. António Correia de Oliveira — e digo ouve porque este Poéta está intaipado e estrangulado na sua imovel e estreita fórmula de arte. E o seu talento, e o seu sentimento da Naturêza são muito grandes, mas não à talento que resista a essa asfixia. O sentimento muda e, mudando, requer novas fórmas - onde caiba livremente. E todo o escritor que não procura ser sinceramente do seu tempo e do seu meio - inutiliza-se.

(Isto é tão velho que quasi custa a

E' assim que o verdadeiro Poéta

portuguêz dagora, o que m is sente a sua Patria e a sua geração, no que éla tem de incerto, de dolorozo, de sau-dozo, é Fausto Guedes Teixeira que não uza uma locução antiga e o geito amaneirado de tan os que por sí enxa-mêam e vivem no culto de uma Arte preistórica e que, tornada imortal pelos que a seu tempo a cultiváram, se torna ridiculamente sediça nas mãos dos Bernaldins contemporaneos.

Mas dêmos de barato que o sr. Pedrozo Rodrigues foi um artista conscienciozo e probo, bem orientado e feliz em resuscitar o Auto. Assente-se em que só por êsse lado se deve examinar a sua obra e que só assim éla pode ser imparcialmente criticada: e verifique-se depois se a peça tem, ao menos, qualidades scenicas - indispensavel atributo numa obra de teátro.

Não tem. O movimento é quasi nulo, as cenas monótonas, a áção ne-nhuma. Não á interesse; e não me digam que é isso mesmo que sucede com esta forma dramática: é ler Gil Vicente acha-se lego a prova do contrário. Veja-se, por exemplo, o Auto da divisa de Coimbra, que é dos menos interessantes.

E, depois, todo o Gil Vicente tem um sabor ingenuo e candido - o que positivamente não á na pastiche do sr. Pedrozo Rodrigues, conhecedor da Arte moderna e que tanto tem usado dela.

E, não avendo áção no Auto Pastoril - poderia aver, so menos, dezenho de caratéres; mas não: toda aquéla gente é dúbia e incerta : o Pastor Ruivo, que ch ga a ser tão mau, sparece cheio de bons sentimentos, dum momento para o outro e sem motivo plausivel. E' tudo vago, sem ligação fundada; procura se inutilmente uma cena; uma figura que nos traga a consolação de se poder dizer; aqui deixou o Autor um pedaço de talento!

Por tudo isto, e pelos versos e prosas que tenho lido do sr. Pedrozo Rodrigues — quer me parecer que êle dará, pela delicadêza e extranhêza das imagens (e note se que esta opinião é devida mais aos outros escritos do autor que a êste último) um Poeta de imaginação - como é, sem comparar, o incomparavel Eugenio de Castro.

E vamos lá, meu caro Amigo, que

doño de Barros

Recenseamento eleitoral Avizo

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguesia a inscrever se no cadastro da mesma Comis- por pagar decima são, pstente na Praça do Comércio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estej m e tenham direito a essa missão do recenseamento

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não es- profis ão, morador na rua de... n.º... tejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de idade, beze essencial para a revizão do recensea mento próximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem f zer o seguinte requerimento:

Il. mo Rev. mo Sr. paroco da freguezia

Fulano, estado, profissão, de ... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n. requer a V Rev.ma lhe passe a sua certidão de idade, para fins eleitorais, izenta de imposto de sêlo e quaesquer emolumentos ou salários, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901. Coimbra, etc.

E. R. M.

aos párocos das respétivas freguezias, que teem obrigação de passar as cer tidões no praso de 3 dias, gratis, e em papel não selado, e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabilião.

A comissão lembra também que o prazo para a inscrição no recensea mento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proximo.

Requerimento de inscrição por saber ler e escrever

III.mo Ex.mo Sr. Secretario das Co missões do recenseamento.

F... filho de F... e de F..., na-tural de..., de... anos de idade, estado, profissão, morador na rua de . . . n.º... andar freguezia de... desejando a sua inscrição no recenseamento por saber lêr e escrevêr como prova com esta petição feita e assinada pelo seu proprio punho, na conformidade do n.º 2 do artigo 1.º e n.º 7.º do art. 21.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

> Pede a v. ex. se digne mandal-o inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.

Assignatura

Este requerimento tem de ser feito e assinado pelo proprio, perante o Gomo cabelião que assim o deve declarar ou enchente.

Folhetim da "REZISTENCIA.,

H. DE BALZAC

0 mendigo

- Meu filho, disse o senhor de la Bourdaisière, reconcilia tè o mais depressa que pudéres com os bons reliiozos de Marmoutiers; chamaram sobre ti a cólera do céu, e....

- Reconciliar-me com gente que quer invadir a erança de meus avos, que fás guerra ao descendente dos seus benfeitores!... que vão para o diabo!... rio-me das suas sentenças papais, e veremos como se ão de de fender dos meus ómens darmas!

- Virgem santa! exclamou o velho de la Bourdaisière, quéres fazer cair sobre Roche Corbon todas as bandeiras da Toursine? Quéres fazer cercar, e destruir de alto a baixo o teu castélo?

- Queria vêr isso!... respondeu o barão tomando uma atitude guerreira; então levantava todos os meus vassálos e todos os meus ómens, e fazia cair sobre os sitiadores todo o chumbo das vidracas do meu castélo, emquanto esperava pelo seu socorro; Roche Corbon e la Bourdaisière reunidos podiam pôr a saque toda a Touraine.

-Nada! ... replicou o velho senhor,

perante o paroco da freguezia que | MANOEL DE SOUSA PINTO ateste e jure em como foi feiro na sua presence, sendo a identidade atestada e jurada em seguida pelo regedor.

on for kiles franco Requerimento de inscrição

Ill. " e Ex. mo Sr. Secretário da Co-

F... filho de F... e de F... na-tural de ... de ... anos de idade, estado, andar, fregueria de... desejando a sua inscrição no recenseamento eleitoral, visto ser colétado por contribuições diretas do estado em quantia superior a 600 reis, segundo o n.º 1.º do art.º 1.º e n.º 2.º do art.º 21.º de decreto de 8 de agosto de 1901.

> Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na relação dos eleito res da sua freguezia.

> > E. R. M.

Ditestagell an abalance Assignatura

> Requerimento para atestado de contribuição

III.mo Ex.mo Sr. Escrivão de fazenda do Concelho de ... sano o escopulitarios

F..., estado, profissão, de... anos de idade, natural de..., morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... párocos das respétivas freguezias, preciza para fins eleitoraes, que v. ex.* lhe passe por certidão o que a seu respeito conste da matriz... (predial, renda de casas, industrial, etc.) na conformidade dos art. 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1001.

> THE TO LE. R. MOD

Requerimento de residencia

III. mo Ex. mo Sr regedor da freguezia de..., F..., estado, profissão, idade, natural de... morador na rua de... n.º . . . andar, freguezia de . . . dezej ando inscrever se no recenseamento eleitoral e segundo o di posto nos artigos 30.º e 37 º do decreto de 7 de agosto de 1901.

Pede a v. ex. se digne passar lhe atestado de como mora nesta freguezia.

- pull tale show E. R. M.

Assignatura milinoo neno predi

Tentro Lisbonense

Representa se oje neste teatro a comedia A voz do sangue, em 3 atos, e a comedia Não tem titulo, em 1 áto. Como de costume é de esperar uma

afagando levemente a terceira prega da barba, nunca puxarei da espada contra os eleitos do senhor. Irias, meu genro, tirar-me do inferno, se la me deixasse c. ir? e, se tivesse um castigo merór por te socorrer contra uma cruzada prégada por D. Elias, seriam as tuas orações, infiel, capazes de me tirar do fôgo do purgatório?... Já te disse, Ombert, toma cautéla com a tua salvação.

- Ora deixe lá, meu pai, se eu estivesse realmente atrapalhado, o senhor éra lá capás de me abandonar pelas estupidas alegrias duma reconpensa incerta! Ora! Quem sabe o que será feito de nos! Pode benzer se a vontade, sabe bem que sou um rapás bravo e bom, e que o Padre eterno ade pensar duas vêzes antes de condenar um escudeiro fino como eu, que corre o anel como nenhum outro e que não poupa os ossos em campanha.

Quando o barão acabava este filosofico discurso, voltou os ólhos para o mosteiro, e parou de remar de repente, tanto ficou prêza a sua atenção pelo espétaculo que se lhe ofereceu á vista.

Dissemos que entre o mosteiro e o castélo se estendia um longo rochado, caprichosemente dentado pelas aguas

do Loir, que dominava. Ora tinham traçado sobre este rochêdo inculto, um caminho que la ter ao mosteiro; este atalho partia de uma porta aberta no muro que rodeava o jardim no começo da fortificação, sobre que estava a avenida das tilias, e que subia ao longo do rochedo até aos muros da cêrca do castélo.

A UNICA VERDADE

Offil & Droma, em 2 átos

AHRMI Preco 300 reis ESBAY

Editor - Moura Marques

Nocões elementares -DE or sain

ARIMÉTICA PRÁTICA

ADELIND LOPES CARREIRA

Acha se já a venda este livro, ma gnifico trabalho, que bem attesta a competencia, dedicação e amor do seu autor, pelo ensino da ciencia dos nu-meros, e de tantas outras diciplinas. Está ela escrita de fórma a poder

ser estudada sem auxilio de mestre, e comprehendida por todas as intelligencias, seguindo uma arientação diffrente de todas as que existem, e trata desenvolvidamente como nenhuma, de todos os culculos arithmeticos.

Contém 400 paginas aproximada mente, nitidamente impressa em bom papel, formato 22-14 e o seu preça é: brochada, 12000 reis; encadernada, 1#250 réis ; e a fasciculos, 1#200 réis No 1.º e 2.º caso acresce 40 réis

de porte sendo enviada pelo correio. Os pedidos das provincias devem ser feitos ao editor Francisco António d'Aguist, Figueiró dos Vinhos, e os da capital a livraria Avelar Machado, 10 rua do Poço dos Negros, Lisboa.

Rudimentos de agricultura conta no Arco nor medina no

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direção geral d'instrução publica

Preço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

ANUNCIOS

ANUNCIO

Os erdeiros do presbitero José Si mões Dias, morador que foi ne rua da Trindade, 20, rogam a todos os credores deste, o favor de mandarem as suas contas para a casa que foi da sua residencia, dentro de trinta dias, para serem pagas sob pena de conclui-rem que não devia cousa alguma a

Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

O barão para proibir aos relijiozos o uso daquele atalho perigôzo, que conduzia, através do seu parque aério. até ao caminho de Blois, e evitava as sim uma grande volta, tinha sempre a pórta fechada.

Nesse momento, apercebeu um des conhecido extravagantemente vestido, que parecia caminhar com dificuldade pelo atalho pedregôzo, agarrando-se as raizes e ás urzes que cresciam no ro-

O desgraçado ignorava provavelmente o perigo d'aquêle caminho suspenso sobre as aguas, porque chegava aos sitios mais dificeis, sem tentar

evital os. A distancia não deixava vêr as feições do impradente, que tentava aquéla passagem perigoza. Ombert gritou lhe;

-Não sabe que êsse caminho não tem saida e que se arrisca a perder a

Antes que o roi lo da vos tivesse chegado sos ouvidos do visjante, êste ultimo escorregou e caiu sobre os cardos que formavamuma especie de sébe por cima das aguas; ficou lá um minuto; mas o esfôrço que fês para se agarrar a alguns râmos por cima dos rochêdos déram um impulso aos cardos que se dobráram e deixáram de o se-

Imediatamente Ombert se dirigiu com pericia para o lugar em que o desgraçado tinha desaparecido, e, tendo pedido ao sôgro que mantivesse a bar justilho e deitou-se á agua,



BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

comenies a establicicomentos desin natureza

contra-se a veriging cases veriado

difficil se torun commera la-

Doces de tructa

Pabela de preços de venda a miudo (1 de julho de 1903).

des de primo	Garrafio de 5 litros	Garrafa de litro		Garrafa vo	
		I.	6	100	12
Tinto GRANADA	550	120	860	85	900
> CORAL	600	130	720	90	950
Branco AMBAR	650	ATTO	WHI.	100	1\$050
TOPAZIO	-	14	2301	120	1\$300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafão ou duzias ene de garrafaso cobrav ando e

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 rais para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custor il Pao de lo pele attima de

Especialidade em vinhos generos Prevenção. Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se da fatura ao comprador. ne comprador

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.
A' venda na casa

Ladeira & Filho

Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel

Applica se em fricções durante dois miuutos colocando-se depois um pacho d'algodao hydrophilo do mesmo topico por algumas óras. Preço de cada frasco 300 reis

Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio-COIMBRA

ACETILENE

Instalações completas. Grande de-posito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho Praça 8 de Maio COIMBRA

LOJA

Arrenda se uma, no largo do Cas-télo n.68 19 e 20. Serve para estabelecimento de qualquer género.

Trata se com Antonio Dias Temido, na rua de Ferreira Borges n.º 133, Coimbra.

-Está doido! murmurava o velho Le Bourdaisière que suava às bagadas com o trabalho em que ficara e com o cuidado pelo gênro; vae arriscar a vida por um ômem que não conhece e insulta os bons ben diunos ...

tação o borbulhar do rio que de vês em que estáva a barca.

O barão e o sogro, subindo os diferentes terráços, chegaram ao planalto

Por fim apareceu o barão e, ajudado em que estava o castélo. por o sôgro, tornou a entrar para a vado de sentimento.

-Boa pésca! exclamon o velho olhando para o fato do desconhecido, nunca se enforcou mendigo mais porcoloin b- abatalfa

dos seus cabelos compridos, a corda as armadúras e as lanças que brilhavam que o prende pela cintura é ainda boa como se fossem de prata; alguns creados para o enforcar. Então? ponha lhe a tratavam de belos cavalos, emquanto cabeça na borda da barca, resfolgara na ponte levadica descida uma sentinéla se quizer; quanto a mim acabei o fazia a guarda, com o seu arcabus e

Então o barão, molhado como estava, tornou a pegar nos rémos, e, logo que chegou a especie de pôrto em que se prendia a barca, tocou muitas vêzes na tronpa e começou a subir os degraus gurar; caiu no Loire, que era rapido e da escada de pedra que levava a pla-fundo naquêle suio. A RAMATO taforma das tilias, sem se importar mais com o mendigo.

Proche I disse Ombert ao creado cavaleiros prontos para acorrer em caso velho, que lhe apareceu primeiro, veja de ataque. pedido ao sôgro que mantivesse a bar se êsse cão que eu pesquei vive sinda: ca no mesmo sitio, tirou o gôrro e o deixe o enxugar e ponha o a caminho... Depois, pensando melhor; - Mando-te

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietário da Padaria Popular, Largo da Freiria, n. 12 e 13, a rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado aceio na manipulação.

Além disso o seu proprietário com atividade e zêlo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do país, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiéne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabele imento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguéses.

que tenhas cuidado com êle. Entendêste?...

Roche olhou para o fato molhado do dôno e sacudio duas ou três vêzes. a cabêça em sinal de descontentamento; depois, erguendo para o ceu a mão Mas, dizendo estas palavras, o digno esquerda, a unica de que se servia, senhor observava com uma viva inquie | encaminhou se lentamente para o sitto

Passando com precaução por baixo barca puxando um côrpo rijido e pri- das janélas dos quartos, chegáram a

porta do palacio que dava para o pateo.
O senhor de la Bourdaisiére olhou para os muros da cêrca com uma especie de satisfação e sorriu para o quadro que se oferecia aos seus olhares no - Ora sdeus! replicou o barão lim-pando a cabeça e deitando a sgua fóra armas e os seus escudeiros impávam trompa de caças porque nêstes tempos de revolta podia passar uma trupe de écorcheurs e ama granda companhia comandada por muitos senhôres sem dinheiro, e vivia-se em tempo de pas, como se se estivesse em tempo de guerra. Chegava se a ponto de que, quando o castelao queria pussear, subiam ás lan-ternas duas sentinélas e ficávam sempre

Budmie J ms of (Continúa.)

150 - Rua Eerreira Borges - 156 COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, en contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos con cernentes a estabelecimentos desta naturêza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados dôces sortidos, para chá e sorrées, em grande e bonita variedade que dificil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como cristalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primo-rosa fantasia, denominadas Centros de mésa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flo retras, Lampreias, etc., etc., proprias para banquetes.
Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de

fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de 16 pelo sistêma de Margaride, já bem conhecido nesta cida de, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e ex-

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

IJIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e

Ladeira & Fisho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objétos de escritório.

SILVA & FILHO

ADDUBBIODE Pábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - Coimbra Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc. Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (Franca)

INDICAÇÕES

Para uso interno: - Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo: - Em differentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex. me sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro - Preço 200 réis Deposito em Coimbra-PHARMACIA DONATO 4, Rus Ferreirs Borges, 6

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal. Tambem se arrenda a loja do mes-

mo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos-

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em depo sito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tama

nhos. Variada e grande colécção de ciindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estran geiros que vende pelos preços das prin-cipaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, exempregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilisando-se pela perfeição e so-lidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - Rua Ferreira Borges - 56 (Em frente ao Arco d'Almedina)

-www.

Abriu este aovo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estran

Ha tambem uma grande yariedade em flanellas e panos pretos para ca pas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa-ria, gravatas, luvas, etc. Pede-se ao publico a finêsa de vis tar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.0

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapa-teiros, n.ºº 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, prória para estabelecimento de qualquer género.

Trata se com David de Sousa Gon-cálvez, rua da Moéda, Coímbra.

Opa de seda nova

Vende se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes des Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

Consultorio dentário

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho Medico pela Universidade de Coimbra

♦ ♦ ♦ ACYTILENE ♦ ♦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco - Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante - 100 vellas por bico GASTO: -5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIERE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

MUDBBULLE

em 1882, com diploma de merito e medalha de cobre na Exposição Districtal de Colmbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, sipho:s para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. - Todos estes artigos são de boa construcção e por

PRECOS ECONOMICOS

💠 💠 💠 Pedro da Silva Pinho Coimbra 💠 🗢 🗢

29, Rua de João Cabreirs, 31 - COIMBRA

COLE AT OUCHE

O melhor aparelho para banho dou che que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - Coimbra

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques Sucursal em Coimbra

99-Rua Visconde da Luz-103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura-Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vi-

brantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem se a prestações e a promto pagamento. Aceitam se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Accitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos

COLEGIO LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino Figueira da Foz

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primária e instrução secundária (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semiinternos e externos.

Enviam-se regulamentos, progra mas e quaesquer informações a quem as pedir ao dirétor.

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Grandes descontos aos revendedores

Associação Vinicola da Bairrada

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

450, R. Ferreira Borges, 456

Modista de chapeus

Com um esplendido sortimento de chapeus para senhoras e crianças, no antiga e acreditada casa, para se certi- que a de maior novidade, chegou a ficar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as póde equalar na perfeição do seu maquinismo. esta cidade e instalou se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a egualar na perfeição do seu maquinismo. estação de verão esteve em casa do

sr. Augusto Palhinha, Convida por isso as suas ex. freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Primestre Sem estampilha: 50 ob 133162-11

Ano 220400

Brazil e Africa, ano.... 32 600 reis Ilhas adjacentes, > 3#0000 >

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 % 15 minento

Comunicados, so réis a linha. Réclames, 60 ,

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado, submodi al o m

Avulso 40 reis

queles pera quem estes dias

E 5 5buss a sinus

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

guinte, que gostozamente publica PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redação e administração - RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

de forces quero sesantingodit aniono

Diante désta obra de sinceridade

-Domingo, 20 de Dezembro de 1903

siguem capaz de compreender, sentir e exprimir a ale ON Acza q O ida. E nije é exprimi-les secamente ou cien- gratuita

Contra a ignorancia

Se á tentativas que mereçam ser exaltadas com grande e incitante louvor, as que tendem ao cuidado da instrução, á luta nobre e fecunda contra a ignorancia, ocupam justamente o primeiro logar.

E quando essas iniciativas se lançam e procuram realizar, a esforços eróicos, num pais como o nosso em que os governos, absorvidos na tarefa exaustiva da consolidação partidária, não têm atenções nem vagares para as coisas minimas da da instrução, que mesmo por desleixo, incapacidade ou definido proposito de baixa defêza, por completo nha digna e fruteante em prol da descuram, mais direitos ganham á reconhecida consagração dos que que por tais assuntos se interessame in somed a other per me out

Instruir é libertar, bater preconceitos, superstições, receios, formar o ómem onde só avia o bruto, crear uma vigilancia prestimosa e alta de consciencias onde só era possivel um tumulto desordenado de instintos. Pela instrução se eleva e fortifica um povo, ela é a causa determinante do seu adeantamento crescente, da sua emancipação progressiva, armando o ómem para a luta contra todas as tiranias que o oprimem e vexam.

A' medida que a instrução alastra os velhos idolos e os velhos tiranos caem e abdicam vencidos do seu poder, distanciam-se todas as balizas postas ao caminhar triunfante do pensamento livre; e isso explica que todos os regimens decrepitos as filosofias a desfazerem-se na inconsistencia das suas cancadas argucias, todas as religiões a extingui- quer agrupamentos particulares, exrem-se pelo desprezo estrepitante que abala o seu dogmatismo fundamental, procuram na ignorancia des massas ou na deformação dos espiritos por um ensino ajustado, os elementos que lhes assegurem por algum tempo mais a vida dificil e ingloria.

No seu monumental discurso sobre a instrução, que á pouco destacou soberanamente no congresso espanhol, o deputado republicano Melquiades Alvares fundadamente proclamou que a causa do fanatismo e da intolerancia barbaresca, residia nessa órda compacta de doze milhões de analfabetos, que eram a vergonha do seu país.

Que tal vergonha requeria ur- te certos sucessos. gente combate, pela escola disseminada, o ensino volante, a colonia escolar, a extensão universitaria, acrescentou, e de fáto para o exterminio dêstes elementos de reáção como para o aproveitamento de todas essas forças perdidas ou anuladas, devem os verdadeiros democratas de todos os paizes voltar as suas atenções cuidadosas.

Sem isso não poderão nunca triunfar absolutamente, faltar-lhe-á a sanção da consciencia geral, perdida ainda na treva espessa dos preconceitos antigos, terão de sofrer a intuitos.

cada passo as ostilidades perturbadoras da intolerancia acirrada, coagida pela força á aceitação dum novo regimen, mas impenitente na sua credula e subsistente ignoran-

Por toda a parte um tal programa se aceita e defende, e, como na França, os governos democráticos travam luta dura contra a reação, para lhe arrancarem o ensino, que é a sua arma mais poderosa.

Na propria Espanha, que tão estreito paralelismo corre comnosco no tocante ao contigente ignomíniozo de analfabetos, os professores das Universidades, os estudantes, os deputados, não desprezam o assunto e unem-se para uma campainstrução popular, da reforma e e alargamento do ensino, da creação de novos institutos ajustados ás exigencias crescentes do saber mo-

A por toda a parte uma grande ancia de luz, uma aspiração cada vez mais intensa de liberdade, que só a instrução póde trazer, completa e duradoura.

Em Portugal rarissimas são as iniciativas que neste sentido se têm organizado. Contrariam-nas a indiferença geral, o desprezo estupido de uns, o pedantismo risivel de outros, até a ostilidade odienta dos governos que não esitam em fechar violentamente escolas sustentadas pela dedicação particular.

Todo o nosso ensino, o primário como o secundário e superior, vive na mesma condição precária - estreito, dificiente, atrazado, sem remuneração condigna, sem eleno seu anacronismo gritante, todas mentos de progresso, superficial, Entre autres sasume, lituri isaup

Nem os governos nem quaesceção feita de alguns raros e nobres esforços isolados e desprotegidos, tem procurado romper esse espesso negrume que envolve quatro milhões de espiritos: os governos porque lhes convem manter antes escravos do que formar cidadãos, os particulares porque taes emprezas exigem dedicação e animosa pertinacia que não são qualidades que nos distingam.

São pois para amplos louvores as iniciativas que visem a ensinar e ilustrar o povo, tendendo em ultimo proposito á formação duma forte e esclarecida consciencia coletiva, capaz de afirmar-se e intervir em determinados momentos, peran-

Tanta dedicação essas iniciativas requerem para se realizarem, que um tal exemplo de fé e energia atirado á modorra egoista e pusilanime da grande maioria, chama expontaneamente, e afetuosamente, os nossos mais vivos aplausos.

mos com jubilo a fundação da Universidade Livre que ontem se insugurou no Porto, saudações que ôje renovamos, assegurando o nosso apoio modestissimo a todas as tentativas de tão nobres e fecundos velra, no rua da Sofia.

Universidade livre

Comité Academico-Operário

Inauguraram-se ontem no Porto os cursos da Universidade Livre, creada pelo Comité Academico Operario, com a expozição do programa a realizar.

No dia 26 do corrente, ás mesmas oras, efectua-se a primeira lição do cur-

so de Astronomia pelo sr. dr. Duarte Leite, lente d'astronomia na Politecnica. Seguir-se-ao depois os cursos de:

Movimento e força, pelo sr. dr. Azevedo Albuquerque, lente de mecanica racional e cinematica na Polite-

Chimica, pelo sr. João Diogo, profes sor de ensino livre;

Botanica, pelo sr. Gonçalo Sampaio naturalista e publicista;

As causas das doenças mentaes e nenvozas, pelo sr. dr. Magalhães Lemos medico alienista e diretor do ospital do Conde Ferreira; ainda sobre Biologia farão lições os ses. Manuel d'Oliveira e Manuel Laranjeira, quintanistas de

Economia social. - Contrato do trabalho.-Direito publico, sr. dr. Roberto Alves, lente de Economia politica na Politecnica.

A extenção Universitaria. Influen-cia social de educação scientifica, sr. Palma Correia, jornalista.

Brevemente se publicarão os nomes de outros professores e conferentes, assim como das materias que versarão. Entre esses conta-se o do grande poeta Guerra Junqueiro.

Partido Republicano

Reuniram no Porto os prezidentes das comissões paroquiaes, juntamente com a comissão eleita na ultima assembleia das secções populares republica-

Discutiram-se varios alvitres referentes á vida interna do partido, e foi nomeada uma comissão de 5 membros para tratar das operações do recensea mento eleitoral, organização do cadastro do partido e determinação das quotas que devem ser recolhidas.

cões de interesse partidario.

Dr. Bernardino Machado

Este ilustre professôr, nosso eminente correlegionario, realiza em breve no Porto uma conferencia que parece versará sobre educação civica.

A na grande cidade trabalhadora e democratica anciôzo dezejo de ouvir o dr. Bernardino Machado, tão justamen te admirado e queri lo em todo o país pela sua inteligencia e pelo seu carater, que a sua recente atitude politica mais destacou num relevo de alta independencia e patriotismo.

Deve começar brevemente a sua pu blicação um novo semanario republi cano, O Povo de Guimarães, que inse rirá larga e valióza colaboração.

O primeiro numero do novo colega sairá flustrado com o retrato do sr dr. Bernardino Machado, acompanhado dum artigo do nosso ilustre correligio nario sr. dr. Afonso Costa.

Folgamos com o aparecimento do Povo de Guimarães, numa ora em que o partido republicano se apresta para travar em todo o país uma forte e pu Por isso na Rezistencia sauda- rificadora campanha contra o regimen.

> Até 10 de janeiro proximo está aber-to o concurso para admissão de prati-cantes de latôres na escola de Lisboa (Santa Apolonia) da Companhia Resl dos Caminhos de Ferro Portuguêzes e na de Coimbra para os mesmos e praticantes a guarda-freios, at all rog

Democracias monárquicas

Palavras de Salmeron

Do monumental discurso proferido por Salmeron no congresso espanhol, a que já nos referimos, e que o Heraldo e outros orgãos insuspeitos de republi canismo, conságram como a afirmação preclara dum estadista notabilissimo, destacâmos ôje as considerações relativas aos ensaios de democracia monarquica com que se pretende combater e destanciar a solução republicana.

Palavras luminosas e potentes, élas condensam toda a fulminante contesta-ção das tentativas ibridas com que, em Portugal como na Espanha, se procura amparar a fraqueza crescente do regimen, como se o seu fracasso não estivera ja claramente annunciado na confissão amarg e elucidativa de tantos que tiveram essa illusão injenua, e nas experiencias ja feitas dessa pretensa democracia, logo dejenerada em fervente reação.

Eis as palavras altas de Salmeron.

Dentro do regime em que vivemos, para que falar de democracia?

Sustentar que possa existir aqui um governo de indole e caráter democraticos, nas condições que as leis estatuem e que nos costumes se introduziram a respeito dos direitos inherentes a personalidade umana, direitos esses sobre os quaes se deve levantar a persona-lidade do cidadão; — pensar que no re-gimen existente, sob uma Constituição que é uma carta outorgada, sob uma Constituição que é irreformavel, por que mesmo que o fosse pelos tramites de uma lei, necessitaria a sacção regia, e, a sancção regia aplicada a Consti-tuição é um verdadeiro sarcasmo; -pensar que na representação que este regime se faz das relações entre a Igreja e o Estado, olvidada, a liberdade dos cultos, estabelecido o cazamento civil em condições realmente vexatoria para esta alta instituição social; -determinada uma diferença tão resaltante acêrca da Constituição de 1869 que era real e pozitivamente democratica, para nos virem dizer que isso de termina condições comuns nas quaes poderiamos conviver em certas rela de quasi afinidade entre os reprezentantes da minoria liberal e esta mino-ria republicana, é inverter fundamen talmente os termos que a realidade

Se ouvereis dito que na vossa reprezentação são de todo o ponto incompativeis com a mobilidade que os impulsos da opinião imprimirain so pais, poderieis ter realizado e proposto algo que determinasse uma pozitiva

preferencia da nossa parte.

Mas se longe de assim procederdes, ides realizando uma evolução que co gnominarei regressiva, e cujos carate res apontarei ôje, com que direito po deis pretender que nos ides tirar a reprezentação substancial que temos para a reduzir a casca da forma do

Não quero fezer filosofias, porque mnitos julgariam que sicava por erro

Só pretendo spenas tomar factos e determina los na sua crua rudeza, para que todos reconheçaes comigo, como, nas condições atuaes de Espanha, o problema da forma de governo reveste um carater de forma substancial.

Não se trata, especialmente nas condições do nosso regime, de meras for-mas de governo; trata-se daquélas condições essenciaes de vida que determinam a existencia de uma soberania não compartida, nem desmembrada, nem atenuada, mas uma so, por isso que integra, soberania; a soberania do pais.

angulozu, vulgur na escultura nor ·Porém como vos não marchaes por esses roteiros, mas deles fundamentalmente vos afastaes, podemos nos odtros dizer: Não: Acabemos de uma vêz com equivocos; a forma do govero no não é um acidente na vida d'Espanha-Não é em abstrato que eu a encaro, posto que ainda assim, o poderia sustentar. Limito me aos fatos.

de indole substancial Se por acaso isto fôra um regime a maneira da Inglaterra, ao qual, quando a vontade e a consciencia pública querem, a monarquia se subméte, talvêz podesseis empregar legirimamente a afirmação; unas não se pode admitir que seja acidental a forma de governo quando tal não sucéde, e vós mesmos sois os primeiros a dizê lo. Ignóro, se por ditado de convicção, su se por conveniencias nas quais em vêz de ser a adatação regida pela ideia, é a ideia aeltrada pelas exigencias de ada-

a integridade da nação, o poder da patria, o explendor dos destinos nacio naes estão ligados á reprezentação monarquica, compreende-se que aja um momento, pelo menos de suspensão, na luta entre os republicanos e a mo-narquia; não aqui, onde a reprezentação da monarquia se ligara sempre as des-ditas e vergonhas da Patria.

O Instituto de Coimbra rezolveu celebrar uma sessão solene em onra do saudoso professor dr. Costa Simões. Para os trabalhos inherentes a esta justissima manifestação ficou organizada uma comissão composta dos srs. drs. Daniel de Matos e Santos Viegas e do Sr. Maris Junior, 5 Chick

do extincto será elaborada e lida pelo nosso iminente correligionario de. Eduardo de Abreu.

A Républica em Espanha

El Ejercito Español, importante folha madrilena, tem estas palavras de referencia ao importantissimo comicio republicano do Teatro Lislegria me dao, uma e semir profunda

*E inegavel a importancia destas grandes reuniões, tanto maior quanto maior é a ordem que nelas reina, apezar das deficencias do local, sem que promovam desordem nem transtorno algum os que, não podendo entrar, se deixam ficar na rua, esperando que termino o meeting para fazerem ovações aos oradores que nele comaram parte, o que tudo revela uma disciplina e um claro conhecimento da situação que não é muito vulgar nos partidos populares. Ainda mais importancia lhes da o alto sentido governativo que vem imprimindo á sua campanha a minoria republicana, demonstrando que o tempo não tem passado inutilmente, mas sim deixando após si ensinamentos que teem sido recebidos e aproveitados. Ontem, o sr. Salmeron—e assim

o reconhecem diarios não suspeitos de republicanismo — falou como um chefe de partido que esta apto para o exer-cicio do Poder, moderando as suas antigas intransigencias, buscando frases que tranquilizem as classes conservadoras, tratando o exercito com grande consideração e interessando-se pelo seu progredimento. Os exaltados, os intransigentes, os que nos seus discursos pregavam o sangue e exterminio, como o Néroda Marselheza, esses não cons-tituiram nunca, da Restauração para cá, uma preocupação, porque os seus proprios exegeros lhes grangeavam inimunicipal desta cidade, recebescogim

Palavras simtomáticas, que denunciam bem como em todas as classes a união republicana vae conquistando adesões phastaquiq atta-Agradecimentos."

Literatura e Arte

A UNICA VERDADE, drama de Manoel de Sousa Pinto.

Diante désta obra de sinceridade e de força, quero ser apenas Poeta, isto é, dizer só o meu entusiásmo, sem o analizar, - de tal modo é consoladora a ideia de que á, finalmente, entre nos, alguem capaz de compreender, sentir e exprimir a alegria e a belêza da Vida. E não é exprimi-las secamente ou cientificamente - mas sim numa peça dramática, - quer dizer, na fórma mais própria de propaganda - e por meio dum diálogo familiar e simples e uma ação clara e viva, que vai direita e logicamente ao fim, pondo em relêvo os caráteres dos personagens, destacando a verdade que sáe do conflito, verdade que vemos aparecer a pouco e pouco, sem a impertinencia massadora duma tése que se á-de provar totalmente.

Por isso, é o primeiro drama de Sousa Pinto uma obra de força — porque nos comunica, sem trucs, o seu sentimento. É é tambem uma obra de sinceridade — porque néla não á a exibição morbida de imagens extravagantes, nem um tipo anormal; á unicamente a clarêza, a concisão, o brilho discréto duma consciencia artistica que procura o melhor e mais onesto modo de realizar o seu ideal.

Mas não tem só a força e sinceridade - esta péça: tem a naturalidade do diálogo, a logica da áção, como ja disse; a psicologia dos personagens não tem uma falha; o médico, que para ai se acha pouco portuguêz e pouco apaixonado, é absolutamente portuguêz, apezar de ómem de ciencia, na sua caridade quasi fanática e no seu entusiásmo meridional pela Vida, entusiásmo que o leva a celebrar tão retoricamente, quasi, o nascimento dos filhos do caseiro; e apaixonado e ciúmento na despedida da mulher, como podia sê-lo, se desde o principio nunca o foi, se sempre sentiu por Alda indiferença e até uma certa repulsão?

E não falarei de mais detalhes: se me referi a este foi para mostrar como êle não desmancha, antes pelo contrário refórça, a coerencia do drama; e porque esta não é a opinião corrente. De resto, quero continuar a ser apenas Poéta, a dizer só o meu entusiasmo sem minúcias de análise. Das coisas que mais alegria me dão, uma é sentir profundamente a belêza, e amar tudo o que admiro; e é assim que sinto e admiro a obra de Souza Pinto, bella, serena e grave como uma deusa grega que tivesse nos olhos a justiceira e altiva bondade dos ideaes modernos.

João de Barros.

N. B. — Como, nestê meio de cães que ladram, e ás vezes mordem, todas as intenções são mal compreendidas — para não dizer mal interpretadas —, e eu sou amigo, e disso me honro, de Manuel de Souza Pinto, não se vá julgar devidas á amizade as escassas e pobres palavras que ai deixo: são devidas exclusivamente á opinião sincera que tenho do carater e do talento de Souza Pinto, opinião que dêle me aproximou antes que eu o conhecesse pessoalmente e que o seu primeiro trabalho veio tornar mais firme.

Vai esta nota intima por causa das duvidas — e dos caes...

E, agora, podem ladrar e morder!

J. de B.

Do sr. Monteiro de Figueiredo, exchefe da repartição d'obras da camara municipal desta cidade, recebemos um folhêto, em que se istoriam os fatos que determináram o seu pedido de demissão.

O autor prométe ocupar-se mais largamente do assunto em livro que está preparando e breve virá a lume.

Agradecimentos.

BOAS EESTAS

Da diréção da Escóla gratuita 31 de janeiro recebemos a carta seguinte, que gostozamente publicamos:

... Sr. Dirétor da Rezistencia.

Desculpar-nos-á V. a nova macada que vimos dar lhe. Mas pois que V. Ex.* tem sempre posto as colunas do seu jornal á dispozição da Escola gratuita 31 de Janeiro, chamando para ela a atenção dos seus leitores, ouzamos, confiados nos sentimentos liberais e democraticos de V., solicitar-lhe mais uma fineza.

E' corrente no nosso país, por ocazião do Natal, o uzo dos cartões de boas festas, e que, longe de significar alguma coisa de util, reprezentam as mais das vezes um incomodo não só para os destinatarios como para os remetentes. Distante e bem distante de nós a pretensão de extinguirmos esse uzo, que tem já pelo seu lado a tradição, é nosso dever no entanto lembrarmos a V. a forma dessa usança redundar em algo de pratico e de significação moral.

de significação moral.

Que à semelhança pois do que já praticam alguns jornais, V. permita no seu jornal uma subscrição ten dente a colher alguma receita para os pobres do seu jornal e para a Escola gratuita 31 de Janeiro, que só com o auxilio popular pode contar; eis o que com empenho ousamos pedir-lhe, pedido que na mesma data e com o mesmo intuito dirigimos a outros jor nais liberais, certos de que todos acolherão de bom grado a nossa ideia.

Ficariam dêsse modo trocados os cumprimentos de boas festas entre os que concorressem para a subscrição aberta com êsse fim e avultar se iam as obras de benemerencia e de solidariedade que reprezentam o auxilio prestado aos pobres da Rezistencia e á instrução popular.

Agradecendo desde já a adezão de V. a esta ideia subscrevemo-nos

De V.
At. Ven. Obrig.

Luis Derouel
Santos Franco

Aderimos de todo o coração á ideia de tão benemérita Associação, pondo ao seu dispór, como

da Rezistencia.

No próximo numero começaremos a publicar a lista dos que sub-

para outro qualquer fim, as colunas

screvêrem para tão patriótico fim.

Veio já para o governo civil, competentemente aprovado, o orçamento ordinario da camara desta cidade, para o proximo ano de 1904.

Faleceu o sr. Herminio Soares Machado, medico em Verride, e irmão do aluno do 5.º ano jurídico sr. Augusto Soares Machado.

O sr. dr. Machado padecia á muito de uma doença intestinal, cujo diagnós tico oferecia dificuldades, tendo se sujeitádo por isso em Lisboa a uma operação exploradôra, que revelou a naturêza incuravel do mal.

Para o sr. dr. Machado passou sempre a operação como sendo a de apendicite, que julgava sofrer e de que se imajinou curado depois déla.

O enterro foi muito concorrido não só de colégas seus, como de amigos que os tinha, e muitos.

Encorporáram se tambem no cortejo funebre muito estudantes, numa manifestação de sejapatia pelo irmão que frequenta a Universidade.

No carro funerário ia suspensa uma grande quantidade de corôas.

Muzeu d'antiguidades

Deram entrada nêste muzeu duas esculturas em pédra, vindas de Cantanhêde.

Uma representa a Virgem segurando no braço esquerdo o menino que lhe aperta o seio. O braço e a mão direita tem a atitude rijida e angulóza, vulgar na escultura gótica. A mão direita devia sustentar talvês uma flor.

Este exemplar vem enriquecer a coléção da escultura gótica de Coimbra tão interessante e tanto para estudar.

No muzeu á entre outras péças três com assinaturas de artistas de Coimbra, que parece eram na época conhecidos e estimados no país.

Na igreja de Leça do Bailio encontra-se a assinatura de Diôgo Pires, o môço, e anda atribuida a Diôgo Pires o velho a curiósa estátua da igreja de Leça de Palmeira, que foi dezastrozamente mutilada para se lhe poder encaixar uma orrivel cabeleira, de cabêlo natural oferecida pela piedade de um devôto.

Olha agora a jente para a santa e vê logo que não foi ela que fês o milagre.

Não podia autorizar tal barbaridade. As roupas désta imajem, que são de prégas góticas, na elegancia dos estôfos custózamente tecidos e ricamente bordados, estão agóra cobertos por um manto de sêda azul, de uma devoção pelintra.

Nas igrejas de Coimbra, nas do Campo, nas Caldas da Rainha e por outros pontos se encontram os documentos da atividade dos artistas de Coimbra no período gótico da escultura.

A outra pédra figura em baixo relêvo a ceia, e é um exemplar da escultura popular da renascença coimbra.

Foi aprovado pelo ministerio do reino, o projéto do novo regulamento policial para as casas de espétaculo do distrito de Coimbra.

O sr. comissario de policia autuou um cocheiro por trazer em serviço de transporte de passageiros, um veículo em pessimas condições de segurança.

Depois de autoado o cocheiro o carro foi para uma oficina a concertar.

Está o ilustre funcionario no propósito justo de proceder por maneira egual para com os outros alquiladores, que porventura tragam em serviço carros sem as condições devidas.

Este procedimento merece louvores que muito grato nos é exarar.



Real! Real! Real!

por D. Carlos, rei de Portugal!

Informam-nos de que vem de ser concedido o título de real à Associação dos Bombeiros Voluntários desta cidade.

E' uma remuneração tardia, mas justa, dos serviços prestados pela umanitária corporação em todas as festangas e pagodes oficiaes, onde o seu concurso é sempre requerido.

Para notar a tauca da monarquia, que vendo as barbas do vizinho espanhol arder, vai pondo do seu lado as agulhetas...

E que nenhum maldoso veja na referencia graciosa ao facto dos bombeiros voluntários, com quem contávamos para a revolução, nos passarem o pé para a monarquia, esquecimento dos altos serviços prestados por eles a esta cidade e que nos reconhecemos e louvamos.

Foi entregue so poder judicial o carpinteiro José Simões Gomes, do lugar do Moleirinho, por ter roubado a Joaquim Apóstolo a quantia de 69,500 reis, algum tabaco e meia garrafa de aguardente.

Parte da quantia roubada foi-lhe ainda apreendida.

A Faculdade de Medicina encarregou o distincto escultor Costa Mota, de Lisboa, de modelar em marmore de Carrara, e em tamanho natural, o busto do falecido professor Augusto Rocha, para ser colocado no gabinete de bactereología da Universidade que por êle foi fundado.

Igreja de S. Tiágo

Para a igreja de S. Tiágo foi removido o guardavento retirado na última restauração da porta principal da Sé Velha.

Para a porta lateral construiu-se um guardavento que ocúpa o meio do pequeno átrio de uma tão curiosa decoração romanica.

Nos altares anda-se procedendo ás pequenas reparações que autorizam os poucos meios da junta de paróquia.

Folgâmos em vêr chamada a aten cão para o bélo monumento romanico até ôje tão desprezado pelos admira dôres do barracão, a que oficialmente se chama a igreja de S. Bartolomeu.

A igreja de S. Tiágo é um dos monumentos mais notaveis de Coimbra

A igreja de S. Hago e um dos monumentos mais notaveis de Coimbra pelas suas tradições istóricas e pelo seu caráter artístico. Depréssa porém desaparecerá sob a áção corroziva da umidade que se vae infiltrando lentamente, se se não atender á sua venti lação, e á reparação dos estragos que sobre éla tem feito o tempo.

Se quereriamos vêr antes na porta lateral um reposteiro em vês do guardavento, não podemos deixar de louvar a junta porque mesmo nêste senão, que apontâmos, revelou dezejo de atender ás exigencias que impõe o caráter artistico do monumento, colocando o por forma a não ocultar as colunas.

O mesmo cuidado vemos nas obras da sacristia em ter mandado apear restos abandonados de armações que para nada serviam senão para ocultar decorações artisticas.

Por isso aplaudimos o cuidado e zêlo inteligente da junta de paroquia de S. Bartolomeu que sabe respeitar o monumento entregue á sua guarda.

Veio estabelecer se em Coimbra o nosso conterraneo Mário Machado, cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra,

Montou o seu consultório na Sé-Velha, com todos os instrumentos e aperfeiçoamentos modernos para tratamento das doenças da boca e dentes.

Encarrega se tambem de todos os trabalhos da sua arte, dêsde as dentaduras mais simples até ás mais delicacadas e luxuózas.

Foi pedida autorização para o requerimento do processo instaurado nesta comarca contra Joaquim dos Santos, guarda n.º 61 da policia civil.

Liga contra a tuberculose

Sob a presidencia do sr. dr. Costa Alemão, reuniu-se ontem o nucleo de Coimbra da Liga Nacional contra a tuberculose.

Entre outros assuntos ficou assente que para o próximo congresso da Liga, a realizar nésta cidade, se destinem os dias 21 a 24 de abril, sendo convidado para conferente o sr. dr. Clemente Pinto, professor da Escóla Médica do Porto e atual reitor do liceu de Lisboa.

Por essa ocazião far-se-á uma ex posição de aparelhos e utensilios empregados contra a tuberculose.

A direção da Liga das farmácias das Associações de Socorros Mutuos, á dias reunida, deliberou conceder 10 por cento sobre a importancia dos medicamentos fornecidos ás associações ligadas desde o dia 1 de janeiro a 30 de Setembro do anno corrente.

A importancia a distribuir é de

250#000 reis. Ficon egu

Ficou egualmente rezolvido que o capital em cofre no fim do anno se distribuisse pelas mesmas associações para a amortização dos seus capitaes, salvo um fundo de reserva, e sendo essa distribuição feita em proporção ao capital de cada uma délas.

Está para breve a publicação dum livro de versos do academico sr. Alfredo Pimenta, intitulado Eu.

Comissão paroquial de Santa Crus

São convidados os republicanos desta freguezia a inscreverem-se no cadastro do partido, que se acha patente nos estabelecimentos dos cor religionários Joaquim Carvalho e Silva, á rua do Corvo, e Evaristo José Gerveira, na rua da Sofia.

ARVORE DO NATAL

Reunirão-se em comissão grande numero de amigos nossos para organizar uma festa simpática e que é uma felis inovação entre nos.

Lembráram se os que têem um Natal alegre, aquêles para quem estes dias são a festa, em que canta a saude e a paz do lar no rizo fresco das creancas que á pobres abandonados que não riem como os filhos dêles e não terão nas casas pobres, neste dia, nada a mais que o sorrizo festivo das mães, cujo valor só recordarão mais tarde com saudade, quando tiverem aprendido na experiencia da vida amarga.

Averá por isso este ano uma árvore de Natal para as crianças pobres, a quem não faltarão brinquedos dos mais bonitos; porque serão escolhidos pelas mães, que têem a felicidade de todos os dias, e só as mães sabem quaes os brinquedos que fazem abrir mais depressa num sorrizo, a flôr vermelha da bôca alegre e sádia dos filhos.

A comissão começa oje mesmo os seus trabalhos, e á de ficar bem carregada de brinquedos a arvore do Natal; que são de muita caridade as senhoras désta boa e linda terra.

Realizar se á a festa no Jardim Botánico se fôr dia alégre de sol, ou então na sala da Associação dos Artistas, se estiver o tempo mau. Que a árvore do Natal seja muito

Que a árvore do Natal seja muito grande, tão grande como os pinheiros, a que se encostava S. Christóvão, êsse santo muito alto, que passava aos ombros os pobres viajantes, que não podiam seguir caminho, quando os rios levavam muita água, e que um dia, ao passar um menino pequenino, que pezava muito...

Uma istoria que nos talvês lhes contaremos, e que aprendemos de cor num tempo em que não sabiamos rir senão como as crianças.

Teatro Lisbonense

Teve ontem logar, nésta caza de espétaculos, a récita á dias por nós anunciada, que na quinta feira passada não se realizou, em virtude de o mau tempo o não ter permitido.

Representaram se a comédia em 3 atos, de Gervasio Lobato, A Voy do Sangue, e a corrédia em 1 ato Não tem título.

Para ôje está anunciado outro espétaculo com a mágica em 3 átos e 10 quádros, El Rei Abracadabra 36.

Atendendo ao desejo que o publico tem de suxiliar os artistas desta Companhia, a avaliar pelas enchentes que, quando o tempo permitte, ali tem acorrido, é de esperar que sejam bem sucedidos.

Fice ram constituidos da fórma seguinte, os corpos gerentes da cooperativa dos empregados públicos:

Assembleia geral, Presidente, dr. Antonio José Teixeira d'Abreu; vice-presidente, bacharel Augusto Mendes Simões de Castro; 1.º secretario, Antonio Maria Simões; 2.º secretario, José Correia d'Almeida.

Diréção—Presidente, bacharel Danton de Carvalho; vice presidente, José da Costa Braga; 1.º secretario, Abilio Trovisqueiro; 2.º secretario, José Augusto Lopes d'Almeida; tesoureiro, João Luiz Gonçalves.

Conselho fiscal—Dr. Basilio Freire, bacharel Augusto Lopes da Costa Pereira e Alberto Pinto de Almeida.

Recenseamento eleitoral

ob ollAvizo

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguesia a inscrever se no cadastro da mesma Comissão, patente na Praça do Comércio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa regalia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de idade, baze essencial para a revizão do recenseamento proximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguinte requerimento:

Il." Rev." Sr. paroco da freguezia

Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.*.. requer a V. Rev.ma lhe passe a sua certidão de idade, para

fins eleitorais, izenta de imposto de sêlo e quaesquer emolumentos ou salários, como determinam os artigos 36.º e 371º do decreto de 8 de agosto de 1901. Lisbon, romono reis Coimbra, etc.

Este requerimento deve ser entregue aos párocos das respétivas freguezias, que teem obrigação de passar as cer-udões no praso de 3 dias, gratis, e em papel não selado, e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o prazo para a inscrição no recensea mento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proxime.

Requeriment de inscrição por saber ler e escrever

111.mo Ex.mo Sr. Secretario das Co missões do recensenmento.

F... filho de F... e de F..., natural de ..., de ... anos de idade, estado, profissão, morador na rua de..., n.º... andar freguezia de... desejando a sua inscrição no recenseamento por saber ler e escrever como prova com esta petição feita e assinada pelo seu proprio punho, na conformidade do n.º 2 do artigo 1.º e n.º 7.º do art. 21.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Pede a v. ex. se digne mandal o inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

0 Data ...

Assignature CO - IE Zalon Este requerimento tem de ser feito e assinado pelo proprio, perente o tabelião que assim o deve declarar ou perante o paroco da freguezia que ateste e jure em como foi feito na sua presença, sendo a identidade atestada e jurada em seguida pelo regedor.

> Requerimento de inscrição por pagar decima

III.mo e Ex. mo Sr. Secretário da Comissão do recenseamento

F... filho de F... e de F... natural de ... de ... anos de idade, estado, profissão, morador na rua de. . . n.º... andar, freguezia de... desejando a sua inscrição no recenseamento eleitoral, visto ser colétado por contribuições diretas do estado em quantia superior a 600 reis, segundo o n.º 1.º do art.º 1.º e n.º 2.º do art.º 21.º de decreto de 8 de agosto de 1901. pizibo Ma

Pede a v. ex. se digne mandal o inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

send aus an de poletEt R. Mabio ates rus, Ferreira Horges, n.º 18 Assignatura ... onay ab offense

(7) Folhetim da 'REZISTENCIA.

H. DE BALZACIII SCHOOL

Com estampiles no reino

0 mendigo

O barão tinha reunido dés ómens d'armas e era uma força bastante im ponente para o garantir de toda a espécie de ataque; porque os seus numerozos vassalos pociam reunir ainda uma bandeira de quinhentos a seiscentos ómens d'armas.

Nêste tempo, todo o luxo dos senhôres feudais consistia em sustentar omens d'armas; eram cavaleiros muito temidos, blindados de ferro, bem como os caválos, e um ómem d'armas era cães que estávam no quarto proximo sempre seguido dum escudeiro e de começarão a ladrar, forçarão a porta três cavaleiros a quem competia montar e corrêrão a cercar o patrão.

a cavalo, servir-se da acha darmas e — Mais devagar, meus filhos, ex do nobre oficio do saque.

um corpo de quarenta cavalos: algumas canit, que fechou com mais cuidado. vêzes chamava-se á reunião dêstes cinco nhentos ómens de cavalaría, corpo te- descia para o Loire aupantup s esen

Requerimento para ate tado de contribuição

Illimo Ex . Sc. Escrivão de fazenda do Concelho de...

F..., estado, profissão, de... anos sorrozzo E. R.M. sorid ser de idade, natural ide cuy morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... preciza para fins eleitoraes, que v. ex. he passe por certidão o que a seu respeito conste da matriz... (predial, renda de casas, industrial, etc.) na conformidade dos art. 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

E. R. M.

Assignatura...

Requerimento de residencia

III.mo Ex.mo Sr. regedor da freguezia de..., F..., estado, profissão, idade, natural de... morador na rua de... n.º.. andar, freguezia de... dezejando inscrever se no recenseamento eleitoral e segundo o disposto nos artigos 36.º e 37.º do decreto de 7 de agosto de 1901.

Pede a v. ex. se digne passar lhe atestado de como móra na ubaiibnesta freguezia.

Data.... Construcções e para character de Construcções e para character de Construcções e para character de Construcções e sta artigos asta artigos artigos

Locaes onde se tomam apontamentos para se recensear os individuos que assim o queiram, e se dão todos os esclarecimentos respeitantes ao recen seamento eleitoral. Se Catedral - Redeção da Justiça,

rua da Trindade e Café dos Caçadores Largo de S. João.

Sé Velha — em casa de Antonio Vianna — rua da Trindade, S. Bartolomeu — Praça do Comér-

Santa Cruz — em casa de Evaristo Cerveira, rua da Sofia ou na de Joaquim de Carvalho da Silva, rua do Corvo.

Santa Clara - em casa de Francis co Maria da Fonseca, Rocio.

Publicações recebidas

Tratado de contabilidade pelo guarda livros Ricardo de Sa. Estám publicadas as cadernetas n.º 11 e 12. Assigna se na Editora Largo do Conde Barão 50.

O meu primeiro livro de leitura por F. d'Oliveira mandado adotar por decreto de 3 de setembro de 1303 para o ensino primario oficial. Deposito geral papelaria e n pografia La Becarre, R. Nova do Almada - 97 99 - Lisboa

Tuberculose social.-A Sacristia, por Alfredo Gallis. Editada pela livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160. Lisboa.

mivel se se pensar na fórma porque estávam armados.

Por cima de um terraço de três ou quatro degraos, erguia se uma pórta em ogiva, ornada com colunas finas. Esta pórta muito estreita dava acésso para uma grande sála quadrada; o se nhôn de la Bourdaisière entrou para éla seguido pelo genro.

Esta sála abobadada estava juncada de pálha fresca. Não tinha outros ornatos mais que os virótes de que o barão se servia para a caça, as suas armas, a sua tronpa, as suas armaduras.

Via-se néla um grande bufete de madeira de nogueira enegrecida sobre que estavam colocadas a baixéla de prats, os gomis da mêza, os candelabros

Este bufete era ordinariamente pre-zente de nupcias, e tinha um, dous ou três anderes conforme a nobrêza dos

Os dois barões dependurárão os chapéos a dois pregos cravados para isso na parêde, e, quando entrarão, os

da lança, em duas palavras, a teoria clamou Ombert com vos forte, depois pegou num chicote dependurado na Então, dés ómens darmas formávam parêde, e levou os, êle mesmo, para o

Ombert introduziu então o sôgro ómens lança, porque se reuniam á noutra sala imensa e um pouco melhór volta do cavaleiro, e cem lanças, nesta decoráda; tinha uma porta de saida epoca, formavam um corpo de qui- para os jardins e era por la que Ombert

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Odlin & Dramacm 2 atos

Prace Nais Oct Con Place

Editor - Moura Marques

an asAsN UsNGIOS

Topico contra Frieiras

Eluo unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por iodos os Parisienses que sofrem de tão orrivel

Applica se em fricções durante dois miuntos colocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas óras.

Preço de cada frasco 300 reis

Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio-COIMBRA.

ab Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A' venda na casa

Ladeira & Filho

BON MARCHE

Papers almassos de linho e algodão Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para carta em bonitas caixas. Papeis fantazia para participações

Papeis de impressão para jornaes e Papeis para capas em todas as quali-

Papeis em côr para embrulhos deli-

Od Papeis para encadernadores. gostos (arte nova.)

Livros em branco e riscados para o comércio ela hanta os sinad mil)

Livros de estudo e literatura.

Objetos de escritório e dezenho. Chás preto e verde, finissimas quali-

Encadernações de livros em todos os generos. Carimbos de metal e borracha.

Perfumarias e tabacos nacionaes e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos em todos os generos.

cArtigos de ceramica para construções.

CAZA EUROPA

14 - Rua dos Gatos - 16 1 151

COIMBRA

No meio desta casa, forrada de carvalho antigo, escuro, estava uma comprida e vasta mêza, pósta e com algumas iguarias.

As cadeiras do dôno da casa e de Catarina estávam colocadas na outra extremidade, e a sua forme, já passada de moda, denunciava que estes moveis eram ereditorios.

O escudo dos Roche Corbon endimaya os encostos trabalhados a gro-

Uma déstas cadeiras, guarnecida por um estôfo preciôzo, indicava o lugar de Catarina; banços de madeira serviam de assentos aos comensaes: de resto tudo estava limpo, e cuidado o que fês sorrir complacentemente o senhor de la Bourdaisière.

-Olal Ola! Depois que temos uma castela tudo me perece melhor aqui, minha filha continúa a ser a mesma exemplar dona de caza que era dantes.

Ombert levantou enião uma velha e grande tapessaria antiga, que servia de porta: pondo um dedo sôbre os labios com um ar misteriozo, fes chegar o vélho senhôr a outro apozento cujo luxo contrastava singularmente com a severidade dos outros dous. Os dois barões pararem, tentando não fazer barulho e ficaram-se complacentemente a olhar o deliciozo espétaculo, que se oferecia a seus ólhos.

O pavimento estava coberto com uma rica tapessaria, os vitrais coloridos só a custo deixavam passar a lús, o que espalhava uma espécie de misterio sôbre esta scena gracioza.

Medico pela Viristratidade de Coimbra

Gabões de Aveiro



Ex. " Sr. Como a epoca invernosa exige um bom agasalho, venho lembrar a V. Ex. 45 o Gabão Elegante d'A veiro, o unico agasalho até ôje conhecido para combater o frio, vento e chuvat vento, chia o origina o originali o origina

Gabão Elegante d'Aveiro

é propriedade minha á muitos ánnos. Porém, em Aveiro e noutras terras do país, annunciam o-Gabão Elegante, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus reclamos por que sam uns simples vendedores retalhisias de fazendas e não

Lembro a V. Ex. que não se iludam com esses reclamistas, sem consciencia do que anunciam, porque esses gabões sam feitos por qualquer quidam para expor a venda no seu estabeleci-

O men Gabão é conhecido nas principaes cidades do país, taes como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da

Foz, Coimbra, Porto, etc., etc. Agradecendo desde ja as suas apre-Agradecendo desde ja as suas apre-ciaveis orden, as quaes diligenciarei dar completa execução, subscrevo me com muita estima,

Anadia - Outubra de 1903.

Joaquim José de Pinho Unico correspodente em Coimbra, Manuel Pinho.

ACETILENE

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio-COIMBRA

As parêdes estávam forrádas com estôfos preciózos, e as traves érão esculpidas e coloridas; a limpêza mais ninucióza remava em todas as partes

uma lampada de cobre.

Tôdos os móveis, de nogueira, estávão decorádas com esculturas maravilhozas de arrenjo e de execução, e que polidas e brithantes pareciam de

Deante de uma das janelas, uma mulher nóva, de uns vinte anos, estava assentada com os ólhos fixos sôbre uma biblia manuscrita, cujas fôlhas eram dourádas e o velino deslumbrante de alvúra: a póse éra gracioza e natural: encostada ao jenuficcorio, encostava a fronte a uma des mãos, e outra con servava um livro aberto sobre o joêlho.

Parecia empalidecida por um sofrimento moral.

Os cabêlos separavam-se em dois bandos, el depois de ter dezenhado sobre o cólo.

Trazia sobre a cabeça um chapéu em forma de ruche; um dismante prêzo no meio da testa por uma cadeia fina de ouro brilhava entre os dois bandos...

As palpebras grandes, descidas, projétavam sobre as faces sombras indecizas.

A castela tinha vestida uma longa tunica sem cinto, que subla até ao e, Rus Forreirs Borgon, se

EDITAL O Doutor José Pereira de Paiva Pita, provedor da Santa Cáza da Misericordia de Colmbra,

Feço saber que por deliberação da Mesa da mesma Santa Cáza se acha aberto concurso pelo espaço de vinte dias para o fornecimento dos seguintes dias para o fornecimento dos seguintes generos para consumo dos Colegios dos oriãos e orfãs de S. Caetano: 1500 litros de feijão frade; 800 litros de feijão branco; 1000 litros de feijão encarnado, e 800 litros de grão de bico.

A arrematação efetuar-se a por meio de propostas em carta fechada, sendo adjudiçado o fornecimento a quem o fizer por menor preço, convindo este a Santa Cáza.

Santa Cáza,

As amóstras e condições da arrematação acham-se patentes na secretaria desta Santa Casa, sonde podem ser examinadas em todos os dies não santificados desde as 10 oras da manhã até as 3 da tarde. Secretaria da Santa Caza da Mize-

ricordia de Coimbra 14 de dezembro de 1963.

Dr. Jozé Pereira de Paiva Pila. a pureza do OLO AUNAn que sam

Os erdeiros do presbitero José Simões Dias, morador que foi na rua da Trindade, 20, rogam a todos os credores deste, o favor de mandarem as suas contas para a casa que foi da sua residencia, dentro de trinta dias, para serem pagas sob para de concluirem que não devia cousa alguma a Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 c 13, a rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mals acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que

Alem disso o seu proprietario com atividade e zêlo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do país, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiéne e qualidade de pao fino, relativamente barato, porquanto o anun-ciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

EManda o pão a loda a ora aos domicilios dos freguêses.

pescôço dezenhando todas as suas formas; o estôfo caindo em pregas largas, deixava passar somente o bico agudo dos seus sapátos delicados; sobre o sala.

No meio do této, estava suspensa armas de seu marido, reunidas as de seu pai.

A meia voz e a custo soletrava algumas palavras, que sem duvida ex-plicavam uma das iluminúras do missal, quando a respiração ofegante do velho senhôr de la Bourdaisière veio distrair a sua atenção.

- A' l'exclamou éla com todo o scento da alegria e todo o rubor da felicidade. Voltou os olhos, ainda cheios de lagrimas, para a porta, em que o pai e o espozo, apolando-se um sobre o outro, a contemplavam com uma alegria misturada de cuidado. Levantou-se precipitadamente e cor-

reu ligeira para o pai, que a recebeu nos braços e a bejjou na testa.

O meu pai, disse com vos comovida, a que tempos que o não vejo. sobre a fronte d'alabastro uma ogiva Depois estendeu a mão branca a Omde ébano, calam em caracoes ondeantes bent. Mas a nihos mais experimentados que os do velho senhor e Ombert, que

não tinham nunca estudado muito as de veludo preto, que se cavava no meio mulhéres, a expressão, que acompanhou e se levantava em cima de cada fonte este gesto, teria parecido tanto remorso, como pudôr.

O velho fidalgo, apertou os ambos nos braços e, vendo os assim reunidos

sobre o coração, disse-lhes:
— Que o Ceu vos abençõe. Fás ôje

tres anos que vos não via...

Deposito em Coimbra (Continua.) 150 - Rua Ferreira Borges - 156 COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados dôces sortidos, para chá e sorrées, em grande e bonita variedade que dificil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaría em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primo-rosa fantasia, denominadas Centros de mêsa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flo-

reiras, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de 16 pelo sistêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranieiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objétos de escritório.

SILVA & FILHO

ADDUDUDUR

Pábrica manual de calçado e tamancos

e depósito de alpargatas

EXPOBTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - Coimbra Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST. Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

GOMES MOR COIMBRA

Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE. nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: - Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em differentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex. mº sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis Deposito em Coimbra-PHARMACIA DONATO 4, Rus Ferreira Borges, 6

Tubos de ferro, bombas

e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal. Também se arrenda a loja do mes-

Trata se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos-

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em depo-sito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tama-

Variada e grande colécção de ci-lindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estran geiros que vende pelos preços das prin-cipaes casas de Lisboa e Porto. Sempre cilindros com musicas no-

vas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, exempregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes a sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilisando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - Rua Ferreira Borges - 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

-mosson

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e crean-ça, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estran-

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para ca-pas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa-

ria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de vis
tar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.*

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.ºº 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, prória para estabelecimento de qualquer género. Trata-se com David de Sousa Gon-

çálvez, rua da Moéda, Coimbra.

Opa de seda nova

Vende se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita. 16 e 18 - Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Berges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

♦ ♦ ♦ ACYTILENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco - Lisboa, 10#000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante - 100 vellas por bico GASTO:-5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIERE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar ACCRECATION OF THE CONTRACT OF

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, ne Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Goimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PRECOS ECONOMICOS

💠 💠 🗢 Pedro da Silva Pinho Coimbra 💠 💠 💠

29, Fua de João Cabreirs, 31-COIMBRA

Vised Proposed Priced C

O melhor aparelho para banho dou che que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - Coimbra

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99-Rua Visconde da Luz-103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura-Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vi-brantes, oscilantes e bonine central o

que á mais perfeito. Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pode egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem se a prestações e a promto pagamento. Aceitam se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directa-mente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos

COLEGIO LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primária e instrução secundária (curso dos liceus e curso comercial).

Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alunos internos, semiinternos e externos.

Enviam-se regulamentos, progra-mas e quaesquer informações a quem as pedir ao dirétor,

Delicioso licor extra-fino VINHOS Regular menad de inteligan

Associação Vinicola da Bairrada

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES 150, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapeus

Com um esplendido sortimento de chapeus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex." freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

"RESISTENCIA.

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino: Semestre

Trimestre Sem estampilha:

Trimestre

Brazil e Africa, ano.... 3,0000 reis Ilhas adjacentes, 32000

ANUNCIOS Cada linha, 30 réis; repetições, 20

réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Comunicados, 40 réis a linha. Réciames, 60 >

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal för honrado.

Avulso 40 réis

enriphosas. Salt entite do amilde sub tito alia.

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redação e administração RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12-RUA DA MOEDA-14

Quinta-feira, 24 de Dezembro de 1903

liberdade. Acercon-se por lim-dos vian-

Eva lindo-se á tarefa árida do comentario politico, as preocupações irrequiétas do combate, a tudo emfim que póssa aj tá-lo num sobresálto de luta áspera, o nosso espirito dá-se ôje, irrezistivelmente, um espairecimento revigorante avigorando recordações dôces dêste dia tradicional

Seja um dia de trégua nêste revolvêr exaustivo de mizérias que incessantemente chamam os nossos protestos.

Quando todos se abraçam, entre sorrizos e bençãos, na pás santa dos láres em fésta, não vamos nós perturbar essa suavissima comemoração de fraternidade com o rumor de pujilatos azedos.

Festa do coração, de simplicida le e pureza, tão cheia de tradições e entrelaçada de lendas, por toda a parte éla tem a sua entuziástica e encantadora celebração, a todos pertence e todos a guardam com religiôzo fervor.

Andam as crianças num alvoroço, seduzidas por prome sas lindas de Fada; vêm de longe, em caminhada alegre, para o festival da familia, to los os que a vida exijente separou E' um dia de pás, como que de jeral reconciliação, uma efuziva apoteóze de alma, purificadas de ódios e egoismos, amplamente vivendo e amando. Sim, seja de tregua êste dias

Basta a nublá-lo a lembrança confranjente de tantas inconsoláveis desgraças e de tão grandes e sofredoras mizérias - almas enlutadas pelo sofrimento, láres dezamparados onde só á o dezafogo das lágrimas, pela via doloróza da vida, sem pão e : em afétos, todo o enorme turbilhão umano que agoniza,

tiranizado e mizeravelatas I No dia de ôje vivamos bem para nós e para os nossos, deixêmo-nos prender bem nos braços que se abrirem para Los detêrem numa dôce e int ma recluzão, demos á nossa festa todo um grande luzimento de Amor e de Bondade, não esquecendo, na expansão jubiloza da nossa ventura, os que sofrem as inclemencias sangrentas do destino e os tratos crueis da iniquidade.

Das recordações pessoais que nêste dia acodem, em tropel, a vizitar-nos, numa reconstrução nitida, o nosso espírito volve-se numa aspiração suprêma e forte de felicidade comum, para toda a umanidade que sofre, e chora e agogrande cuidado. niza.

E, como mesmo ao sentirmonos bem entre as existencias queridas, no aconchêgo do nosso lar enganalado de alegrias sas, sentimos ainda a opressão dêste pensamento dolorozo!b lem ob son

Mas bemdita a esperança que nos reconforta e ergue na antevizão deslumbrante de largos dias de permanente ventura, quando nas al-

mas reinar uma eterna primavera PNATAL DE S. FRANCISCO iluminada e quente, ja não ouver ódios, nem egoismos, nem paixões, todos os ómens se extenderem as mãos num pácto de indestrutivel aliança, todos os corações se junvarem na comunhão da mesma fé, quando toda a Umanidade, emfim, for uma grande e unida familia, nêste dia e sempre reunida no mesmo lar pacífico e felis, onde não faltará lús nem pão, alegrias nem entusiásmos!

Ah! E é pelo advento dêsse aureo reinado de Paz e Justica, em que todas as forças se armonizarão sôb a rejencia da lei emancipadora e fecunda do Amor, que nós todos, cavaleiros da Utopia, batalhâ nos, sentindo na nossa alma a repercussão dolocoza dos alheios

Camaradas de I feal! nêste dia de trégua e de fésta, vai para vós todos que lutais e sofreis, a nossa saŭ lação caloroza, pelo triunfo das aspirações que nos prendem, avemos de erguer logo, a meio da festa simples do nosso lar, o nosso voto

Sêde felizes! Sêde fortes! Tende esperança e félas mos entir en

Da de trégua, dia de pas. Quem nêste lugar costuma deixar ásperas palavras de protesto e atáque, manda ôje a todos, o seu dezêjo amigo de boas festas.

Das coisas áridas da política, das mizérias e preversidades dos ómens anda ôje lonje o nosso espírito, perdido num alheiamento retemperante, revivendo toda uma florida mocidade que vem já a ca do men tormento!

Nada de lutas, no nosso acampamento ondula oje a bandeira branca da pás...

Boas féstas! Boas féstas!

A Rezistencia. em teme, coitadiohos

n possam roubar . . .

em responden.

S OR SECURITOR OF

ins nes cestos de flores,

A' Virgem Santissima

(Cheia de Graça, Mae de Miscricordia)

noite e negra e fria. Num sonho todo feito de incerteza, De noturna e ind zivel anciedade, É que eu vi teu olhar de pledade E (mais que piedade) de tristeza (como

Não era o vulgar brilho da belêza, Nem o ardor banal da mocidade ... Era outra lús, era outra suavidade, Que até nem sei se as á na natureza...

Um mistico sofrer. W uma ventura D line Feita só do perdão, só da ternura 31 201 E da pás da nossa ora derradeira...

nar cotte grinalday. O vizão, vizão triste e piedozal Fita-me assim calada, assim choroza... E deixa-me sonhar a vida inteiral

during ob Antero de Quental.

No ano da graça de 1215, na vés-pera de Natel, cavalgaval pela estrada que vae de Espoleto a Rema, o cardeal patriarca de Venêza.

Sua Senhoria ia ao concilio de La trão, prezidido pelo Papa Inocencio III. O desfilar desse cortejo da Igreja apresentava um espetáculo magnifico: cónegos de fisionomias expansivas e monges melancolicos, escudeiros e fidalgos de capaceres cobertos de plumas pagens e istriões com trajes de veludo de côres alegres, depois numeroza criadviem, e por fim, a matilha do santo prelado, que não desgostava de caçar e lêr ao mesmo tempo o breviário.

A frente do préstito, montado numa

mula gigantêsca, via-se um joven diaco no vestido com dalmatica escarlate, que alçava a grande crus de dois braços, a crus d'oiro do patriárca, rútila pelo sol que lhe batia em cheio.

O velho cardial, comodamente en-vôlto em peles, com a cabeça resguar dada por um barrête de veludo e armi oho, cavalgava, muito direito, de rosto altivo e olhar arrogante. De qu ndo em quando, perpassava, pelos seus lábios descórados, um vago sorrizo Pensava então em Roma triunfante, no moço imperador Frederico, esperança do papado, no pobre imperador Otão deposto e degradado pelo Padre Santo, nos impios senhores da térra de Provença expulsos do redil cristão, na turba mizeravel dos albijenses excomungados pela Santa Sé, nos eréticos impenitentes entaipados de pé e vivos na alvenaria dos muros.

A mesma ora, caminhavam pelas agrestes verê las das montanhas de Terni, tres estudantes de Bolonha, que se dirigiam tambem para o concilio. As suas capas negras pareciam estar no fio e dar pouco conforto, o vento aspe ro da serrania avermelhara-lhes as mãos, a demorada viagem faugara lhes as pernas. Eram três companheiros joviais. Preocupava os pouco o extase dos ascetas e nem sequer se lembravam da perversidade dos bandoleiros. Iam a Roma, não para bater nos peitos ante o tumulo dos santos apostolos, mas para correr aventuras e folias. Para dizer a verdade, tinham jejuado nêsse dia, não para observar o preceito do Natal, mas por causa de bolsa estar vazia. O mais velho dos três, um estudante muito esguio e muito abil em Direito, mais sêco que uma glóza dos Pandêras, mur murava, para se aquecêr, a canção latica da primavera, que os frades pe-dintes cantavam então por todas as encruzilhadas da cristandade:

A terra abre o seio a docura da estação tépida, - a florésta reveste-se de folhagem,—canta já o rouxinol,— e os prádos reverde em.—E' agradavel vaguear através dos bosques, - mais agra-davel é ainda colher scucenas e rózas »

Mas o mais novo, decretalista e bachar el em teologia, um rapazito de olhos meigos, de labios sensuais respondia em tom de ladainha, com algumas cóplas um tanto vivas, que pareciam evolar se das paginas mais livres de Catúlio, e o terceiro, que logo de ma drugada morria de sêde, psalmodiava em vos de falsête o introito da missa

Introsbo ad altare Bachi - Ad Deum qui lætificat cor hominis. Rezou com a mais profunda únção.

o Pater sacrilego: Padre Nosso, que estaes nas garrafas, santificado seja o vosso vinho!

E pelos desfiladeiros das montanhas umbrias, galgando por cima das leva-das, escalando os déclives dos rochédos corriam para Roma, com grande velocidade, outros perigrinos de aspeto terrivel, três bandidos condenados á roda, Santa, afim de lhe perderem o rasto risonha planicie de Rieti.

cus, multo rezolvidos rambem a tentar aud ciozos cometimentos a sombra das grandes bazilicas. Um deles ainda trazes no pé esquês

do a grithêta e alguns sheis da codeia de ferro. Podos três aprezentavam no rôsto vestigios de orriveis fetimentos Andávam como a fujir, de cabêça baixa, com a barba irsuta, com os olhos raiados de sangue, semelhantes a animaes ferozes acossados por cáes, e não se lembravam de cantar.

Como o sól descia já para o poente os três grupos penetraram por três sitlos diversos numa densa floresta, tenebroza e selvagem, que se extendia pelas ver e seivagem, que se extendía pelas vententes da montanha. Pouco tardou que os viandantes não encontrassem caminhos abétos. Barrancos to tuózos e bruscos precipicios, tó has fendidas, mat gaes, chárcos coalhados de lárgas folhas amarélas, obrigáram nos a andar ás voltas como num labirinto. As a cres, agota muito juntas, ocultavam lhes o céo os corvos grassa viantes a constanta de la como num labirante. o ceo; os corvos grasnavam ironicamente nos ramos mais elevados; os abutres batiam as azas arruivadas no alto dos penhascos e soltavam gritos estridêntes e o ven o, cada vês mais rijo, acordava nas profundidados sinistras da floresta, lamentos e queixumes umanos.

Os estudantes deixavam de cantar, os ladrões blasfemávam, os cónegos estremeciam e pensavam com dezespêro no que sucederia a ora da ceia; os monjes oravam e a matilha do patriarca uivava sinistramente. O cardial, impas sivel, contemplava com altivo sorrizo o terror dos serviçaes. al otray al

De repente, na convergencia de três desfiladeiros, os três bandos untramise, e, com a fraternidade duma angustia comum, reuniram conselho para combinar o modo como aviam de quebrar a magia da pavoroza floresta.

Tinham-se sumido os ultimos raios do sol e o crepusculo desdobrava-se, como um véo lugubre, por cima da montanha encantada.

Mas ninguem apresentava um parecer atilado, 109 locaum Omatel Passara is costas o Salvad

Nêste momento, saiu duma mata de giestas e de silvas um lobo que trotou tranquilamente em direção do cardial. Um lobo velho, ja grisalho, venerando, paternal. Assentou se sobre a cauda, com ar digno, em frente do principe da Igreja.

O lobo de Gubio! exclamou jo vialmente o pequeno teologo. O lobo de frei Francisco! Ah! Reverendissimo senhor, estamos salvos!

Era, com efeito, um lobo bastante singular. Parecia mais manso que um galgon Traziacoma coleira donde pen-diam amulêtos, aneis de metaes pre ciózos e escapulários. Via se grava das, numa placa de oiro um brazão comunal, com as seguintes palauras:

CIVITAS ENGUBIENSIS.

O lobo de Gubio fes festas a toda gente. Deixou se scariciar pelos có negos e pelos estudantes. Como o bandido da grilhêta apalpava com dema-siada curiosidade o precioso colar, fer rou lhe no braço uma dentada quasi de amigo. Lambeu devotadamente a dextra do arcebispo e, com um signal de cabeça muito amavel, convidou os seus novos amigos a seguil o.

que acabavão de se evadir da cadeia Correram atras dêle. Minutos de- jelho soiene de S. João, afirmação do de Orvieto. Dirijiram se para a Cidade pois, viam extender-se a seus pes a Verbo que se fês carne para redimir o

na balburdia dos fieis e dos ecfestasti- " O bom do fobe tratava sempre. Dirijia-se para um vale lonjinquo; 21vado, ao ocidente, entre colinas verdejantes, ao pé das muis altas montenhas da Umbriav Por cinud das uplanurus azuladas corriam huvensy como pendas tenues e doiradas. Eisderahafoes passou por toda a naturêza, como um sôpro milegrosolnaval nobibnad san sO

> oria aqui e acola mil prodificas A beira dos mananciais lloriam vibieras e pervincas; ao longo dos atalhos jas-murs e rosas. Em redor dos himocitos carregados de frutos de biro zunit lim abelhas. Nos verjers, alvos de bonlinis, cantavam eigarras. Ao ver o toberos animais dos campos saltayam de ale-gria; um bando de lebres e de cabriros principiou a correr para o vale stas-tado; do lado do mar vouva um bendo de andorinhas; um bando de corovias que so gorgeiam, diz S. Boaventur coum raio de soll, rodolitaram fi s mais altas regiões do cen. Na planeire nas colinas vibrava o repicur dos sinos; cada campanário saudava com a caleluja a noite divina dos descia sobre a terra, e a briza replue dissemi-nava exalações de incenso, misturades com perfumes de jacinto e de açucena.

O lôbo corria sempre. Quando a noite se tornou mais escura, circundouthe a cabeça uma aureola deofogo E o velho cardesipos mongestos clétigos, os cavaleiros e os pagens, os estudantes e os ladrões; arrestados por uma fosça irrevistiveb seguiram, sem profundo si-lencio o animal misteriozo. sh smon castigar, a terro e a togo, ovelhas

Os campos iluminaram ser do fundo dos bosques, das montanhas e do vale sala apressurada uma multidao de peregrinos, jovens e vélhos, camponêzes mulheres, soldados (sacerdotes, pastôres, servos, crianças, com lampadas, tochas, braçados de folhagem e camavam. Os canticos da planicie cespondiam aos canticos das alturas. Tudo into formou em breve suma simensa apro cissão, uma catadupa de luzesoe de vozes bemaventuradas.

Na trente corria sempre a aureola de fôgo; e por cima das cabeças desta turba, iluminada por des mil fachos, embalada com o ritmo de des mil cantôres, alçava-se fulgurante a crus de oiro do patriaren, supezada pelo diacono revestido de seda vermelha.

A meia noite chegaram ao termo

da jornáda. Era uma região adusta, solitaria. Na orla dum vasto predo, a sombra de carvalhos je del pinheipos viçozos alvejava uma granja; al meio da granja; via se uma manjedoura cheia de palha e sobre ela um ramo de rózas brancas; a direita da manjedoura estava um boi e a esquêrda um jumemo. Em redor do berço de Jesus uma treanca acendia alguns cirios. De dada tado da porta, sjoelhavam mancebos com sbitos de bardl, cingidos por cordas, cabeca descoberta e pes descalços. O lôbo de Gubio meteu-se familiarmente por meio deles. O cortejo do cardial parou a alguns passos da granja. Os estudantes e os ladrões entremeiaramos sinos da planicie tanieram então

em repiques continuados. Orgãos inviziveis entoavam uma Glória triunfal. E de pér junto do estabulo. Francisco de Assis começou a lêr, em linguejem vulgar, os três Evanjelhos do Natal, o Evanjelho da mera noite, que indica os destinos do jénero umano, editado por Cézar Augusto, e o pobre albergue onde descançou Jozé com a Virgem, o Evangélho da aurora, que conta a adoração dos pastôres á volta do prezepio de Belem; o Evanjelho do dia, o Evan-Correram atrás dele. Minutos de- jelho solene de S. João, afirmação do com a mix que o tinha perdiobrum

Depois o apóstolo fechou o missal e prégou o nascimento do Salvador. Passeava pelos fieis os seus olhos ne-gros e scintilantes. Falava das dôres tinham mêdo dêle... Passeava pelos fieis os seus olhos ne-gros e scintilantes. Falava das dôres umanas e da mansidão de Jesus duma fórma tão persuaziva, que á sua palavra faziam côro soluços e exclamações carinhosas. Saíu então do umilde san tuário, e, com as mãos extendidas para deitar bençãos, encaminhou-se para a multidão. Percorreu lentamente os grupos do povo, a quem consolava com sorrisos. Aos orfãos prometia o apoio do Padre que está nos céos; aos ser-vos semi nús das comuns e das baro nias, infiltrava esperança, que é meia liberdade, Acercou-se por fim dos viandantes desconhecidos que o acaso reu-nira, na véspera, na florésta maldita e exclamou:

- A' aqui ómens rapazes, com as mãos manchadas de sangue, que venham a mim; eu lhes ensinarei a do cura e o sacrificio.

Os três bandidos levantaram-se.

- Ide, lhes recomendou o santo, ide para o meio dos meus filhos. Dóra avante vivereis de caridade.

- Se á entre vós, ómens de pouca fé e voluptuosos, que venham a mim; purifical os ei e mostrar-lhes ei Deus

Os três estudantes prostraram-se a seus pés e beijáram-lhe chorando a fimbra do ábito.

minhas ovelhas mais amadas, a João como chumbo de Vermia e a frei Leão, e as vossas serão santificadas.

O soberbo patriárca, sentiu-se, por sua vês, dominado pelo mendicante de

Apeou se, dirigiu se a Francisco e abraçou-o com grande ternura.

-E vós, meu senhor, meu padre, disse o santo, continuai a caminho de Roma onde o papa Inocencio re liza o seu ultimo concilio, porque os seus dias estão contados e não verá outra noite de Natal. Dizei ao Padre Santo, em nome de Jezus Cristo, que cesse de castigar, a ferro e a fogo, ovelhas desgarradas do seu rebanho e que a mizézicordia é para a Egreja o penhor mais seguro da eternidade.

Abençoou, mais uma vês, com amor a multidão, que se dispersou pelos campos, e ouviu se um concerto aereo, o frémito das árpas e os acordes das fláutas celestiais que faziam resoar pela terra o éco dulcissimo do paraizo.

Emile Gebhart.

S. CRISTÓVÃO

No céo nêgro não se via uma es trêla! Podia la andar ninguem por os caminhos com um têmporal assim!

Fechou a pórta, e o vento, que uivava fóra, pôs-se a soprar baixinho pelas fêndas. O fogo brilhou com maifôrça, levantando-se em linguas soce gádas a rir, enchêndo de refléxos de oiro as folhas sêcas que forrávam a

S. Cristovão estêndeu-se ao pé do lume. Da panéla ao fôgo saía um fumo branco a cheirar bem a érvas.

Todo o dia cheio de trabalho! Bem podia dormir a noite a sôno sôlto.

Como o vento andava bravo fóra! Levantou-se. Parecêra-lhe ouvir chorar. A' porta rapávão. Algum cão per-dido, contadinho! Foi abrir. O vento entrou e quazi apagou o lume. A' porta chorava um menino, os pés nús, uma ponta do manto puxada sobre o peito, a outra molhada, arrastando pelo

O Santo fê-lo entrar depréssa, quis despi lo para lhe enxugar o fáto, e foi buscar a sua capa gróssa para o em-

Quando voltou, o menino comia do seu pão; e o Santo foi depréssa bus-car a ceia que fervia ao lume. O menino pos se a comer, dizendo que tinha préssa de atravessar o rio para ir ter com a mãe que o tinha perdido...

E o Santo ficava-se a vê-lo conten-

Que Cristóvão era um santo muito grande. Não avia no mundo jigante tão alto. Para se encostar tinha de arrancar um pinheiro grande. Todos fugiam dêle, e viéra por isso para ali.

— P'ra quê? perguntava o menino

-Passar gente para o outro lado do rio. Antigamente ouvera uma pon te; mas as cheias tinhão na deitado abaixo. Tantas vêzes isso acontecêra, que se cançárão de a construir; e, nos tempos de chuva, avia sempre desgra-ças na pobre jente que por alí fazia o seu caminho. Eu vim então para cá. Por muita agua que léve o rio não póde chegar-me á cintúra; os pés. apezar da idade, agarram-se como raí zes ao fundo, e os bráços pódem com sete omens fortes.

- Anda passar me já, disse o me-

E levantou-se muito depréssa, a mão segurando contra o coração o que levava escondido no manto.

O que seria que o menino guardava com tanto cuidado e não mostrava?

O Santo pegou lhe ao cólo e abriu

O veuto apagou o fôgo. Não se via onde se punham os pés.

Como o menino pezáva! Podia lá sêr! Ele é que estava cançado e entorpecido do fôgo. A agua ia fria como as cóbras. Nunca lhe custára tanto a -Ide, aconselhou, ide juntar-vos ás levar ninguem! O menino era pezádo

E o menino ria se de cima dos ombros dêle, e fazia o debruçar sobre o rio para lhe apanhar arbustos que passávam arrestá los pela água.

O Santo ia andando devagar, e o menino continuava a rir-se de êla ser tão fraco que nem com uma criança tão pequenina podia e dizia lhe que tinha pressa, que a mãe estava á es

-O que fizéra êle aos bráços que podiam com séte omens?

E o Santo pedia perdão a Deus da sua sobêrba, e chorava de se vêr assim fraco por seu castigo. Como poderia êle continuar a passar gente e arranjar assim o perdão dos seus pecádos?

Já perto da márgem avistou um grúpo. Quem seria áquélas óras? E êle tão fraco que nem podia com uma criança!

- Lá estão à minha espéra! disse

o menino. Chegavam. Desfês-se na margem o grúpo, e o menino sáltou para os brá-

ços do que chegou primeiro. Eram anjos os que esperávão, sa cudindo a chuva das suas azas bran

O menino sorriu, afastando o manto, e deixou vêr encostado ao peito o mundo azul cravejado destrelas.

-O mundo! Por isso êle pezava tanto! Passára ás costas o Salvador

Deixou se cair de joêlhos sobre o

O vento socegáva. Rompia a manhã. Toda a noite levára o Sinto a

O Menino chamou-o pelo nome, e S. Cristóvão, erguendo os olhos, viu-o debrução sobre êle estendendo lhe a carinha para um beijo.

Beijou-o cheio damor, e Ele foi se no regaço dos anjos que voárão pelo céo fora.

Na marjem, de joêlhos, ficáva S. Cristóvão.

Ao lume d'água, vinha ao longe, a

Não lhe cozeram neblinas os seus nevados lençoes! Nem lhe bordarem roupas, com aureas firmas, os soes!

Não lhe offertaram toalhas princeze, ou rainha loura! -Por enxoval-teve as palhas! -Por berço-uma manjedoura.

Comes Leal.

Nossa Senhora dos Ladrões

Depois do incendio, a catedral ficou em ruinas... Era em vês de brocádo... As lívidas aranhas Fazem teias nas mãos das santas bizantinas...

No mozaico do chão medram plantas estranhas, Frias plantas d'abismo... A umidade sombria Veste de bulor verde as colunas e as peanhas.

Em frente dum vitral, uma Virgem Maria, Cansada e lirial como um luar dagosto, Com soluços acorda aquéla ruinaria...

De estar sempre a chorar, tem dois sulcos no rosto, Parece tisica, a morrer, a esmorecer, a sale and the sale E o seu olhar é um sino pálido, ao sol posto.

Sete espádas crueis dão-lhe um cruel sofrer, Sem pedras, seus aneis conservam só o engaste, Sua bôca de flôr diz assim, a tremer:

- « Meu filho, meu Jezus, porque é que me deixaste

« Nésta ruína sem lús, onde tudo apavora,

- « Onde a lua é um fantasma e onde o sol é um contraste?
- « Meu vestido de lhama é um farrapo agora,
- « Sem gemas, minha c'roa é uma lúa a apagar-se,
- « E minha boca, vê! um astro que descóra...
- « Já ninguem a meus pés vem umilde ajoelhar-se,
- « Cirios, ninguem m'os trás, e doces orações and a anto sur
- « Só tenho as dos ladrões que aqui veem acoitar-se.
- Ningem me vem pedir amor, consolações,
- « Balsamo e pás para os febris desasocegos, « Sou agora, meu filho! a Virgem dos Ladrões!
- « A' força de chorar, sinto os meus olhos cegos...
- « Eu que o refugio fui das almas soluçantes,
- « Agora sou aqui refugio dos morcegos. . .
- « Que mizéria! E que lin do altar que eu tinha d'antes!
- « Ah!... os orgãos, o incenso, a mirra e o rosmaninho
- « E os cibórios a arder, com olhos de diamantes! »
- « Uma coruja fez em meus braços um ninho...
- « Amei-a (as c'rujas são aves bem desgraça las!) « E em meus braços criei-lhe as filhas com carinho ? ? 1879989
- « Mas a c'ruja, uma vês, vendo as filhas creadas,
- « Fugiu com élas... Ai! todos fogem de mim,
- « Só não fogem de mim estas finas espadas!
- « Jesus! meu bom Jesus! meu Jesus de marfim!
- « Tem dó de tua mãe! Repára, vê: meus pra itos « São rosários de dor; cada conta é um rubim!
- « Tura me, ó filho meu, dêste abismo de espantos
- « E leva-n e p'ra onde, em vês de chuva e vento,
- « A'ja incenso, jasmins, turibulos e centos!
- "Tem dó de tua mãe! tem dó do meu tormento! « A'! leva-me daqui!... Porque é que não me abrigas,
- « Tu que eras doce como um perfumado unguento?
- « Mas se é escrito que eu fique aqui, entre as urtigas,
- « Dá-n.e ao menos, que eu estou, meu filho, a tiritar,
- « Dá-me um manto! êste meu é como os das mendigas...
- « E dá me aneis tambem, e uns brincos e um colar,
- « Que os ladiões, muita vez, tem fome, coitadinhos!
- « E não veem ninguem a quem possam roubar...
- « E dá-me flor's! Em vês de lhamas e de arminhos,
- « Dá-me lirios nupciaes, miozotis cor do céo, « E rosas de toucar e a flor azul dos linhos! »
- Assim Ela falou... mas ninguem respondeu... Silencio... tudo em pás... a noite é negra e fria...

E Jezus? é um ingrato? ou dorme? ou já morreu? E a noite é triste como a alma de Maria! Voam morcegos, e, melancólicamente,

Passam fantasmas nos abismos da arcaria...

Mas subito! o luar rompe, divinamente, E, enchendo-se de cor no vitral de mil cores Bate na Virgem-Mãe, miraculozamente;

Bate-lhe em cheio e poe-lhe aos pés cestos de flores, Transforma em lhama astral seu cinto e manto antigos, Dá-lhe brincos e aneis de fulvos resplendores!

Da Virgem-Mãe nos olhos leaes, leaes abrigos, Canta a Ilusão! E eil-a a clamar entre grinaldas: « O' ladrões, ó ladrões, meus únicos amigos,

« Vinde, vinde roubar meus aneis de esmeraldas! »

(Sagramor), Eugenio de Castro,

NO CÉO

PROZA DECORATIVA

HAMA ARBVIROR

Ao filho mais velho dos meus amigos Manoel Gaspar de Lemos e D. Leonor de Barros.

Quando soubéres ler éste conto, talvés eu tenha já desaparecido déste mundo, mas áde andar ainda em tua caza, viva a minha memoria na saudade de teus pais.

Lembrar-te-ás então dum velho, a quem tua mãe e teu pai sempre fazião bóa cára, e das noites em que tu paravas de brincar, e ficavas a olhar para nos todos, a vér se nos entendias, com as sobrancelhas franzidas, o teu olhar prêto parado, e acabavas a rir tambem, e a dizer alto o meu nome, que a tua lingoajem infantil altera tão lindamente, a mostrar que bem sabias que era eu a cauza daquela alegria.

Ficávamos todos a rir e só parávamos quando tua irmã, mais pequenina, começava a chorar por nos termos esquécido de brincar com ela.

Quando soubéres ler, teus pais le contarão como eu me lembrei de ti num dia em que no mundo ninguem tinha palapalavras de festa senão para outro menino, e te ensinarão que grande amigo teu era o

MAN Peda ; Vem de loapa et committed alogie, para o festivi

Nunca na loja, onde S. Pedro guardava as portas do céo, se vira tenta gente, como naquéla noite de Natal.

E' que era ja tarde, ninguem sabia de Jezus, e Nossa Senhora andava num grande cuidado que bem quizéra disfarçar; mas que não tinha escapado aos outros santos.

Por isso a deixárão sózinha com os anjos, que cantávão mais dôcemente do que nunca para lhe espantar cuidados, e tinhão vindo para a porta do ceu, a ver qual era o primeiro que avistáva Jezus para ir dar-lhe logo, a corrêr, a boa nova. man a man man

me turbilito umano que ugonia S. Pedro não estava menos rabujento do que de costume, apezar da para nos a para os cualdadmos

Ordináriamente, deixávam-no para ali sozinho, sem se importarem com as suas questões com as almas, que queriam entrar á viva fôrça. Masmisul

A unica companhia; que tinha sempre, era a dos caes de Santo Umberto, o grande caçador e dos mais que acompanhárão para o céu os donos

Mas, néssa noite, até os caes andavão inquiétos; porque, de muito olhar os olhos, aprendeu a alma dos cães a conhecer as canceiras dos ómens, c bem tinhão percebido os cães que os dônos tinhão coisa que lhes désse grande cuidado.

O cão de S. Bernardo debalde procurára chamar a atenção do Santo, seu senhor, esfregando a cabeça pelo corpo dele, sacudindo a cauda pratiada, manchada de pêlos, em que parecião corrêr fios do mel dourado que as abêlhas tirão das flôres simples do

Não o via o santo, manhor

vagarozo a cauda, que inchava ao vento, como um leque de pênas, no gesto se aquécêr. de alegria que tinha ao vêr coir fôra a néve em que se criára.

S. Bernardo, que não conseguira avistar Jezus, apezar de ter a vista abituada a descobrir os viajantes perdidos em noites de neve, fechára outra vês a porta e deixára sem uma caricia o cão, que fôra deitar-se lonje do fôgo, o côrpo a arquejar sobre as lajes frias, a cabeça muito estendida entre as pátas direitas, a clhar para o dôno á espreita de uma caricia que o chamasse.

O cão de S. Domingos, aquêle cão pequenino e tão inteligente, que enten dia tudo o que se lhe dizia, e que até parecia falar quando ladrava, sentára-se a um canto muito desconfiado, e, de vês em quando, punha-se a rosnar e a ladrar baixinho, a mostrar que não estava contente por não olharem para êle, nem lhe fezêrem as féstas do cos-

Os grandes cães de guarda, que acompanhavão sempre S. Roque, e que não eram bem amigos de ninguem, no céo, senão dêle, seguiam-no devagar, receózos, e a qualquer gesto de impaciencia dele encolhiam o corpo, deixávam cair os quadris e baixávam a cabeça, enrugando a tésta, como se esperassem a todo o momento que os castigasse o dôno, desconfiados, como estávão, de que tivéssem culpa, sem saber, da inquietação que andava á vista no olhar do Santo.

Os cães de caça conheciam no olhre de S. Umberto a mesma preocupação que lhe tinhão visto, naquéla tarde em que êle ia a disparár o seu arco sobre um viado que lhe aparecêra de repente, a beira dum lago, entre duas arvores antigas.

Nunca animal mais belo fizera ba ter apressado o coração dum caçador de reça; mas ficára-se parado S. Umberto ao vêr-lhe erguida sobre a cabeça uma crus a arder.

Não avia ja claridade no céu; sinda não sparecêra a primeira est êla, e o lago resplandecia todo dourado, como se se tivêsse levantado ja outra vês o

E os cães nunca esquecêrão a lús, que virão aparecer então no olhar de S. Umberto.

Andávão atrás dêle, como naquéla noite em que o acompanháram tristes ao castélo, depois de um dia de caça tão alegre.

Por isso S. Pedro não estava nada satisfeito; porque, apezar de aver tanto santo na sua loja naquéla noite de

Não se ouvia senão o reido dos passos dos santos, soando frio como gotas d'agoa que caissem sobre o lajêdo.

E os santos olhávão inquiétos ora para a porta guardada por S. Pedro, ora para a que abria para dentro, para o céu, e onde apareceu de repente, sem ninguem lhe ter ouvido os passos, como uma vizão, Nossa Senhôra.

Quem olhasse para éla naquêla noite via logo que éra aquéla a rainha dos anjos.

O seu corpo, a andar, lembrava, sem ninguem saber dizer porque, a elegancia delicada dos lirios brincando com o vento perfumado da primavéra.

O braço esquerdo dobrado prendia o manto contra o côrpo, no jeito, que lhe ficara para sempre, de trazer ao cólo Jezus, quando menino, graça delicada que só tem as mães, que amamentam os filhos com o leite que Deus lhes deu para os criarem.

Olhou para todos com um sorrizo a agua perciza no seu lar.

Em vão, agitava num movimento triste e foi direita ao fogão, como se tivesse descido á loja de S. Pedro para

> No silencio ouvia-se apênas o crepitar da lenha a arder.

De repente, o cão pequenito de S-Domingos foi a corrêr para a porta e voltou aos saltos, torcendo o corpo pelo ar, como as voltas que dá tóra d'agua a tainha antes de cair na esteira e que tanto alégram os ólhos dos pescadôres por se lembrarem que têm certo o sustento dos filhos.

E voltou outra vês para a porta a

Todos os cães abandonáram os dônos e foram com êle.

Ouvia se a cauda do cão grande de S. Roque bater alegremente, num movimento forte contra a porta do céu. Até êsse !

Era Éle. Não avia duvida.

S. Pedro abriu de par em par a porta, coisa que nunca lhe acontecêra, na sua vida, e no fundo escuro da noite, viu se a sorrir alégremente Jezus coberto de néve assal tol anneque and

Mal encarou com a mãe, viu logo o cuidado que lhe déra, e veio beijá-la, a felar muito depréssa no que fizéra, a rir muito para a fazer rir tambem.

Nossa Senhôra deixava-se beijar, apalpou-lhe as mãos roxas do frio como os lilazes na primavera, e disse-lhe carinhosamente.

- Vens frio como a neve!

E levou o para o fogão, onde se sentou.

Jezus enroscou-se-lhe aos pés, encostou a cabeça no regaço do mãe que lhe conservava prêzas nas déla as suas mãos e pôs se a contar as desgraças que viéra consolar ao mundo.

Os santos segurávam os cães que não queriam senão fazer festas a Jezus. Pouco a pouco, a sua vós foi diminuindo e acabou como um suspiro.

Tinha adormecido.

Nossa Senhora debruçou-se, com jeito para o não acordar e cobriu com a tunica os pés que Jezus deixara des-

Olhou carinhozamente Jezus, que continuava a dormir, e começou falando

- Foi sempre assim! Andou sempre à procura de desgraças para con solar, sempre a confiar em todos.

Quando entrou em Jeruzalem recebeu as palmas dos meninos como se lhas mandasse o Imperador. As mães riam-se para êle porque era o mais bonito de todos os meninos.

la como se fosse em triunfo, direito no jumento tão contente como se fosse Natal, nem os caes tinha com quem num cavalo de raça, com arreios douro e pedras preciozas.

E ia em pêlo num jumento tão pequenino que nunca fôra montado por ninguem.

Nossa Senhora levantou o braço e estendeu a mão alva a puxar para trás uma medeixa dos seus cabélos loiros que caíra sobre a bâca de Jezus, da sua cabeça debruçada sobre a dêle a tirarlhe a lúz para que dormisse melhor.

Olhou o com carinho e depois voltou-se para os santos a rir.

- Eu agora rio-me; mas então chorei muito. Jupmon st sors e

Quando dei que o tinha perdido, deixei S. Jozé sozinho no meio do caminho para o ir procurar pelas ruas.

Já desesperáva de o tornar a encontrar, quando uma mulher, que me ouviu estar a dar os sinaes dêle a um guarda, me disse que estava no templo a discutir com os doutôres, e que éla mesmo ficára a ouvi lo e só saira quando êle se puzéra a falar dos devêres das mães, por se lembrar que deixara ficar fechados em casa os filhos para buscar

quando não tinhão que lhe responder, rão os companheiros se se ia cazar. abanavão a cabeça e sorrião.

Quando saimos todos o aplaudiam e todas as mães me invejavão.

Mas taes voltas dérão depois ao pôvo que começárão a dizer que êle era contra a lei e contra o imperador e condenárão-no como um grande crimi-

Dérão lhe a crus mais pezada, e pregárão depois com grandes prégos, como se fosse um ómem forte e perigôzo, a éle que fugiria deante de uma creança má, que quizesse bater lhe com uma flôr.

Que vae êle fazer ao mundo, se na terra nunca mais teve um amigo desde que morreu.

santos sentiu que Jezus lhe apertava a mão, voltou-se e viu os seus olhos parádos, como a adverti la de que não continuasse a falar.

Olhou em volta e deu com S. Fran cisco de Assis que sorria.

-A! E'ras tu!... Tu não...

E ficou-se enleada sem atinar com as palavras.

Jezus pôs se a rir para S. Francisco. E' que não avia maiores amigos, apezar de Jezus ter já voltado para o céu, quando S. Francisco aparecêra sobre a terra.

Fôra êle até que se lembrara de nunca falara as avezinhas. fazer o primeiro presépio no mundo para festejar o nascimento de Jezus.

E avia de ser logo naquéla noite que éla magoara, sem querer, o companheiro mais querido de seu filho!

No céo, como na terra, cada um anda com as suas afeições, mas não avia no céo grupo de santos que os outros gostassem tanto de encontrar como o de Jezus e S. Francisco.

avia no céo rancho de santas tão novas, tão formozas e de tão gentil do

padroeiras dos que passam na terra a vida a trabalhar o barro, tinham sem pre uma palavra para todos, mesmo para os santos mais umildes.

Quando encontravão num caminho olhavam para ver quando aparecião Santa Liberata e a irmã, porque todos amigo do filho, que Nossa Senhora gostavam muito de as vêr.

Quando passavam S. Lucio e Santa Bona todos sorriam mas ninguem lhes falava porque êles conversavam sempre no tom de dôce intimidade que na terra lhes valera o nome de os bem cazados.

S. Cosme e S. Damião eram muito respeitados, mas quando passavam falando gravemente, todos se calavam para os não interromper em suas meo tione december caracter sent sentistic

Só quando aparecia Jezús com S. Francisco todos se chegavão para êles, mesmo os santos mais pequeninos.

E quando êles se ião, ficavão ainda a falar dêles; porque cada santo tinha uma istoria bôa déles para contar.

S. Francisco éra um santo novo, de olhar escuro e ardente, a face dourada. como o ámbar, os lábios sempre a sorrir ingénuos e vermelhos, como os dos meninos quando umedecidos ainda por uma gôta de leite maternal.

Fôra sempre muito alégre, e nunca ouve banquete em que não fôsse coroado rei da mocidade.

E, um dis, que recolhia, como de costume, de madrugada, para caza, no meio dum rancho de rapazes, com quem andára de noite a rir e a folgar. parou a olhar a estrêla da manhã com

Eu fui. Os doutores ouvião no e, jum olhar tão grave, que lhe pergunntá-

Fôra dêsde então que êle começára a amar, como irmãos, os animais umildes, que intendiam tudo quanto êle lhes dizia, quando tinha tempo de falar

Nunca perdêra o jeito de rir e não gostava de vêr quem pão mostrasse aos outros um rosto alegre.

Um dia que encontrou sózinho um discipulo, que andava sempre triste, disse lhe entre alegre e repreensivo:

-Irmão, porque andas tu com uma cára tão triste? Cometeste algum pe cado. Isso é so comtigo e com Deus. Vai rezar.

Mas deante de mim e de teus irmãos, trás sempre uma cara de santa Nossa Senhora que olhava para os alegria; porque não convém mostrar cara de enfado e mau umôr quando se está ao serviço de Deus.

> Morreu a sorrir como vivêra. seja dito, porcett, de ve la A. Mad

Se até às avezinhas do ceu falava como se fossem creaturas de Deus.

Contam istórias, de que se fizerão na terra livros grandes, que um dia ao recolher a caza parára a ouvir a chilreada, que fazião numa tilia grande os passaros que, ao crepusculo se tinhão recelbido ali para dormir.

Parou e lembrou-se então de que

Começou a prégar e élas descêrão todas da arvore para o chão a ouvi-lo.

S. Francisco, que se animara a falar, passeava sem querer, e as avezi nhas afastavão-se para o deixar passar; porque S. Francisco era capás de fazer uma grande volta para não incomodar um passarinho.

Quem viu disse depois que nunca S. Francisco fôra cuvido com tanta atenção e tanto respeito pelos ómens e contava que os passarinhos estavão Era dia de alegria encontrar Santa todos de azas descidas, a cabecinha de Ursula e as companheiras; porque não lado, o olho preto e redondo voltado para o santo, o bico aberto, muito admirádos daquélas palavras novas.

Quando acabou de prégar, S. Fran cisco ergueu a mão e abençoou as Santa Justa e Santa Rufina, as boas aves que se levantarão então e voárão, traçando pelo ceu fora a mesma crus cam que o santo as abençoára sobre a terra, indo cantar aos quatro ventos a glória do Senhor.

Todos sabião no ceu istórias déstas do céo o licorne e vism brilhar sobre e avia mais dum santo pequeniro que

magoara sem querer ... an . on synt

Por isso foi para o pé dêle e pôs-se a caminhar a seu lado; porque come cáva o dia de Natal e ja se ouvião as árpas e as vozes dos anjos cantando glória a Deus nos ceus.

Jezús deixou se ficar para trás, olhou para S. Pedro, que estáva de olhos fechados, abriu devagarinho a porta e debruçou-se sobre a terra. S. Pedro sorriu.

Jezus debruçou-se mais, voltou o ouvido para escutar, e ergueu se socegado fechando devagarinho a porta.

O seu rosto resplandecia na glória

de alegria. Da terra não subia um grito de dôr.

E' que á muito tempo, numa noite como aquéla, descêra êle sobre a terra para levar a pás aos ómens.

ESCRITURA SAGRADA seasons mans emportantes dil

come while a their não decreter

A Escritura Sagrada La dis que uma mulher ma Não a fera, não a nada Peor no mundo: e não á.

Uma lá da minha aldeia, Que era muito impertinente, Muito má (e muito feia) Morre um dia de repente.

Morren; desgracadamente Mais tarde do que devia; promot a Mas cm suma toda a jente 15 1 4 1 5 Teve a major alegria, ab abnoally

mos appar. I odos a cavalo; Machado, na frente como o Go Passados annos (é boal) Foi-like preciso ed coveiro ab comen Abrir a cova, e achou-a strik A Ainda de corpo inteiro, mu somal Ainda rozas na face, a ob 2.11 Ainda sinais de vida .. , sarintaraista Milagref coiza subidant ab antined Pois mais fresca que uma alface

A tanto tempo enterrada, Devendo estar reduzida comanuo J A pó, térra, cinza e nada ve vordeni o segundo pahio que o dri Corri

Vem dar parte; e corre a vel-a O povo atras de prior; E passam logo a trazel as ab easo Em clima do seu andôr o mu sag

E a po la numa capela 31105 ubia De grande veneração (Eles ás costas com éla, o one oral E éle a cantar canto-chio;) il atuat Mas seja late que for, ottaup out O que é certo e mais que certo É que santa como aquela

E nem de mais devoção, Não à por ali tão perto.

Qual private of restle ... E dizem que não a santos Como nos tempos passados!

E ca opiniao minibii *OFIOV 2021011 Que muitos (quantos e quantos!) Que ai morrem desprezados, a Semio são cunomizados aturan sura E que está chell a Folhihlia. III ob

septer responsemble de de deus.

(1860) to stime

Foi em dezembro de 1860. Estavamos em Pombal, encarregados das expropriações do caminho de ferro «Salamanca os enjenheiros Augusto Machado de Faria e Maia, Lourenço de Carvalho, êsse grande volto que a morte tão cêdo arrebatou, Francisco Gomes. e quem estas linhas escreve, cuja scien cia se rezumia no profundo conhecimen-

to da pantometra e bandeirmhast de Viviamos todos em bôa e leal camado céo o licorne e viem brilher sobre e avia mais dum santo pequeniro que radagem, no palacio onde em 1782 Se-a sua cabeça a espada de lús todos não podia dormir sem ouvir alguma. bastião Jozé de Carvalho exalou o úl-E fóra logo um santo assim, tão timo suspiro. A noite la alta. Lourenco de Carvalho cabeceava na grande cadeira de docel, onde, durante o exilio descançara o enorme ministro. Augusto Machado e Francisco Gomes faziam a sua co tumada paciencia; cu, lia socegadamente o quadro istórico A Tomada

Tens por ai algum livro que file sobre Coimbra? — perguntou F. Go-

- Tenho. Queres saber a quanto estão as arrufadas. - Que graça! Não me é dado ler

alguma coisa sobre Coimbra?

— Chama-lhe antes Conimbrici, como o autor da Espanha Sagrada.

- Uma ideia! intercompeu A. Machado, querem vocês la ir passar a Valeu! berrou o Gomes entusiasticamente, typom a smil , smoo ob

No entretanto, despertava o Lourenço de Carvalho, o Lourencinho como todos lhe chamavamos, e levantando se, fitou-nos através do seu monóculo com esse olhar vivo e penetrante que tanto

o caraterizava. - Planeamos um passeio a Coimbre, acompanha? - perguntou Antonio Machado.

- Da melhor vontade. Já que fômos à dois dias os erois de Pombal, justo e proficuo serà para a istòria, que essa cidade nos conheça. Mas, onde o Correia das Neves, o Nestor dessa odis-

Lourenço de Carvalho referia se á inundação que dois dias antes se dera na villa de Pombal, onde a cheia, em algumas ruas, atingiu a altura dos pri-meiros andares, e onde o Correia das Neves foi o principal eroe. As scenas | algum motivo foi. Quanto a mim, tirei dessa inundação merecem as onras désta veridica istória!

Eram onze óras da manhã. Chovia a torrentes quando vinhamos das obras das Ferrarias, uma linda vivenda do visconde de Almeidinha, para onde ia-mos abitar. Todos a cavalo; Augusto Machado, na frente como o Gomes e o dr. Correia das Neves, e eu com o Lou-

renço de Carvalho, seguindo os de perto. A uma distancia de cincoenta ou ses senta metros da Ponte de Arouca, no támos um certo movimento no largo de N. S. do Cardal. Mulheres sobraçando criancinhas, corriam ofegantes, para as bandas da igreja; magotes de ganhões que iam para a feira dos - 12 - atro pelavam-se como energumenos.

- Que será isto? - perguntei ao Lourenço de Carvalho que algum lance imprevisto está para acontecer, dis-mo o segundo palito que o dr. Correia das Neves acaba de introduzir nos dentes, repara, e indiquei o dr. ao Lourencinho.

Correia das Neves exctéuando as óras da comida, acompanhava-o sem pre um palito, palito enorme, introduzido entre os dentes. Dormia com êle na bôca, e ouve quem afirmasse que se lavava com êle na bôca. Quanto a isso não o posso asseverar porque du rante três mêses que dormimos no mes mo quarto - nunquam baptisabat se in fonte aquae! Levantava-se, vestia se, penteava se, punha o chapéu na cabêça e ia tomar o fresco cantarolando sem-

> Qual piuma al vento... La dona é mobile

únicos versos que logrei ouvir-lhe, dêsde o dia em que tive a onra de lhe ser aprezentado, até a ora dolorosa que nos despedimos, êle, para seguir á terra da sua naturalidade, eu, para correr mun do em busca de melhor fortuna.

Quando o dr. montava a cavalo e se colocava com o busto firme e equi librado na sua almantrixa, redeas to madas e a egua pronta a bem meter o bico, então o inclito lejista, introduzia o polegar e o apontador no bolso do colete, e, tirando de dentro dele cinco ou seis palitos, escolhia o mais forte para substituir aquelle que lhe abitara entre os dentes durante as longas óras do seu calmo repouzo.

Se a jornada era agradavel, e o sol brilhando, o iriava duma lús viva e consoladora; se a egua chegava ao termo da sua parajem, dando-lhe apenas cinco ou seis ternos sem que de todo sjoelhasse, então o palito conservava-se-lhe entre os dentee, lizo, inteiro, capaz de ser aproveitado para outra dentadur ; mas se pelo contrario, a jornada lhe ia semeada de estorvos, tendo de atraves sar ribeiras, transpor valados, trepar a eminencias, descer por desfiladeiros, então o palito era mordido, reduzido a

pincel, e por último, substituido por ou

tro. Foi o que me levou a supôr qu se déra algum caso, grave, que a suaguda intuição advinhára.

Foi-lhe fiel o seu apuradissimo faro Pombal estava inundado! Quando che: gámos á ponte, a agua dava aos cava-los pelos curvilhões! Crescia o pánic ; mulheres amarguradas fugiam para os lados da igreja de Nossa Senhora do Cardal que a água parecia respeitar. A confuzão e o terror aniquilavam

aquela pobre gente!

— Vamos la? gritou Augusto Ma chado, voltando-se para nós ao mesmo

tempo que se apeava. Seguimos-lhe o exemplo. Quando procuramos pelo dr. Correia das Ne-

ves, já ele tinha saltado da égua, para se colocar de pé sobre um dos pilares do ponte, firme e imóvel como uma estatua e... com dois palitos na boca! dois!!

Para atravessar a corrente e passarmos para a vila, foi necessario recorrer a uns cajados que nos emprestaram uns lavradores de Albergaria.

Apezar da tristeza da situação, quando voltámos o rosto, e que vimos o doutor de pé, sobre a ponte, não nos pudémos furtar a uma gargalhada. O Lourenço, assestando o monóculo, chamava-o em altos gritos, e êle firme, impassivel, com os dois palitos saidos dos lábios, como duas prêzas de ja-

Nas ruas que vinham dezembocar a praça, já a água dava pelo peito aos que fujiam na direção da igreja!

Despimos os cazacos. Para que? ignoro-o, mas nos que o fizemos, por pria desonra,

tambem o colête e espetando tudo num pau, ergui o á situra dum primeiro andar onde a roupa me foi recebida por uma respeitavel senhora de quem mais tarde recebi inumeras finêzas.

Nêste momento, apareceu-me um individuo com os cabêlos em dezordem, trémulo, com o olhar tôrvo e desvairado a pedir que lhe salvassemos a sua | nunca pude destrinçar; sei que me enfilhinha e indicando ao mesmo tempo a casa onde morava.

Inclinei me para, nadando, chegar mais depressa ao local designado, po rém as botas de montar, impediam-me os movimentos dos membros locumo-

Trepando a custo para uma das árvores que estavam junto ao milagrôzo forno, quási como Absalão suspenso pelos cabelos, escarranchei me numa das braçadas e descalcei a custa as botas. Mais felis de que o filho de David, desci da árvore, e deitando me á água pude nadar dezembaraçadamente para o local que o pobre me designára. O susto e a mortificação da sua alma ti nham exajerado o perigo. Algum avia, seja dito, porém, dêsse já A. Machado e Lourenço de Carvalo a tinham reti rado. Salva por esses dois ómens das botas, aquéla criança por quem eu me pozera em ceroulas para salvar!

Fui aos ares? não: desci ás águ s e mergulhei, mergulhei de raiva! Podia ter sido um benemérito. Cheguei tar de! e porque? porque encontrei no meu trajeto uma alma compadecida que me ofereceu um frasco de jenébra, e demorei-me a beber dois ou três goles para me animar. Sem isso teria chegado a óras, salvaria essa criança e contar-se-ia mais um eroe na minha familia.

Neste momento pareceu-me ouvir uma vós eflita para as bandas dum botequim, que estava em frente do corrreio. Nadei para êle e entrei; estava completamente inundado; a água davame pela cintura.

O balcão dividia a casa em doiquartos. A um canto, um pequeno armário de vidros guardava várias garráfas. Tirei uma acazo; era de jenébra.

Ao terceiro gole, senti como que um jemido. Fixei a vista no quarto interior e apercebi a custo, sobre uma banca, involtas numa saia branca, umas formas umanas! Era uma velhinha, que de joëlhos me pedia que a socorresse. Aproximei me da mizera e, para a animar obriguei a a tomar um copo de jenebra, tomando eu dois para mais me fortificar no caridozo intento de lhe salvar a vida.

Pegando na velhinha coloquei a ás minhas cavalitas. Nunca braços de mulher amante e amada, me estreitaram com mais ardor!

Eu que sempre fantaziára salvar ás chamas uma donzela de dezoito primaveras, sentindo lhe palpitar o coração de enco tro ao meu, e seguir com éla ocul o na nuvem dos seus cabêlos es parsos, fugir com uma velha de setenta invernos, as cabritas, sem coração para palpitar, sem cabélos que se distendês sem sobre a minha fronte e na perspé tiva dum vómito de jenébra, manchan do-me a face, as minhas grandes barba , e as minhas grandes iluzó sl

Saindo a custo do botequim com o meu preciozo fardo, transpuz a rua em que a agua me dava pela cintura diri jindo-me a praça onde a cheia ja avia decrescido. Foi assim, com a velha ás cabritas que encontrei os meus, já para mim sa udózos companheiros, dirijindo se para uma local onde estava alguem em perigo:

Acompanhava os distinctos enjenheiros. F. Maria de Carvalho, o pai da criancinha que os meus amigos haviam

O que nêsse encontro se passou não à pena que o descreva!

Ofereci-lhes para que bebessem de um frasco que tinha trazido do botequim, caso encontrasse algum resfriado, e rejeitárão, rejeitárão indignados! Sēja se bom, caritativo...

Ferido por essa recusa, atirei-lhes com a velha a cara, e segui para outra rua onde a cheia não decrescera, nadando para as bandas do correio.

Não os volvi a vêr senão ás quatro oras da tarde, em frente da igreja de N. S. do Cardal, em companhia das pessoas mais importantes da vila. A uma distáncia de dés metros, separado duns companheiros, montado na sua egua baia, triste, como envergonhado, o dr. Correia das Neves, com os dois palitos na bôca, exibia-se aí, no centro dessa praça como o cartás da sua pró

A jenébra que nêsse dia bebêra, e o ábito constante dos banhos frios, permitiram me que me conservasse perto de quatro óras dentro de água, chapinhando por uma rua, nadando por

outra sem que o côrpo me resfilasse. Se o meu cavalo dócil e bem amestrado como estava, veio meter-se sob mim, se fui eu que lhe saltei para a sela, contrei tambem em frente da igreja do Cardal, corretamente montado, busto nu, membros locumotores em cerculas, estribando de piúgas, e o cobrejão traçado em volta da cintura!

Ao vêr-me, Correia das Neves apro-

O auditório comentava as peripécias

Augusto Machado e Lourenço de Carv lho, já enchutos e elegantemente vestidos, fuzilavam-me olhares esmagadôres! A incorreção do traje desluzira

me a croicidade! Segundo as suas opiniões, estava irremedi velmente perdido por o con ceito Pombalino e para a sciencia! A Europa assombrada expulsatia o meu nome da lista dos seus grandes enjenheiros! Adeus glória, adeuzinho posteridade!

O dr. Correia das Neves que nunca perdia ensejo para assombrar os audi tórios com as joias di sua verbozidade, cravou os acicates nos ilhais da égua e aproximou-se num travadinho cucto, do grupo em discussão

Istoriando os esforços que fizera para entrar na vila, esforços inuteis que o iam vitimando, declarou que tudo tinha visto, e que estava pronto a asseverar que, se todos os abitantes de Pombal se tinham portado como uns eróes, tambem com orgulho, poderia falar dos seus queridos amigos e companheiros, que tanto se aviam distinguido salvando uma crisneinha ás águas dêsse diluvio. Aqui tirou um dos palitos, e colocan do o atraz da orelha esquerda, continuou; «Agora senhores, agora que as águas voltaram so reino de Néptuno, e que a arca santa já repouza em sêco, que cada um de vos se transforme em pomba, e leve um ramozinho de oliveira nos dentes - digo no bico - para so cegar as suas familias. Disse,

As palmas estrujiram!

Então uma das principaes pessoas da vila, de barrête de veludo côr de cereja e babouches amarelas, deu gentilmente um passo em frente, e, voltantando-se para mim - a primeira frase foi-me dirijida, não a cedo nem a punhal - tirou o barrete, e com vos trémula e emocionada, soltou estas palavras, que foram e serão a minha eterna glória, o único lenitivo aos repetidos dis sabôres desta vida ingrata e amargo rada! "Pombal agradecido, saúda o eró: da velha. Pombal agradecido, saú ijitando o barrête e saudando Augusto. Machado e Lourenço de Carvalho, que o olliavam estupefitosi

Quando ao principiar um discurso em resposta a éssas duas fráses, tão simplices, mas tão eloquentes na sua sua verdade, fiz recuar o meu caválo para o estacar numa atitude condigna do assunto e da situ ção, um prurido na laringe, levou-me a golfar genebra, em vês das perolas de eloquencia que tencionava espalhar aos pés dêsse omem o unico que talvês me tenha sabido compreender e avaliar.

Dili a três dias, uma local no Jornal do Comércio, - quem o duvidar procure a folha do dia 21 de dezembro de 1860 - escrita com mênos gramática do que entusiásmo, fazia a nossa apo reóse, fallando nos rasgos de eroicidade praticados pelo dr. Correia das Neves, o qual onde avia maior perigo ali se encontrava sempre com o seu braço tantas vêses provado em altos feitos de temeridade.

Sería delle este artigo? Houve quem

Ai pobre amigo! Creio que já desceste à terra mãe, mas a tua memoria ficara eternamente gravada nessa local e no palito que levaste para a sepultura!

Pelo que fica dito, vê-se que Lourenço de Carvalho tinha sobejas razões dizendo que Coimbra devia conhecer os erões de Pombal, e abriga-los uma noite que fosse ao calor do seu inclito numa ribeira, e que tive de a atrave-

no dia seguinte as cinco oras da tarde dito que me tivesse molhado! Mas, a partiamos para Coimbra, cheios de ale- despeito de tudo, nessa tarde o meu gria, de mocidade e de saude.

barqueiro que o passasse.

Augusto Machado vociferava raios e queria passar a todo o tranze, custasse o que custasse.

Eu que era um idromano, trenado em toda a espécie de loucura dentro de agua, saboreava a cólera do meu chefe de secção, que me daria em rezultado o atravessar para Coimbra, o meu ardente dezejo.

Lourenço de Carvalho com o seu monoculo assestado, dizia nos que tanto se lhe dava ir para o ceu pela úmida estrada do Mondego, como pelo tunel de Albergaria que dias antes estivera para o tragar.

A muitidão agrupava se clamando que seria uma loucura o nosso in-

Com a energia que sempre tem acompanhado êsse érculeo lutador, A. Machado conseguiu que nos passassem naquéla, para nos quasi barca de Ca ronte, mediante o óbulo de duas libras, óbulo que não foi levado entre os nossos dentes mas sim na algibrira do valente barqueiro.

-E' necessario que a pancada que dérmos com o cróque acerte bem na ponte, disse o barqueiro ao saltarmos para dentro, se não dér.

- Se pão der ? perguntei.

 Vamos parar a Figueira.

 Pois vamos para a Figueira ou para o inferno, rujiu Augusto Machado. Lourenço de Carvalho, frio, sereno, sor rindo ao perigo, a brincar como sem pre, beliscava-me na côxa. Francisco Gomes, sorria-se por imitação!

Quando nos sentámos e que o pa trão, de croque em riste se preparava para a luta, um siléncio de morte des ceu por sobre aquêles grupos.

Eu olhava para o azul, parecendo me descobile na linha do orizonte, uma tia de minha bisavo, de quem tenho o retrato a oleo, olhando me e pedindo a Deus por mim!

Роцео в реплер и впо чов

O barco largou, e o cróque na sua pancada fria e inciziva encontrou o sitio dezejádo. Estavamos salvos, e, dali a dez minutos em Coimbra, nos b aços de Francisco de Mendonça, o talentôzo e distinto advogado da Emprêza Sala mance, e que por dez anos depois fo o dignissimo presidente da Camar Municipal de Li-bôa.

Depois de uma lauta ceia, Augusto Machado, Lourenço e Francisco Gomes foram deitar se, eu e Antonio Mendon ça saimos a passear por Coimbra.

Eram quatro oras quendo chegamoa casa. Fomos á copa tomar um refres co. Indicando me depois que o meu quarto de cama era passado o quarto de vestir do irmão, despediu se e foi para os seus apozentos.

O sôno e o cansaço, as comoções da travessia, e, por ultimo aquêle mal-dito refrêsco, tiraram me completamente a consciencia dos meus átos. Onde estava? Para onde fui? Nem eu nem os meus companheiros o souberam se

não da i a vinte e quatro oras!

No dia imediato, quando as onze da manhã, chamaram para o almoço e não apareci como devia, já o Louren ço e o Augusto estavam inquiétos.

Debalde o Chico Mendonça me per guntava ao irmão. O Antonio metia a mão nos bólsos, como se ali me procu rasse. Ou o perdi na rua, ou então foi cá em cazas, acrescentava. Mariano Machado e Filipe do Quen-

tal, depois de me farejarem inutilmente por Coimbra, entraram em casa ás cinco óras sombrios e dezanimados. Ninguem me vira. A luza Atênas, tragára o eroe de Pombal!

O janter, como é de supôr, não foi dos mais alegres. Nunca o pobre Lou-renço me perdoou aquela scena! Au-gusto Machado fazia se forte. Esse homem jámais acreditou que eu podesse adoecer, e menos ainda, o meu completo aniquilamento. Se me queixava duma dôr de cabêça produzida por cinco ou seis óras de sol ardente, duvidava. Se me confessava cançado por marchas violentas de dez a dôze óras a cavelo, sorria se. Quando uma vez a égua do dr. Correia das Neves se voltou comigo ssar a nado, quando mandei buscar

Preparou-se tudo para a jornada, e roupa a Albergaria, Augusto não acregria, de mocidade e de saude. chefe de secção, já mordia o bigode com
Eram onze ócas da noite quando a intranquilidade do susto que a minha
chegamos a Santa Clara. Devido a cheia auzencia lhe ia cauzando. A's oito oras o O da ponte estava aluido e não avia salu sózinho a procurar me, e voltou ás dés, triste, mortificado.

Passou se perto duma óra em ree demónios. O ilheu zombava da agua junião de conselho. Uns julgavam-me na rua da Sofia, outros, não sei de vergonha como o conte, nalguma batota!

> - Agora, bridou energicamente o Chico, levantando se ereto na sua enorme poltrona, serei eu a procura lo. A noite está fria, vou buscar o meu gabão e encontrarei o perdido! E, sem mais demora dirigiu se para o seu quarto de

> Ao abrir um grande armário de castanho, um movel de sacristia, que ele aplicara a guarda-fato, não deparou com gabão que dependurara num dos cabides. Era miope, muito miope, curvouse para o buscar, provavelmente caira-lhe para o fundo. Os manos remechiamlhe tudo! «Estes meninos! Estes me-ninos!» pensava êle enquanto procurava o abrigo. Finalmente encontrou or mi

> Quis pucha lo, estava como que prêzo as táboas. Insistiu: o gabão não vinha. Então ajoelhou-se, pegou-lhe, com ambas as mãos e puchou o. Deu um grito, um grito ôrrivel ! Picara-se nas rozetas de umas grandes espóras de prateleira. · Foi, provavelmente, o Antoninho que deixou ali as botas. Descuidado! En to direi. Já é demais, não póde aver arranjo! Puchou uma bots, não veiu, intentou trazer a outra, o mesmo rezultado l Ergueu se, bracejou, tentou as forças, tornou a abaixare puchou violentamente, erculeamente. Romperam duas pernas, depois uma cintura, dois braços, uma cabeça, e dezenvolvendo tudo do gabão, surji eu, nédio, compléto perfeitamente con-

Encontrei me ainda meio adormecido nos braços do Chico, que felis e satisfeito pelo seu achado, clamava por todos, dos fundos penetraes do seu imenso guarda roupa.

Acudiu tudo á gritaria do Chico. Decididamente, pensei eu ainda meio estremunhado, vim a êste mundo para ser alvo das multidões, mas se dias antes, Pombal, agradecido, saudava o eróe, agora, Coimbra indignada apos-

trofava o enroupado! -E corri eu Coimbra teda por cauza deste maldito, resmungaya Aubusto Machado contentissimo pela mi-

nha resurreição. - Falta de memória, acudi eu. Não sabias que tenho o ábito de dormir dentro dos móveis? Ja te esqueceste do arcaz da Albergaria?

- Mas tu não entraste comigo? perguntou-me o Antoninho.

- Pois não te recordas que tomamos uma orxata?

noite em que o scompenharam tras Compreenditudo! Embriagados com essa terrivel bebida, perdemos a consciencia dos nossos atos. Maldito seja! Se um dia for chefe de familia, não darei entrada em casa a esse refresco! Não á nada como o cognac para tomar sem receio que nos transtorne a razão!

-E que tal passaste por dentro dêsse armario? perguntou me o Lou-

- Em calças pardas, pretas e de todas as côres; afogado em sobrecazacas, cazacas e colêtes de todos os

-E agóra sentes-te bem? continuou o Lourenço.

Ainda era capaz de dormir mais duas óras dentro de um paletót ou então ir ja almoçar, para o que estou perfeitamente disposto, apezar de não ser

Almoçari sabes quanto tens dormido?

 Cinco ou seis óras, pelo menos.
 Cinco ou seis? Vinte e duas! - E' assombrozo - que esplendida

O seu corpo, a antier, lemb Meia ora depois ceavamos alegremente. Antonio de Mendonça, bem como eu, bebeu de tudo menos dessa terrivel

bebida: a orchata, a cauzadora de todos os cuidados que dei a esses rapazes, tão bons, tão fraternamente dedi-Quantas e quantas vêzes, nas mal

dormidas noites desta existência que já vae longa, recordo com saudade essas óras da minha juventude, e o teu armario o Chico!

Tomás de Mélq

Pajina do men diario

mensa his que me guinste so porto PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Para os meus olhos o teu corpo é morto,

Redação e administração - RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Oficina tipográfica 12-RUA DA MOEDA-14

N.º 865

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

COIMBRA Domingo, 27 de Dezembro de 1903

N CHILDRON AND STORES

Boas-festas . . .

Ox parenting ontinuation no more

Tambem o país inteiro tem as suas boas-festas, que coincidem com as do calendário em uzo. Com a diferença que as do calendário, derivades de tradições que os mitógrafos á muito explicáram, são usualmente gratuitas, e as que a nação recebe, vem todas por titulo onerozo. mases and somewa son sup

E nós, na esperança lêda de vêr o pais inteiro derreter-se em canticos jubilozos dum inário triunfal aos que sobre êle despejam a cornucópia das mercês, vamos pedir a três periódicos de certa cotação, que nos auxiliem na taréfa de alegrar os patriótas, entre o suculento perú e entupidora rabanada.

Ora essas três gazêtas serão: o Dia, o Tempo e o Comercio do

Sob o titulo Situação financeira, escreve o primeiro dos três:

Desde 1 de julho de 1902 até 31 de dezembro aumentou a divida fla tuante, ao par, de 4.275:832p \$680, rs., e juntando a diferença de cambios (réis 392:961#775), e o produto da venda de titulos (1.879:422#255 ré s) dedu zindo 250:1547109 réis adeantados ao caminho de ferro de Ambaca, chega-se ao total de 6.425:5448199 reis, que reprezenta o deficit real do semestre. Não é conhecido o saldo em em cofre, mas não será superior ao de junho. O ano económico começou mui-

Que só ultimamente se inseriu no Diário do Governo a nota da divida flutuante nos mêses de abril a julho, e que as contas do tesouro só são conhecidas até ao fim de maio, por propózitos de ocultar a verdade; oup soutamos denem

Que em 30 de junho último, o débito do tezouro ao Banco de Portugal subia 63.446:1568976 reis;

Que na divida flutuante interna o aumento foi de 12.952:085\$169 réis;

Que durante os tres anos últimos, além das receitas ordinárias e extraordinárias, o governo recorreu ao crédito, por operações da tesouraria a prazo curto, pela quantia de 15.525:471\$643 réis, sem incluir a venda por baixo de mão de titulos da divida consolidada, espalhados a esmo. Hanneparnos as roos

E depois de apontar como as despezas publicas absorvem tudo o que a economia nacional prodús

existe ja ôje o contrôle extranjeiro, com que este governo dotou o nosso pais. paiz mais rico do mundo.

O que virá a suceder para a divida interna? O mesmo, certamente, se se perzistir na idêa errada de a introduzir nos mercados extranjeiros. E com que poderemos então fazer face ás des pezas dos serviços publicos? Redorrendo de novo a diminuição do vencimento dos funcionarios civis e militares, e a maiores agravamentos dos impostos, que já são pezadissimos? Isto não bastará, e a crise tornar-se-á mais grave e perigoza do que foi a de 1902 intel s

Boas-festas, leitores amigos, inteirs, pois não é verdade?

Passemos agora ao Tempo (com quem nos falta ainda liquidar uma testilha para que não tem sobrado logar). Diz ele:

Fala-se em 1:500 contos que se gastárão nas festas ou a propósito das festas do rei de Espanhazasoumo 4 9

«E de toda essa enorme quantia o mais que se aproveitou foi o arranjo do Paço de Belem, que servira, diz se, dar aos ómens pas na terra. para residencia do principe quando cazar com a filha do duque de Con naught, sobrinha do rei Eduardo.

Por estas e por outras se venderam mais de 6:000 contos de réis em inscrições este ano, além dos negócios sobre a divida interna no estrajairo, com opções e mais anexos.

· A divida flutuante anda em mais de 70:000 contos de réis. E tudo isto se fês sem autorização

teus pellos parlamentar.»

E no número de ante ontem:-

Temos setenta anos de constitucio

Está feita a experiencia.

Nenhum ministério que queira reduzir despêza pública se aguenta no po

Podem discutir se as razões, ora Mas o facto aparece em todo o seu ladra de caráteres frustes, e fálhos.

Boas-festas pois, leitor amigo. perturbaria as dijestões. Gaudeamur igitur . . olluv ust ob

Vamos de cantoría, que é o que êste artigo.... nos resta... cia graça oculto

E para o remate das consoa-

São justificadas, não á duvida, as reclamações, os queixumes contra a carestia de tudo quanto é indispensavel Para louvar.
Por éssa ocazião serão distribuidas á vida. E' certo que, áparte os mimozos da fortuna, os outros lutam, mais ou menos, com as circumstancias, que gre o la nêste dia de festa universal.

parecem apostadas para desequilibra.

Foi ideia gentil de uma senhôra,
rem o orcamento dos particulares, assim que bem mostra a bondade da sua rem o orçamento dos particulares, assim como já conseguiram, de á muito, dezequilibrar o orçamento de Estado.

...... odrava Quem fizer a conta ao capital, que, a juro razoavel, rendesse a soma que Para a divida consolidada externa produzem as contribuições, á de chegar a esta concluzão: - que Portugal é o

A palavra decima, na sua acepção natural quer dizer det por cento de um rendimento colectavel; ora as contribuições geraes e locaes, que o pais paga, excedem a 50:000 contos; logo, para produzir essa some, sendo a de cima, poque a palavra significa, seria necessario um rendimento colétavel de 500:000 contos. Mas as contribuições, acumulando-se, como se acumulam so bre os mesmos rendimentos, não são de 10 p. c. são de 30, 42, 50 e mais. Basta apontar o imposto do consumo, a contribuição de rendas de casas, o selo, o imposto de rendimento, a contribuição industrial, etc., etc., é cerca de 2:000:000:000:000 contos de réis o rendimento colétavel do paíz.

Procurem, pois, a razão principal da carestia, procurem o seu principal factor na exageração tributaria.

Jubilemos em ossanas. Juntemse os aplausos aos coráes liturgicos das lendas míticas do cristianismo, e como messianico demoremo-nos à espera do Messias, que deve vir

ojav Sem contar que o povo não tem escólas nem instrução, que o ensino secundário é um maquinismo de fazer cretinos, o ensino técnico uma fantasmagoria e o superior um diluvio de bachareis. Sem contar que não á exército nem marinha, e que esses 8:000 coatos den orçamento constituem verba apreciavel na confuzão dos dois erários. ,siob ola suO

Sem contar com a vergonha da tentativa da cotação da divida interna na coulisse da Bolça de Paris, - um expediente imbecil de financeiros aux abois.

Sem contar com a perversão dos costumes políticos que transformam o poder numa feira da

Sem contar... mas a lista seria Iluzões já as não tem senão quem tão longa, que a enumerar-se por miudo, aguaria as boas-festas e

gio El volta o estribilho que encima

Créches de Coimbra

A direção das créches rezolveu na das, segue o que dizia o Comércio sua última sessão expôr a vizita publica a Créche de Mont Arroio, organizando uma pequena festa para as crianças que proteje com tão solicita caridade, numa alta manifestação de altruismo e dever civico muito para aplaudir e

> ás crianças pequenos enxovaes, e ás mães alguma lembrança que lhes alé-

> alma nêste amôr pelos pequeninos e pelos deserdados.

Iremos tambem, e, como queremos ser da festa, a Rezistencia dedicará o seu número de quinta feira unicamente à Créchie de Coimbra, querendo dar assim uma prova publica do aplauzo que lhe merece esta benemérita instituição, que, com prazer, vê dezenvolver-se e prosperar dia a dia.

Partido republicano

Vae alastrando pelo país o movimento de concentração republicana, e com prezer constatâmos ôje a noticia, que nos da o Debate, da reunião dos nossos correligionários de Cuba.

Nos republicanos de Cuba, á nomes conhecidos de todos nos aqui, pela afirmação constante que fizerão durante a sua vida académica dos principios republicanos, que tem conseguido salvar, mantendo a purêza das suas ideias no meio do embate violento da vida. São omens de carater.

Isso nos consofa, dos que dezertáram do nosso campo sem uma aspiração nobre, e muitas vêzes mesmo sem a desculpa de um interesse imediato que fizessem mirar a seus olhos para os deslumbrar.

Foram por servilidade.

A reunião de Cuba é uma prova brilhante da unidade que vai reinando nas fileiras do partido republicano.

Reuniu em caza do sr. dr Augusto Barreto, o partido republicano d'esta vila, para proceder a eleição da comissão municipal repablicana e tratar d'ou tros assuntos.

Prezidiu o sr. dr. Augusto Barreto, que aprezentou a seguinte moção, apro-vada por aclamação: «Os republicanos de Cuba, reunidos para eleição da sua comissão municipal, resolveram que se lavre na áta da sessão:

Um voto de louvor ao sr. dr. João de Menezes pela forma brilhante, inte ligente e eficas, como iniciou os traba-lhos de concentração republicano e de confiança para proseguir na sua béla campanha com a mesma dedicação e energia; leo quarte no manho.

Uma saudeção caloroza e entusias tica ao sr. dr. Bernardino Machado pela nobrêza e altivêz do procedimento, que constitue um belo exemplo de civismo e onestidade, felicitando o partido por adesão tão valioza pelo seu alto valor social, intelectual e moral.

E um protesto enérgico contra a forma violenta e infame como o governo roubou indignamente o sr. dr. Manuel d'Arriaga, testemunhando a este eminentissimo correligionário a admiração, a deferência, o respeito, que a todos os omens de bem inspira pela sua inteli géncia, pela sua bondade e pelo seu

En seguida, foi apreciada a gerén-cia, nos dois anos decorridos, da camara atual, que é republicana na sua

Foi the feita justica, reconhecendo se que tem cumprido o programa aprova-do nas reun ões preparatórias para a sua eleição. Pois que ao invés das camaras monarquicas, não só d'aqui, como de quazi todo o pais, limitou se a fazer boa administração: procurando realizar, dentro dos parcos e magrissimos recursos do município, os melhoramentos mais urgentes, inadiaveis e acessiveis, tentando economizar para executar outros, não menos urgentes mas de maior monta, não exercendo reprezálias ou retaliações mizeraveis sobre adversários políticos, não se servindo do seu logar para fazer negociátas mais ou menos escuras, etc.

Merecen, portanto, pela sua con-duta passada, o aplauso dos prezentes, que lhe significaram a confiança de que continuara a merecê lo, com o seu procedimento onesto e escrupulôzo, não se desviando do verdadeiro criterio democratico, onrando e acreditando o sea partido, que, nos seus processos governativos, não deve afastar-se um D. Amélia e com a de Jozé Ricardoz

apice das normas da mais escrupulóza

em ultimo logar procedeuse de cleição da comissão municipal, que ficou assim constituida;

Prezidente, dr. Augusto Barreto;

secretorio, Manuel J. Rodrigues; te-zoureiro, Joaquim Nunes Caeiro; vo-gais, Faustino Poças Leitão e Antonio Jezuino da Silva admesse obmoQ

Dr. Costa Simões

Tem tido o melhor acolhimento entre classe medica a subscrição para o monumento ao dr. Costa Simões nos estabelecimentos da Faculdade de Medicina. A ideia surjiu na ocazião do funeral, sendo mais tarde, na congregação da Faculdade de 2 do mês corrente, rezolvido que o monumento fosse composto por um pedestal de marmore suportando o busto, e que se colocasse no jardim da Faculdade que defronta com o gabinete de istolojia, onde tra-balhou tanto ano, com tanto amor pelo ensino e tanta dedicação pela Univer-

Não podia ser mais bem acertada a a sombra, que camilisoles adloses mim, de guarda cheva e album no

Estão encarregados de promover a subscrição particular para o monumento os professores Costa Alemão, Filomeno da Camara, Daniel de Matos, Souza Reforos e Antonio de Padua:

O monumento de um professor, que tanto onrou a sciencia portugueza não deve ser entregue senão a quem possa arear com as dificuldades de levar a cabo, obra que onre a Faculdade e a medicina portuguêza.

Sem outra ideia mais, que a de sucrir alvitres, lembramos-nos de Teixeira Lopes, não so por ser o primeiro escultor portugues, o que impregna de mais alta inteletualidade as obras darte a que dá toda a sua vida, como por ter sido em vida um admirador de Costa Simões, e ter privado com ĉie, na sim-plidade de vida da sua caza da Mea-

Alguem quer ver até no rosto da est tátua, tão justamente apreciada de Silzidro de Leão, a admiração do artista pela figura cheia de bondade do dr. Costa Simões.

Teixeine Lopes, artista delicado, trabalhando o marmore, como mais ninguem em Portugal, é o artista que se impoe, e sabera fazer uma obra que onre a Faculdade e grite bem alto toda a bondade daquéla figura dôce de velho, toda a docura do seu olhar, gasto do tempo e dos trabalhos de aprender e de ensinar. MAO DOV HOS AGYT POR AVING VE

ANS VICESTILL SIGH ASIS, VSOALIN Movimento Médico

Publicou-se o número referente a êste mês, sendo para lêr o artigo do sr. Serras e Silva sobre a falsificação dos vinhos pela atualidade que tem nêste ano de falta de produção de

O ar. Charles Lepierre continua o seu trabalho sobre a doença de sôno, feito com a competencia do ilustre pre-paradôr do gabinête de microbiolojia, e a volta do qual se esta fazendo a conspiração do silencio muito nos ábitos da ciencia portuguêsa. I lada la congenes de Mateus Roix, seu

O sr. Santos Lucas estêve ultimameme em Lisboa procurando contratar companhia para algumas récitas logo depois das térias de Natal. ou objetum

Não o poude donseguir, dizem os jornais de Lisbôn; porque é agora a epoca mais frutuoza na exploração dos teatros da capital of moup

Fechou porém contrato para mais tarde com la companhia do teatro de

Literatura e Arte

POR MONTEMÓR-O-YELHO

Pájina do meu diário

28 de novembro de 1903 -- ... rezolvi voltar a Montemór.

A manhã estava triste, o céo cheio de nuvens, em que o sol parecia mostrar a ameaça de um aguaceiro.

Na carruagem, um velho meu ami-Na carruagem, um velho meu amigo, disse-me como coisa, que me poderia interessar, que não tinha comprado
as Novidades e por isso não sabia
nada do balão. E ficou-se a olhar para
mim, como se eu podésse valêr á sua
curiozidade aflita.

Respondi lhe que não sabia nada, e
que nada me interessava o cazo.

E disse-lho em tom tão sacúdido,

E disse-lho em tom tão sacúdido, que êle anichou-se a um canto da carruajem, a olhar para mim, sem dar

Quando dezembarquei em Alfarélos o tempo começou a aclarar.

Em quanto ia andando alégre na-quéla atmosféra fresca, ia se iluminan-do de sol, ao longe, Montemór. A nebrina azulada, que envolvia a

vila, desfazia-se pouco a pouco, as cazas branqueávão e por fim só muito baixo, junto á terra, boiava ainda azul o véo que o sol rasgára, e que ficava prezo nos troncos párdos dos choupos sem folha, destacando sobre um fundo negro de eucaliptos, como a mancha triste do fio coçado dos tapêtes.

Ao ouvir-me os passos, as ras dei-xávam-se cair assustadas sobre os chár cos que ladeam a estrada de Monte-

Rompe o sol e eu ponho me a olhar a sombra, que caminha adeante de mim, de guarda chuva e album no

Extranho o volume pequeno da cabêça e não posso deixar de rir, ao lembrar-me o chapéo de ábas pequê-

nas e revirádas, que agóra uzo para não desgostar o meu chapeleiro que me disse que éra a última moda.

A' sempre gado sôlto pela estrada, e uma espécie de cães pequenos e desconfiádos, que me morderião de boa vontade se não fossem os dônos.

A barca agóra é mais abaixo e um barqueiro, que me viu no porto antigo com vontade de dezenhar a ponte que acabam de restaurar, chama me em alto gritos para baixo. Lá vou

Quando cheguei, fui-me metêr na igreja de Nossa Senhora dos Anjos a estudar a capéla de Nossa Senhora da Piedade, trabalho da renascença de Coimbra que ando a estudar.

A capela foi feita em 1542 por a muito virtuoza senhora Mor Teixeira como réza a inscrição embebida na parêde do lado do evangelo, que transcrevêmos a seguir:

AQUI JAZEM HOS OSSOS DO MVI NOBRE FIDALGVO FERÑAO DE PINA QVE PER SEV SABER E MERECIMETO TEVE NESTES REIGNOS DE PORTV GAL CARGVOS MVI HOMRADOS MAO DOV HOS AQVI POR AMVI VE RTVOSA SRA MOR TEIXEIRA SVA MOLHER NESTA CAPELLA Q ELLA MÃODOV FAZER E ADOUTOU DE CERTOS BEES PERA NELLA SE DIZE RE CERTAS MISAS EM CADA ANO POR SVAS ALMAS E DE SEVS FILH OS NO ANO DE -1-5-4-2-

Era extraordinário o carinho que as boas dônas do Renascimento tinham pelos óssos do marido.

Nésta mêsma igreja a capéla, que se segue á da Senhora da Piedade, no mêsmo lado da nave foi mandada fazer por Izabel Lopes, que para ali mandou trazer os óssos de Mateus Roiz, seu

marido, em 1591. Na igreja do Salvadôr em Coimbra na capéla dos Barros está outra sepultura mandada fazer, para sepultar o marido, por D. Guiomar de Sá.

Era tia de Sá de Miranda, mulher formoza, dizem os linhagistas, abarregada com o Bispo de Coimbra D. João Galvão, de quem teve dois filhos.

Quando o Bispo foi tomar conta do arcebispado de Braga, os irmãos leva-ram D. Catarina de Menezes a casar-se jornal.

com Antonio de Barros. Correu o Bispo a Coimbra mal soube da traição, mas saíu lhe ao caminho João de Sá irmão de D. Guiomar convencendo o a não levar mais longe o escandalo e a voltar a Braga.

Era muito parecida com a onradês dos maridos a vertude das boas damas da Renascença.

O número dêste mês, que temos á vista, insére o discurso proferido á beira da sepultura do dr. Costa Simões pelo

nosso amigo e mestre conselheiro Bernardino Machado.

E' uma alocução impregnada da sentimentalidade requintada do ilustre professor, de uma efusão comunicativa e que faz bem lêr-se.

Continúa publicando as interessan-tes investigações istóricas de Souza Viterbo sobre as artes e indústrias metálicas em Portugal.

BOAS FESTAS

Que á semelhança pois do que ja praticam outros jornais, v. per-mita no seu jornal uma subscrição tendente a colher alguma receita para os pobres do seu jornal e para a Escola gratuita 31 de Janeiro, que só com o auxilio popular pode contar, eis o que com empenho ou-zamos pedir lhe, pedido que na mesma data e com o mesmo intuito dirigimos a outros jornais liberais, certos de que todos acolherão de bom grado a nossa ideia.

Ficariam dêsse modo trocados os cumprimentos de boas festas entre os que concorressem para a subscrição aberta com êsse fim e avultar-se iam assim as obras de benemerencia e de solidariedade que reprezentam o auxilio prestado aos pobres da Rezistencia e á instrução popular.

> Luiz Derouet. Santos Franco. Marcos Leitão.

Rezistencia	2#000 г	éis
A. M. P	500	
T. C	500	>
C. M. R	500	
(Continúa).	THE CHILD	100

Contra os impostos

Os abitantes da Mealhada acabam de realizar uma reunião de protésto contra o aumento excessivo das contribuições industrial, de renda de caza e

Reuniram se em numero superior a 500 pessoas nos paços do concelho e a camera da Mealhada prometeu reprezentar advogando a justiça da petição do povo esmagado por impostos iníquos e enviar telegramas aos srs. Jozé Lu-ciano de Castro, Emiglio Navarro, prezidente do conselho, ministros da

Aos ministros enviáram o telegrama

A Camara Municipal tem a onra de comunicar a v. ex. s que a sessão de ôje compareceu a qu si totalidade dos contribuintes do concelho, protestando ordeiramente contra o excessivo aumento das contribuições suntuária, renda de cazas e industrial, elevadas quasi ao duplo, pedindo em vista do exposto a imediata transferencia do escrivão de fazenda e suspensão do pa-gamento das referidas contribuições até justa revizão dos respétivos lança-

Pede a v. ex." a sua valióza proté-

O presidente da Camara, powerszago nacionalin Lebre.

A manifestação é ordeira demais para ser atendida.

Depois... é de má politica entregar a cauza da Mealhada á Anadia.

E' do nosso prezado coléga A Voz Publica, o brilhante artigo que ôje publicâmos, subordinado ao titulo Boas-

Tu...

Imensa lús que me guiaste ao porto Da salvação : COA TE-AOLISTIA Para os meus olhos o teu corpo é morto, Tu não tens corpo, és só clarão!

Formoza estrada que eu sigo na vida! E os proprios passos com que a vou a andar! Uma lús á ao cimo da subida - São os teus olhos com o meu olhar.

E eu peço a esses olhos — linda ermida Co'um Cristo dentro - eu p'ra te abraçar -Na ancia dos sonhos em que tu me abrazas, As tuas azas Para voar.

Linguas de fogo da minha lareira Só vós faláis! Só vós dizeis esta paixão inteira, Fumo, p'ros mais! Estrêlas! quem não á aí que as queira? Mas compreende-las? Linguas de fôgo, Dizei-lhes logo Que são estrêlas!

Tuas espaduas como são? Formózas? Formózas sei, mas como é que élas são? Colo-lhe os labios e sabem-me a rózas; Deito lhe os olhos, vejo o coração! Mas que são tuas espaduas luminózas? Tu não tens corpo: logo o que são élas? São as estrêlas, O clarão!

A no meu peito dois buracos feitos Não sei por quem, mas, só os vi depois De ter sonhado junto dos teus peitos Que são dois.

O que são teus peitos? Deslumbrantes!? Mas teu pescoço é tambem assim!... Coizas d'amantes, Coisas de mim!... despôre publice se aguenta na po

Não, de mim não que as não sentia dantes, monto que as não sentia dantes que as não sentia da complexa da compl Que as não sofri; a to a la com ma sassage otal o est. Cuizas de ti!

Bost-four you, latter aman, performing a disside E as linhas do teu corpo, do teu vulto — Santa custodia déssa alma amada — otro de la coma / Nem que êle seja nu, pela graça oculto Não vejo nada!

on remains due comion . A directo des redules

Ficam-me os teus olhos e o teu sorrizo, E o teu cabêlo que eu desfraldo ao ar; Os olhos para vêr o paraizo, Eto teu sorrizo a synh = 1 contras esquires op all estimates Para lá entrar... wide. E' certo que, opaço co unimo do certoção prepudens cam

E em tudo a côr apenas e a armonia -Rubros teus labios, musicais teus passos -Beijo-te e vejo a clara lús do dia; E olhando em ti os astros dos espaços, Os que lá estão, e os que não estão, Quando te abraço encontro nos meus braços Um clarão! and anti-sugar a de constante de

cata continued - ade Fortugal e o sucta, and to appear

ADÈGA REGIONAL

Não ouve, quem tomasse a responsabilidade das calunias assacadas a esta instituição de tanta utilidade para a agricultura e consumidôres.

Os pasquins continuáram no anonimáto cómodo das maiores calúnias, e os que se deixáram levar pela arteirice e manhas dos caluniadôres começam a dar á Adega Rejional a satisfação que lhes é devida.

Com prazer transcrevemos de O Commerciante o artigo a que nos não foi possivel dar mais cêdo a publicidade que deve ter.

Os correspondentes de Coimbra para dois jornais de Lisboa deram nos a inesperada noticia de que a CAdega Regional daquéla cidade, julgando se vizada num artigo e num manifesto que aqui publicamos em 24 de novembro ultimo ja requerer ou requereu queréla contra nos.

Esta noticia chamou a nossa atenção mais particular, para o assunto, estu-damo lo detidamente pela analize dos estatutos da sociedade em questão e do manifesto distribuido contra a mesma sociedade, e ficamos convencidos de que nos aviamos impressionado demaziadamente a simples vista e devido a éssa circunstancia tomaramos a nuvem

por juno.

Efétivamente, a Adega Regional de Coimbra não é uma instituição especulativa com fins egoistas e tendencia meramente comércial; os seus fundadôres tiveram em vista a manutenção dos seus creditos de viticultores e a segurança de que os seus vinhos entram no consumo puros e absolutamente exentos de macula.

Portanto, a fundação daquêle esta-belecimento, longe de contráriar os in-teresses do publico, evita a fraude de que o mesmo publico tem sido e con-tinuará a ser victima, se em vês de atender aos seus interesses avigorando a iniciativa dos lavradores que tentam ar-ranca lo ás garras de especuladores sem consciencia, se deixar seduzir pe-los autores de manifestos anonimos, com aquêle que foi inadvertidamente transcrito na supozição de que não fosse simples obra de quem não tem a coragem de assumir inteira a respon-sabilidade dos seus átos.

Deveriamos colher então as infor-mações que ôje possuimos, e que nos levam a repudiar uma opinião formada sobre acusações que ôje podemos qua-lificar de falsas. Os que acuzavam a Adega Regional de Coimbra são os que vêem as suas fraudes por éla amea-

Não são os pequenos comerciantes os retalhistas, como supunhamos, os que sairam á estacada contra éssa instituição que vigilantemente hade manter a puêza dos produtos viticolas e ole da região central do paiz; mas os srs. armazenistas que a seu talante dese-jam dispôr do estomago dos consumidôres para deposito de drogas varias com que desdobram e multiplicam os

generos alimenticios originaes.

O comércio de retalho só tem a lucrar pela fundação dêsses grandes depozitos onde os produtores agricolas resalvam a purêza dos seus generos, evitando contrafações que os armazenistas se abituaram a preferir pelo lu-cro que dai lhe provém.

De modo que, o comércio que se fornece da Adega Regional não corre o risco de vêr apreendidos os respétivos generos, porque êstes slem da sua genuidade plenamente garantida pela seriedade do produtor cujo credito a todo o custo sustenta, têem a defender os seus revendôres a marca da procedencia que não pode ser recuzáda nem posta em duvida por quem déla faz

E' pois, fóra de duvida que o manifesto publicado no nosso numero de 24 de novembro, e de todo o ponto contrario a verdade é obra de individuos tão pouco conscios da justiça da sua cauza, que ouveram por bem não se expôr ás consequencias que da assina-tura do mesmo manifesto lhes podiam

A nossa boa fé, foi colhida néssa armadilha. Aqui nos penitenciamos do erro e prometêmos menos precipitação em dar credito a documentos, queixas e acuzações que não aprezentem o menor vizo de autenticidades

Ninguem é velho para aprender; por isso temos de confessar agora que apezar da possa longa pratica nos deixámos iludir mais que caloiramente.

O que aqui fica não é uma retratação forçada, mas a expontanea confis são de quanto nos peza ser injustos, principalmente quando como na prezente questão o alvo da nossa injustiça é uma instituição não só democratica como benemérita.

Sentimos que á digna direção da Adéga lhe não ocorrêsse a ideia da defêza da sua causa no nosso modesto semanario, porque da melhor vontade o, i i de largo. o colocariamos á sua dispozição.

Do último número do Movimento Médico, transcrevemos parte de um artigo firmado pelo sr. dr. Serras e Silva, cujo valor, probidade scientifica, amôr pelo estudo e dedicação pelo ensino a Rezistencia tem assinalado mais de uma

Ha lavradores que se esmeram em aprezentarem no mercado um vinho decente, apurando o fabrico, escolhendo as castas, mas um tal vinho, embora lançado efétivamente no mercado, não chega quasi nunca á mêza do consumi

dor. Por que acontece isto assim? Porque os intermediarios, os comerciantes estas pontes necessarias entre produtôr e consumtdor, querem, teem interesse em que assim aconteça. O vendedor a retalho o menos mal que fas so vinho é deitar-lhe agua. E graças a Deus quan-do esta agua é potavel. A impotencia em que nos achamos para determinar esta adição da agua é quasi completa. O vinho tem natur-lmente muita agua e esta varia normemente de vinho para vinho, de colheita para colheita, de região para região.

Felicitando a diréção da Adega Rejional, a Rezistencia folga por vêr que se começa a fazer justica a utilidade pública desta insultuição.

Natal de S. Francisco

O conto, que publicamos no nosso mais publicidade.
número de Natal, teve do público um Basta apenas fa: acolhimento, que nos alegra, por jus tificar a oportunidade da sua publi-

Agradecendo o acolhimento feito mais uma vês pelo público aos nossos números especiais, temos o devêr grato de declarar que o conto pertence á coléção de Gebhart publicada por o editor França Amado com o título de Ao tanjer dos sinos.

Este livro é um livro excécional, que prende as creanças pela fantszia da descrição, fála á doçura da alma feminil pelo conceito, e encanta os eruditos pelo saber istórico, que revela a cada passo, e que se encobre sempre numa preocupação artistica dum re quinte raro.

E' livro que se vê com alegria numa cáza, como se se encontrasse um amigo intimo.

A tradução de Noronha é acurada, edição, duma simplicidade elegante a edição, duma simplication de das mais bélas de tão rica coléção das edições de França Amado, sempre de um cuidado artistico que, dia a dia se vai acentuando.

Com a invernia e a grande massa de agua que caiu antes dos ultimos dias de sol, o muro de suporte dos terrenos adjacentes a rua do muzeu, e sobranceiros á nova rua que liga a couraça de Lisboa com a rua de Entre Muros, dezabou.

Não ouve desgraças e pêna foi que o desmoronamento não arrastasse consigo a antiga casa de autopsias do cemiterio da Conceição e o pardieiro que mais acima, com o pretexto de igiene, suja aquêle lado da rua.

A nova rua áde ser uma das mais concorridas e das que mais minucióza mente am de ser exeminadas pelos estranjeiros que vizitarem Coimbra, por ser a comunicação obrigada para os carros que tiverem de ir para a alta.

Perto está um bocado de muralha, que não á de escapar á curiozidade dos viajantes, e não lhes será com certezmuito agradavel fazer, a descoberta daquêle monumento que, perto, atesta a solitude duma vereação antiga.

E' necessario não esquecer tambem que esta rua deve ser cuidadózamente arborizada para mitigar a asperêza do verão torrido de Coimbra.

A sua situação excecional, a belêza da paizajem que dali se descobre, tudo indica a necessidade de dar a esta rua guidado especial.

Carris de ferro

A emprêza dos carris de ferro de Coimbra estabeleceu avenças anuais para anuncios no interior dos seus carros ao preço de 30,000 reis pagos adeantadamente em duas prestações semestraes, ficando o selo a cargo da emprêza e o anuncio por conta do

As dimensões do anuncio nunca devem exceder 0,53 de comprimento por

Está tambem já estabelecida definitivamente a tabéla dos preços que são respétivamente:

Do largo das Ameias ou Casa do Sol á rua do Infante D. Augusto-50

Do largo de D. Carlos ou gazómetro à rua do Infante D. Augusto-40

Do largo das Ameias, Casa do Sal ou rua do Infante D. Augusto ao Mercado - 30 réis.

Do Isrgo de D. Carlos ou gazometro ao largo de D. Luiz-30 réis. Do largo de D. Carlos ou gazome tro ao Mercado-20 réis.

Da estação B dos caminhos de ferro so largo das Ameias ou Mercado-

Da estação B. dos caminhos de ferro á rua do Infante D. Augusto-80

Da estação B dos caminhos de ferro -20 reis.

Junta de paróquia de Santa Cruz

Da junta de paróquia de Santa Cruz recebemos cópia da sua ata de 13 do corrente, que agradecemos, e que não publicamos a mais tempo, por termos dedicado todo o último numero a alegria do Natal.

A áta foi publicada já por muitos jornais é por isso bastante conhecida para se tornar necessário dar-se-lhe

Basta apenas fazer notar, que o presidente da junta justificou todos os seus átos e depois de fazer notar a injustiça, que tinha avido no corte e redução de algumas verbas teve o aplauzo dos seus colegas pela proposta que extratamos da áta: 100 do toto es l sull - 02

O vogal Mancel dos Santos Pereira David disse que, julgando intrepretar os sentimentos da junta, deve declarar que não eram necessarias as explicações dadas pelo prezidente, por de todos ser bem conhecida a sua retidão em nego cios de administração, e a verdade e a exátidão com que foi organizado o orcamento, e que em tudo se conforma, por ser a expressão da verdade, com as referidas explicações, pelo que propôs um voto de louvor ao reverendo prezidente pelo interesse e cuidados que lhe tem marcido esta egreja e administração dos negocios da junta, e que sen do de supôr que a autoridade tutelar persista na sua deliberação, embora infundada, entende não se dever interpôr recurso, mas que, sendo de necessidade o guarda da egreja e não tendo avi do quem se preste aquêle serviço por 30 pooo reis, propóe que na última ses são ordinaria deste mês, se nomeie al guem interinamente com aquela verba reduzida e que esteja nas devidas con dicões, sendo os restantes 13 popo reis pagos pelos vogaes da junta, emquanto não ouver ocasião oportuna de se or ganizar um orçamento suplentar, para dotar aquéla e as demais vérbas redu zidas, o que tudo foi aprovado.

Pelo que se vê da áta a junta de paròquia tem rendimento bastante para manter o culto, sem a necessidade de redução de verbas que lhe foi imposta, e uma das quais redunda em verdadeiro prejuizo para os abitantes.

Não é a da missa do meio dia. Respeitando as convicções de todos, sempre estranhamos a comodidade no sa-

Referimo nos ao guarda, que é uma necessidade capital; porque o templo está sendo constantemente vizitado por nacionais e estranjeiros, e não se deve abuzar da boa vontade dos empregados, impondo lhes sacrificios, que estão sempre prontos a fazer, mas que ninguem tem o direito de exigir, avendo, do Ouro, 242-1.9- Lisboa.

de mais a mais, no orcamento de junta de paróquia, verba que lhe pode ser

Mais de espaço nos ocuparemos dês te assunto.

Bombeiros Voluntarios

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Coimbra deu no dia de Natal um bôdo a 156 pobres, na sua séde na rua Fernandes Tomás.

O menu era; sôpa de massa com grão de bico, carneiro com arrôs, ba calhau e batatas, pão e laranjas.

Foi cozinha to em caza do sr. Artur Pereira da Mota, que não só angariou donativos, como os outros membros da comissão cujo zêlo aplaudimos, como fês de graça todo o serviço de cozinha

São estas, como outras ácões de filantropia e de civismo, que enobrecem esta associação a quem os abitantes de Coimbra tanto devem e não os titulos e ourarias de real, que não devem estar no ánimo desta associação popular, e que de a muito estão dezacreditados, e são apenas disputados pelas filarmónicas sertanejas.

Com um bélo tempo, passou a noite e o dia de Natal, notando-se este ano menor concorrencia de pôvo nas igre

Era sobretudo notavel êste facto na Sé, que nos outros anos éra sala de reunião alégre e do flirt para sopeiras.

Não ouve por isso ê te ano tambem as scenas escandalózas que tantas vêzes vinham acabar em epizodios de luta na Feira, quando não tinham êste sensacional desfêcho dentro da porta da igreja.

Almanach das Aldeias para 1904 .- O Almanach das Aldeias para 1904 encerra variados e interessantes arugos inéditos sobre todos os ramos de agricultura, e muitos assuntos uteis na vida prática. E um livro utilissimo a toda a jente, mas principalmente aos agricultores.

Colaboram nêste almanach os re-datôres da Gazeta das Aldeias srs. Carlos de Souza Pimentel, Eduardo Sequeira, João Inácio T. de Menêzes Pimentel, Dr. João Salema, J. V. de Paula Nogueira, José de Castro Por tugal, Dr. Julio A. Enriques e M. Ro drigues de Morais.

E' este almanach um verdadeiro guia do agricultôr e contem materia que a toda a jente aproveita. Fórma um volume de 176 paginas, ilustrado com 34 gravuras, na maior parte ex-pressamente feitas para esta edição, e custa 150 réis, franco de porte. E' re-metido imediatamente pelo correio a quem enviar a respétiva i portancia á administração da Gazeta das Aldeias, rua do Sá da Bandeira n.º 195 1.º-

Tratado de contabilidade pelo guarda livros Ricardo de Sá. Estám publicadas as cadernetas n.º 19 e 20. Assigna-se na Editora Largo do Conde Barão 50.

A UNICA VERDADE

Drama em 2 átos

Preco 300 reis Editor - Moura Marques

CONTOS DAS CRIANÇAS

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis - Livraria Editora de José Figueirinhas Junior - Rua das Oliveiras - Porto, amin 22 25 70 V

Rudimentos de agricultura

POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direção geral d'instrução publica Preço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua

ANUNCIOS

Augusto Vieira de Campos, recebedor do concelho de Coimbra, fás publico que o cofre da recebedoria do dito concelho se abre no dia 2 de janeiro proximo, encerrando se no dia 31 do mesmo mês, para o pagamento voluntario des contribuições predial, industrial, renda de cazas e suntuária e de decimas de juros de 1903.

Coimbra, 24 de dezembro de 1903.

o Recebedor,

Augusto Vieira de Campos.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade is beau conhected nests cid

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório - Largo da Sé Ve-

Precos módicos

Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS Terreiro de Santo Antonio, 2 1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á francêza.

LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira 191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suissos; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para omem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómem e criança; cortinados e bambinélas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e echar-pes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos,

O proprietário désta casa previne as ex. damas e o povo conimbri cense que ésta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer compo venha a Loja Espanhola.

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A' venda na caza

Ladeira & Filho

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, pro-prietário da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.61 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao pu-blico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado aceio na manipulação.

Além disso o seu proprietário com atividade e zelo envida os melhores es-lorços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoádos do país, seguindo o moderno sistema de labricação em-pregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiéne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anun-ciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguézes.

A BON MARCHÉ

Papeis almassos de linho e algodão Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para carta em bonitas caixas. Papeis fantazia para participações de cazamento.

Papeis de impressão para jornaes e

Papeis para capas em todas as qualidades and novo ob apport Papeis em côr para embrulhos deli-

Papeis para encadernadores Papeis para forrar sálas, lindos gostos (arte nova.) Livros em branco e riscados para

o comercio and Livros de estudo e literatura. Objetos de escritório e dezenho.

Chas preto e verde, finissimas quali-Encadernações de livros em todos os jéneros.

Carimbos de metal e borracha. Perfumarias e tabacos nacionaes e estranjeiros.

Trabalhos tipográficos em todos os jenerosas a anobuem A Artigos de ceramica para construções.

CAZA EUROPA

14-Rua dos Gatos 16 COIMBRA

Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muto usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel Applica se em fricções durante dois

miuutos colocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas oras. Preco de cada frasco 300 feis

Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio-COIMBRA.

Gabões de Aveiro



Ex. mo Sr. — Como a epoca invernó-za exile um bom agazalho, venho lem-brar a V. Ex. mo Gabão Elegante d'Aveiro, o unico agazalho até ôje conhecido para combater o frio, vento e chuva. O titulo:

Gabão Elegante d'Aveiro

é propriedade minha a muitos anos, Porém, em Aveiro e noutras terras do pais, anunciam o - Gabão Elegante, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus reclamos por que sam uns simples vendedores retalhisias de fazendas e não conhecem a arte.

Lembro a V, Ex, que não se ilu-dam com esses reclamistas, sem consciencia do que anunciam, porque esses gaboes sam feitos por qualquer quidam para expor a venda no seu estabeleci-

O meu Gabão é conhecido nas principaes cidades do pais, taes como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Porto, etc., etc.

Agradecendo desde ja as suas apreciaveis ordens, as quaes diligenciarei dar completa execução, subscrevo me com muita estima, Anadia — Outubro de 1903. A

Salimin Joaquim Jose de Pinho

Unico correspodente em Coimbra, Manuel Pinho.

150 - Rua Ferreira Borges - 156 COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, en contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos con cernentes a estabelecimentos desta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados dôces sortidos, para chá e sorrées, em grande e bonita variedade que dificil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como cristalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primo-rosa fantasia, denominadas Centros de mésa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flo

reiras, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de 16 pelo sistêma de Margaride, já bem conhecido nesta cida-de, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem. Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e ex-

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas. Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas,

bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca. Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisbos, 32.

IJIÈNE ·

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Fisho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão e todos os objétos de escritório.

SILVA & FILHO

MUNICIPAL

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - Coimbra Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE & PRODE

COMES MOREIRA

COIMBRA

Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: - Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em differentes especies de dermatoses. As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex. mo sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO 4, Rus Ferreira Borges, 6

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mes-

mo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos-

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em depo sito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tama-

nhos.

Variada e grande colécção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estran geiros que vende pelos preços das prin-cipaes casas de Lisboa e Porto. Sempre cilindros com musicas no-

vas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, ex-empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilisando-se pela perfeição e so-lidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

-morrow

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sor-timento de fazendas nacionaes e estran-

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para ca-pas e batinas, para todos os preços. Artigos para homem como camisa-

ria, gravatas, luvas, etc.
Pede-se ao publico a finêsa de vis
tar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º8 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, prória para estabelecimento de qualquer género. Trata se com David de Sousa Gon-

cálvez, rua da Moéda, Coímbra.

Opa de seda nova

Vende se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 - Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Aua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Colmbra

O O O ACYTILENE O O

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco - Lisboa, 102000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante - 100 vellas por bico GASTO:-5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIERE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar MUDBERDER

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos p ra jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PRECOS ECONOMICOS

💠 🗢 Pedro da Silva Pinho Coimbra 💠 💠

29, Rua de João Cabreirs, 31-COIMBRA

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho dou che que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

-99-Rua Visconde da Luz-103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura-Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o

que a mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pode egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem se a prestações e a promto pagamento. Aceitam se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directa-mente dos fabricantes; vendem se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos

para alugar.

COLEGIO LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primária e instrução secundária (curso dos liceus e curso comercial).

Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alunos internos, semiinternos e externos.

Enviam-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao dirétor.

Delicioso licor extra-fino VINHOS

Notes de Salicinacisco Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descoutos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

450, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapeus

Com um esplendido sortimento de chapeus para senhoras e crianças, no que à de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em o

sr. Augusto Palhinha. Convida por isso as suas ex. mas freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a

preços modicos.

"RESISTENCIA,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGA ADIANTADA)

20700

Com estampilha, no reino:

Semestre Trimestre

Sem estampilha: Ano 28400

Trimestre Brazil e Africa, ano.... 3,5000 reis

Ilhas adjacentes, 32000 > ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Comunicados, 40 réis a linha. Réclames, 60 >

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Avulso 40 reis

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar 12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 864

Quinta-feira, 31 de Dezembro de 1903

iniciação das Créches

Ex " Sr. Dr. Joaquim Martins | de amiga mão que nos abra os olhos ou | erem do medico João Ferreira da Silva | os viriculos sagrados da familia Defende | de bigorna em quanto lhe querem dar Teixeira de Carvalho

do 1.º de Janeiro proximo exclusivamente ao assumpto das creches, pela muita simpathia que lhe mere se a creche de Coimbra.

Soube tambem que V. Ex.' se lembrou da minha humilde pessoa para collaborar nesse numero, não de certo pelo meu merecimento litterario, que é nullo, mas sim pela circunstancia de ser eu o presidente da Direcção da creche.

Achando por este mot vo natural a lembrança, agradeço-a todavia como prova de subida deferencia, a que eu desejaria corresponder com galhardia. Não o podendo fazer por trabalho proprio, vou desempenhar-me da incumbencia o melhor possivel, com vantagem para todos, dando em logar da minha incolôr prosa um scintillante escripto de Camillo Castello Branco,

Tinha lido ha tempo num livro intitulado «A Creche por Joaquim Ferreira Moutinho» um notavel artigo do grande escriptor, em que elle narra na sua linguagem homoristica e picante as difficuldades que houve em fundar a primeira creche de Portugal no Porto, e a inanidade das objecções apresentadas contra o piedoso instituto.

Ora tratando-se da mesma instituição fundada ha pouco nesta oportunidade do referido artigo.

Como por outro lado elle é um modêlo de graça e de linguagem vernacula, como tudo o que sahiu da penna do illustre romancista e notavel polemista, creio prestar um. bom serviço não só aos leitores da Resistencia offerecendo-lhes no dia do Anno Bom um verdadeiro mimo d'arte, mas tambem aos redactores deste conceituado jornal dando lhes a collaboração superior que me-

De V. Ex. coll. e am. obr.

Philomeno da Camara.

FUNDAÇÃO DA CRECHE NO PORTO

Ha trinta e dois annos, um facultativo hon cepatha no Rio de Janeiro, ten do percorrido grande parte da Europa, fez escala por Lisboa, de regresso ao Brazil. Impulsionavam o dous genero sos sentimentos: apostolar a hor cepa thia, convicto de que propagava uma verdade scientífica, e apostolar a Creche como quem apregoa a santissima, a suprema das providencias para desgraçadinhos que o principiam a ser des-de os primeiros vagidos.

Em 16 de setembro de 1852, João Vicente Martins, o propulsor da Cre-che, escrevia na «Revolução de Setem brov: Desde o berço até à morte neces-

que nol os cerre. E quantas vezes falta Oliveira, lente da escola medico cirur Soube que V. Exch resolveu pobre velho que morre, ao debil infante vindo à luz! E como a certeza, infeliz dedicar o numero da Resistencia mente innegavel, d'estas desgraças deve excitar a nossa compaixão e até com pungir de remorsos o nosso coração, quando igual certeza temos de as ter podido evitar! Morrem muitos infelizes caridoso as palpebras; e morrem tambem á nascença ou vivem pouco e pe nando muitas criancinhas, por lhes fal lar a caridade intelligente e effica; n'esses primeiros dias da existencia, tão decisivos entre o bem e o mal de toda a vida. Mas o espirito de caridade que anima todos os corações, muito princi palmente os corações portuguezes que oté agora. Deus louvado, ainda não protestaram contra sua religião toda caridade e amor, esse espirito acolhe e alenta sempre todos os meios pratica veis de evitar qualquer desgraça e de prestar todo o auxilio aos infelizes. Bem persuadido de que isto é assim, po que o sinto em mim que sou portugu i, e porque o vejo todos os dias pra ticar com toda a sorte de infelizes, jul go me obrigado religiosamente a dar voticia abreviada de uma das melhores instituições de caridade que hoje existe em França d'onde orninda, na Inglaterra, onde mudou de nome sem mudar de essencia absolutamente, na Belgica, na Austria, na Italia aonde igualmente

Quero fallar da instituição das Creches (que nos poderiamos chamar pre sepios, se licito fosse dar lhes denomi-nação nossa). Mas não fallarei pelo sin gelo prazer de dar uma noticia, senão pelo proposito firme de fazer adoptar em Portugal tão santa instituição, etc

ções com louçanias de estylo, João Vicente Martins expoz as particularidades da Creche nos paizes que visitára e es-pecialmente em Paris onde elle coope rára para a fundação de uma com os recursos proprios. Depois, invocava a zas que em todos os tempos foram exem plares de caridade e amor materno, deixassem de acolher não só benignamente, mas até com santo enthusiasmo a insti tuição das Creches? Pedia Vicente Mar tins aos jornalistas que transcrevessem as suas doas extensas cartas; porque elle de per si so nada esperava da obs curidade de seu nome. Nem os jornalis tas da capital, nem as senhoras portuguezas lhe deram alguma importancia. A caridade n'aquelle tempo não se mo via sem descargas electricas de retho rica firmada por nomes de mais alta notoriedade. A primeira Creche de Lisbos insugurou-se vinte e quatro annos depois, em 1876.

Vicente Martins sahiu desanimado de Lisboa e veio ao Porto implorar o auxilio dos jornalistas. Dirigiu-se a um dos mais lidos jornaes, o «Nacional»: Rogothe, sur redactor, que tenha a bondade de transcrever no seu conceituado jornal os dous artigos que a este respeito já foram publicados, e peço com muita-instancia que me auxilie com as suas effeito na cidade do Porto uma creche sahir com os embargos antes de o pu-

ao menos. (12 de outubro de 1852.) O «Nacional» publicou a carta de Não o louva pelo mau juízo que for J. Vicente Martins, e oito dias depois ma da caridade dos portuenses, dando

absolutamente essa mão de amigo ao gici, notavel publicista, dextro argu mentador em política, redactor de varios jornaes, creador da «Gazeta Medica» e litterato de brilhantes provas ha «Revista litteraria do Porto». Liam se avidamente os seus artigos. Era de esperar que a impugnação á Oreche feita por sujeito de tão notorios predisem terem na hora extrema quem lhes cados contraminasse o epostolado do diga palavras de consolação e lhes cerre obscuro medico homoepatha que vinha preconisar a um tempo duas novidades.

João Ferreira pedia ao redactor do «Nacional» que impugnasse a cre ção de taes estabelecimentos; posto que lhe parecesse trabalho escusado, pois fiava dos sentimentos caritativos e religiosos dos portuenses que jamais se prestariam a auxiliar a dissolução de vinculos sa grados e respeit veis. Affirmava que as Greches cooperavam para a zelaxação dos laços de familia; que os affectos re ciprocos entre mão e filho afrouxam com o apartamento; que as mães, enviando os filhos a roda nem mais se lembravam d'elles, e que as Creches eram rodas de ausencia intermittente, sendo os effeitos moraes proporcionalmente analogos.

E por isso que (accrescenta) relaxam os sagrados vinculos da familia acho contrarias á religião e á sociedade as Creches e entendo que a imprensa, em vez de fomentar a instituição d'ellas deve ao contrario impugnal as.

N'estas hostilidades a Greche João

Ferreira trasladava litteralmente Emile Girardin que foi em França o impu-gnador vencido de Marbeau.

Conta o embargante para melhor fundamentar os embargos a anedocta a'aquella mãe spartana que pediu a um ilota novas dos seus cinco filhos, enviados á guerra. O escravo responden com pungido e a tremer que elles tinham te pergunta isso, villao?» E foi dur gracas aos deuses, porque Sparta vencera. Não quer pois, em vista da anecdota, João Ferreira que as crianças em Por-tugal sejam creadas pelo Estado á laia da lei de Lycurgo, que abolira a fami caridade das senhoras portuguezas: E lia; aliás, diz elle, ensinem as também poderia ser que as senhoras portugue a roubar, como se fația n'aquella re publica. Com tamanha pujança logica João Ferreira não vingou atemorisar o propugnador da Creche

Eu concorri a um jantar que João Vicente Martins offereceu a um pequeno numero de medicos e amigos, no Hotel do Pêxe, onde elle com sua es-posa e dous filhos menores se hospe dara. Ahi o ouvi ler e commentar o ar tigo de João Ferreira com uma serenidade bem diversa da atrabilis de todos os iniciadores contradictados. Como era essencialmente religioso, havia na sua replica oral a mansidão, o tom de hu mildade, que as vezes parece ironia, na a inaugurou se vinte e quatro annos resposta que lhe deu escripta em um pois, em 1876.

Appenso ao n.º 403 do «Braz Tizana», Decorrido menos de um mez, João vm largo trabalho que elle pagou, assim como pagava todos os annuncios que os jornaes publicaram pedindo esmolas para a Creche. A caridade nos balcões das emprezas jornalisticas regulava pela temperatura da caridade dos assignan-

João Vicente, na replica aos Embargos, acha os injustos e menos genero sos; porquanto, sendo o seu alvitre um luzes e boa vontade para levarmos a instituto caridoso, seria honesto não blico estar inteirado do que é a Creche.

João Vicente que a Creche é uma ins timição santa porque evita o infantici dio e conserva as mães pobres os filhos que os engertariam compellidas pela que o seu adversario não estudasse a organisação da Creche — uma ignoran-cia de que elle João Vicente, não sendo o culpado, estava sendo a victima. Combate que os affectos reciprocos de ma e filho se afrouxem com o aparramento temporario da Creche; e para que não esfriem e de todo relaxem em o apar-tamento pela roda, é que elle propugna o estabelecimento des Creches em Portugal e no Brazil; porque assim evitara a mai pobre a dor de abindonar o filho; aceita lh'o, alimenta th'o em quanto ella val agenciar a sua vida; não lhe dá lo gar a esquecel o, durante o dia, porque ha de ir amamental-o, e volta ao seu deixará levar nos braços ao templo do Senhor com o coração palpitante de reconhecimento. João Vicente impugna que se apertem muito os laços de filmilia onde é grande a miseria. Os filhos famintos e maltrapilhos, inseparaveis da mae, vegetam as vezes na mais lamen tavel desunião e sem algum vinculo de amor, que tal nome mereça. Que é mui-tas vezes a mãe a primeira a detestar os filhos; e elles, acossados pelo des affecto e pela fome, seguem, fora d'esse infecto e decomposto abrigo da familia, caminhos que levam ao vicio e so crime. porque entram n'elles com a alma arida e sem uma boa impressão de infancia e sem uma boa impressão de infancia para argumentar sériamente.

que os faça lembrar do mor maternal.

Isso não teria succedido, se a caridade economico social dos paizes em que João E n'esta linguagem cha, correntia, morrido na batalha; e a mae, com sel- os houves e tomado por algumas horas Vicente vira as Creches não era analogo cidade, comprehende-se toda a sem desvanecimentos de captivar atten- vagem frie ta, bradou ao escravo: «Quem do dia, em quanto os paes, fora do do- ao nosso; e, faliando identidade de cirmicilio, trabalhassem desembaraçados cumstancias, não seria razoavel transdo cuidado assiduo que uma criancinha

> Que era um insulto dizer que as mães que expõem os filhos nunca mais se lembrem d'elles. Não pode rolerar que o articulista do «Nacional» equipare a roda com a Créche como vnoni mos na dissolução do amor de familia. A roda é uma sepultura aberta aos desgraçados que mães infelizes ahi vão deixar para não lhes morrerem nos braços. A Creche tem por condição essencial a mais intima convivencia da mãe com o filho, não lhes permittindo a separação de um dia ro Que não ha paridade alguma entre os effeitos mo raes do desimparo da roda e o disvelo com que nas Creches são tratadas as crianças, que a toda a hora as mães podem visitar, que a noite recebem li vres de perigo, e mais amadas porque não constrangeram as mães á inercia e lhes deixaram livre o precioso tempo do trabalho.

Uma ou outra vez, João Vicente, Martins deslisa do trilho manso que lhe assegura o triumpho, e tem ditos fortes que merecem alguma indulgen cia; por exemplo: João Ferreira dissera que as Creches relaxavam, e João Vi cente replice: Relaxam-se muito, mas são as ligações do respeito e conside ração entre discipulos e mestres, quando estes que devem dar constante exem plo de juizo, prudencia e generosidade tratam com leviandade questões tão graves como esta, sem por um instante as seu auxilio a parcialidade de um jor-

aquelles que elle aggredin tão leviana-mente, com tanta imprudencia e tão pauca generosidade. Como fervoroso catholico, João Vicinto não pode confome; porque em fim, da vigor a essas sentir que João Ferreira acoime de crianças que, formadas na indigencia, ficariam miseravelmente intanguidas e do Gregorio XVI concedeu indulgencias a muitas enfermidades. Deplorao papa Pio IX lhe promettera pessoalmente a elle torner extensivas essas indulgencias a todos os instituidores. Mette um pouco a riso o adversario, porque elle dissera que não era por medo ao communismo nem a republi-Creches E, na verdade, ir aos braços das crianças, abrigadas no reguço da caridade, buscar embriões de republicas e comunismos era um dislate imcompaniel com oujuizo do notavel professor da escola medico-cirurgica. Ontro gracejo del João Vicente, alias inoffensivo. João Berreira queria que aquella mai spertana do conto cahisse trabalho sem cuidados, sabendo que a desmaiada quando ouviu a noticia da caridade agasalha, e lh'o entregará ao morte dos cinco filhos. E pergunta: anostecer, e nos dias santificados lh'o Porque não cahin ella desmaiada? Diz então o Martins: E a pergunta mais philosophica que podia ser feita pelo illustre redactor da Gazeta Medica do Portos. Porque não desmoiava a celebre spartana, se o snr. João Ferreira queria que ella desmaiasse? João Ferreira dis-sera que ella não desmalára porque não creára os filhos; e João Vicente entende que a spartana, se tivesse creado frangos em vez de crear filhos, e elles lhe morressem, devia ter desmaiado, principalmente morrendo lhe cinco de uma só vez. Pelos modos, o medico brazileiro não dava grande cre-dito a anedota, nem lhe achava succo

> plantar instituições estraphas. O fundador da Creche portuense retorquiu que estudara as Creches, que concorrera para a tundação de uma em França, e alli publicara um opusculo intitulado: Un conseil à la mère qui ne peut plus amener à la Creche son enfant malade; que tivera intimas ligações com Marbeau, o fundador; que não queria que Portugal, sua patria, ficasse mais tempo privado d'uma instituição aceita em toda a Europa, e que iria florecer na Ame-

rica, logo que elle la chegasse.

Temos dado muito pela rama o compendio da réplica de João Vicente Martins, contra a qual ninguem sahiu; mas tambem a volta do triumphador n'esta facil batalha não se agruparam nem os ricos de ouro nem os ricos de intelligencia. Havia uma grande indif-ferença pelos alvitristas da reforma da sociedade mediante instituições philantropicas. A arvore da caridade, a bracejar sombras para cobrir crianças, não podia resistir aos repellões tem-pestuosos das luctas civis em que mais ou menos andavam empenhados todos os espíritos. N'esse ango de 1852 davam se as ultimas escaramuças das nossas guerras civis. Depois d'esse cyclo funesto de trinta e dous annos é que a sombra da paz germinaram outros pensamentos sociologicos, e os fructos abençoados que hoje se colhem são os productos dos gomos que então

João Vicente Martins, coadjuvado terem estudado, e ainda invocam em por alguns poucos individuos que então constituirsm a directoria da Creche, sitamos de amparo; e n'estes dous ex- admittis contra a Creche uns Embar se por seguro de que elles se negavam nalista. Relaxam se ainda muis os dis installarem a primeira que teve o Porto fremos da vida muito mais carecemos gos escriptos por J. F. Estas iniciaes a coadjuvar uma empresa que dissolve cipulos quando véem o mestre a servir na praça da Trindade n.º 17, no dia 21 de outubro de 1852. Se bem me lembro, o snr. Antonio Bernardo Ferreira cedeu gratuitamente a casa, onde hoje está reedificado o palacete em

que s. ex. habita.

A cooperação das esmolas era diminuta. Parece que as idéas propalades por João Ferreira dominavam o animo das pessoas idoneas para impulsionarem generosamente a sympathica instituição. Demais a mais, aquelle tempo a cari-dade dos portuenses não se desentranhava em superabundancias extraordinarias. O dinheiro não seria pouco; mas o seu valor era enorme quando entrava na circulação economica da alimentação do pobre. Um exemplo colhido em um periodico publicado no mesmo dia em que se fundava a Creche. O Braz Tisana» imprimia a lista dos bemfeitores do Casy o dos Lazaros e das La-zaras. Antonio Ferreira Braga, um cirurgião muito rico, dera um pinto; Affonso Botelho de Sampaio, um la vrador do Douro, deputado, opulento, dava outro pinto; uma senhora D. Rosa de Villa Nova dava uns bocados de carneiro; outra senhora D. Rosa Sampaio dez broasinhas de pão. Isto propalava-se nas gazetas, como exemplos de bizarria, e como galardão ás almas exuberantes, d'onde irrompiam esses mananciaes de misericordia. E os jornaes, em annuncios pagos por João Vicente Martins, exclamavam todos os dias: Roga se ás pessoas caridosas que se dignem proteger este novo estabe ecimento, etc. Ora eu na qualidade de visitador fui alli algumas vezes, e nunca la encontrei alguem, excepto umas vinte crianças, em uns berços limpos, com uns semblantes maviosos, a olharem para a gente, como a pedirem, não o alimento que lhes sobejava, mas as caricias das mães insubstituiveis. Di ziam-me os meus socios na directoria que algumas senhoras protegiam a Cre che com as suas esmolas. Não seriam muitas, porque um «Periodico homœopaticos cuja sustentação devia ser penosa, applicava a beneficio da piedosa instituição os seus lucros.

Decorreram dezenas de annos, e occorreram na propagação da santissima idéa uns homens de mais pulso, de mais acrisolada energia contra as desgraças fataes da vida humana.

Camillo Castello Branco.

NOTAS D'UM PAE

Tantos individuos que procuram fazer casa, fortuna; mas de tudo tratam, menos dos filhos...

Um meu novo amigo. Familia de pobres. O homem, trabalhador d'enxada, ha uns poucos de dias sem ganhar. A mulher anda a pedir. Já cançada, entrega a creança de mama que traz ao collo de filipido que a acompanha de collo, a filhinha que a acompanha, de oito annos, quasi nua, envolta num ve-lho chaile desbotado. Dirijo lhes palalho chaile desbotado. vras de consolação. E a pequena, ouvindo-me, com o irmãosito apertado ao peito, de agradecida, sympathicamente, volta o para mim, para que, como ella, me sorria tambem, e, eu vou a deixá los, ainda me certifica: «Olhe elle a fa zer beicinho por se ir emboral»

Uma familia de lucto, por morte do chefe, mas o pequenito com um bonné vermelho, de jockey, na cabeça. D'ali a pouco, explicava me um parente: «Aquelle é que é o preferido, o mimalho. Escusava de m'o dizer. Até com elle a pobre mãe esquecia as tristezas da sua viuvez.

Outro mimalho. A mãe vai para lhe ralhar, e elle levanta a palma da mão, como quem lhe diz: Modere-se! E a mãe não pode mais. Adeus ralhos! E voltam os sorrisos.

«E' preciso apear se, maman.» dizia para uma senhora d'edade um homem dos seus 40 annos, ao ver que não havia logar para ambos no mesmo compartimento do comboio. E eu não sei o que me impressionou mais, se a ternura do filho, que ainda lhe punha na voz as notas cristalinas, musicaes, da linguagem infantil; se o sorriso cheio de mimo com que a bôs velhinha, quasi receosa de pezar de mais, se apoiou para descer ao braço do seu grande bébé.

Só agora é que se descobriu a telegraphia sem fios? Não! Eu já a conhecia entre os paizes mais longinquos. Quantas vezes me aconteceu ir em via-

gem com individuos de nacionalidades diversas, e, se havia uma creança vejam a simplicidade do apparelho! bastava-me despertar no rosto d'ella um sorriso para logo suissos, francêses, allemães, russos, etc., todos se sor rirem tambem. A que distancia social as almas podem communicar por meio das radiações infantis!

Em quasi todas as casas ricas dá-se uma creada a cada um dos filhos, e, em elles crescendo, entregam-se aos mestres. Que faz o pae e sobretudo a mãe? Para onde voltarão o seu co-

Bernardino Machado.

AMOR DAS CREANÇAS

Tudo que é fragil e debil, delicado e terno, desperta nas almas nobres sen timentos elevados de bondade e amôr: flôres, mulheres e creanças sam motivos eternos das mais suaves delicade zas d'alma... Até os crueis salteadores das lendas, de longas barbas hirsutas e aspectos ferozes, com a consciencia cravejada de crimes e o olhar tôrvo de feras a monte, cairam na sympathia popular desde que a seu respeito se contou que fôram ternos para as creanças, humildes e delicados para as mulheres, compassivos para a probreza.

E ainda hoje o que torna mais odiado para o povo o nome scelerado do João Brandão, não é o assassinio do Padre Portugal nem a morte traiçoeira do Ferreiro; mas o crime hediondo, que lhe attribue a lenda, de ter cravado o seu punhal no tenro peito duma creancinha, que, a morrer, lhe ia sorrindo docemente e passando as mãositas de neve pelas suas barbas de ladrão! Tanto impera na alma popular, ingénua e simples, o sentimento bom da ternura por tudo o que é delicado e terno..

Mas não é só por este aspecto, de natural affecto por essas creaturinhas debeis e de si encantadoras, que deve ser considerado o amor pelas creanças; é sob um aspecto de maior grandeza, pela sua mais alta superioridade, - o aspecto social, que os homens devem dedicar o seu empenho ao problema das creanças.

Germens rosados do Futuro, sementes aureoladas da Humanidade, as creanças devem ser o disvelo constante do educador. E aos homens, que pensam e que se devotam ao aperfeiçoamento social de povos e de instituições, incumbe a missão fecunda de fundamentarem no espirito incerto das cre-anças os sólidos alicerces da Patria. Fazer homens e crear cidadãos; robustecer as creanças para a Vida e educalas para o Bem-é, certamente, a mais grandiosa das missões, a mais alta e generosa iniciativa.

Empenhemo nos todos nesta cruzada santal Arrancando ao vicio das ruas as gemmas preciosas que ali se perdem, levemo las do peito das mães para o seio das creches; subamos á eschola infantil e á aula cívica; e, formando homens e creando cidadãos, entreguemos à Sociedade homens feitos e aptos a luctar pela Vida, e offertemos à Patria cidadãos capazes de a compre hender e amar.

F. Fernandes Costa.

Beneficencia livre

Quando foi da installação das Creches, em Coimbra, muita gente, cega por velhos e perigosos preconceitos, não logrou ver a importancia daquella instituição de carid de. Estava-se convencido que, sem capella ao lado, ou nome de santo a patrocinar a casa, a obra não vingaria. De uma pobre se nhora fenatisada, sei eu, que, todas as vezes que passava pelo edificio das Creches, na rua dos Grillos, se benzia, esconjurando o pobre e caridoso esta-De toda a parte cahem bençãos sobre a benemerita instituição. Pozeram-se de parte as questões de crença politicoreligiosa; e comprehendeu-se, emfim, mente nisto: Fazer bem por fazer bem, e so por fazer bem.

Oxala que, sob este lemma, se fossem levantando mais estabelecimentos de beneficencia pública.

A Razão é a unica força capaz de junctar todos os homens.

Coimbra, 29-XII-903.

A Créche de Coimbra

Está na memoria de todos que a iniciativa da Associação Liberal que, depois de um somno prolongado de alguns decennios, accordou em circumstancias anormais de paiz, com um programma admiravel de bellos e generosos emprehendimentos para melhorar es condições materiaes da existencia das classes pobres de Coimbra, e para impulsionar a educação moral e scien tifica de todas as classes. Foram eleitas no seio d'esse gremio commissões para estudarem e realisarem os meios de fazer cursos livres e gratuitos, de fun-dar um collegio modelo para educação de meninas e finalmente para crear e administrar cosinhas economicas e tres créches, uma na cidade alta, a segunda na baixa e a terceira em Santa Clara. De todo este programma apenas se poude realisar incompletamente esta ultima parte, pois de tres creches que se deveriam abrir apenas foi aberta a que actualmente existe. Para isso mesmo foi necessario a audacia do Sr. Conselheiro Dr. Bernardino Michado, digno presidente da Associação Liberal, que, na assembleia geral reunida nos principios de Maio para assentar no modo de solemnisar o dia 8 de maio, dia da entrada dos constitucionaes em Coimbra, annunciou, entre diversas propostas, que tambem seria inaugu rada a 1.ª creche de Coimbra. O annuncio era um arrojo, porque não havia nada preparado para empresa tão dif ficil. A inauguração da creche exigia tres coisas indispensaves: uma casa devidamente mobilada e com os necessarios utensilios; pessoal para o serviço, e a população dos recolhidos. Nada d'isso existia, nem casa, nem pessoal nem creanças; mas a palavra do presi dente compremettida, e por isso, a commissão, composta de tres membros, Manoel José Telles, José Falcão Ribeiro e Philomeno da Camara envidou todos os esforços para que essa inauguração não fosse apenas uma promessa vã. Os visitantes da grande casa dos Grillos, aonde o sr. Conselheiro Dr. Bernardino Machado installara a expensas suas e com os seus proprios livros uma bibliotheca para uso das classes operarias, poderam vêr ao lado do grande salão de leitura, uma sala elegantemente adornada, graças aos cuidados do sr. Telles e esposa, com berços, vasos de flores e duas mesas em que assentavam os apparelhos esterilisadores do leite. Estava alli um verdadeiro germen de creche, em que só faltava a população das crianças recolhidas, pois que la se encontrava ja a futura regente, como que a superintender na faina do novo instituto. Para que aquelle germen se desen-

volvesse, e se transformasse em arvore frondosa, a cnja sombra pudessem ácolher-se os filhos dos classes desvapessoas caritativas e philantropicas o regassem e alimentassem com o obulo da sua caridade e philantropia. Nós assim o esperámos. Sem irrogar censura a ninguem, sem formular sequer uma queixa de caracter generico, a Direcção vai, pela narrativa feita a largos traços da vida acanhada do novo instituto, mostrer que nem sempre as coisas succedem como é facil e natural prever. Dois mezes depois da inauguração da Creche da Cidade Alta era esta installada numa pequena casa da Rua da Ilha, confortavelmente preparada para receber dez creanças. Constituiu-se tambem a Associação das Creches de Coimbra, como sociedade de beneficencia independente, com vida propria e autonoma, cujos estatutos foram impressos depois de approvados pela portaria de 12 de Julho de 1901, firmado pelo illustre Governador Civil d'este districto Dr. Luiz Pereira da Costa. A Associação das Creches de Coimbra prestou a sua homenagem de reconhecimento á Associação Liberal do que assignalar, com um acto hon belecimento. Hoje as coisas mudaram. d'esta cidade declarando no 1.º art.º dos que fôra fundada por iniciativa d'esta sociedade. Ficou todavia, como sociedade de beneficencia, absolutamente independente e destinada unicaque a verdadeira caridade está unica- mente a exercer a caridade, precisando para viver do auxilio e protecção de todas as pessoas bondosas, sem distincção de ideias sociaes ou politicas e de crenças religiosas. No mundo civilisado, todas pessoas de intelligencia esclarecida têm protegido esta admiravel instituição, que vem preencher a lacuna donde sahem os recemnascidos de um l rido, D. Philomena Aragão, D. Ma- pequenino,

crianças de depois dos trez annos. Firmino Marbeau, o fundador das primeiras creches em Paris, em 1844, foi efficazmente auxiliado pela imprensa, fundação da Creche actual é devida a pela autoridade religiosa e pela academia franceza, que deu o premio Mon-thyon ao livro de Marbeau intitulado Das Crechess Em 1845 foram abertes cinco creches em Paris, e 8 em 1846. D'ahi estendem-se ellas a muitos paizes da Europa e a todas as provincias de França, aonde os parochos chegam a ceder os seus passos e residencias para a intallação das creches. Gregorio XVI concede indulgencias sos fundadores das primeiras creches, e Pio IX promette pessoalmente so Dr. João Vi cente Martins, fundador da 1.ª creche do Porto em outubro de 1852, tornal as extensivas a todos os instituidores de novas creches. Estes institutos de beneficencia merecem realmente desvelada protecção de todas as classes sociaes que, pela sua illustração e intelli gencia, se interessam por tudo o que pode concorrer para extirpar esse terrivel cancro da humanidade-a miseria. As creches, amparando as creanças na edade em que e las m is carecem de protecção, em que a miseria e as doen ças, nas tres primeiros annos da sua existencia, mais podem comprometter a robustez do futuro óperario, prepara homens validos, fonte de trabalho e de riqueza, que seriam sem esse amparo invalidos a sobrecarregar a sociedade com despezas e cuidados. Pelo mesmo motivo as creches evitam muitas doen ças, particularmente a tuberculose, e favorecem a instrucção permittindo a frequencia das escolas aos irmãos mais velhos das creanças recolhidas, os quaes teriam necessariamente de se inutilisar no domicilio paterno ficando ao lado

d'estes como guardas e vigias. Esperavam os promotores da Creche que em Coimbra, terra de illustra ção excepcional, pois que é a sede da unica Universidade do paiz, terra co nhecida pela bondade e philantropia dos seus habitantes, a instituição das creches não deixaria de bracejar as suas som ras protectoras a muitas de zenas de creanças desválidas, como arvore frondosa carinhosamecte alimen tada e regada pelo obulo da caridade. No curso desse anno a movimento de sympathia da classe academica por instituição, e as esmolas d'algumas pessoas illustradas e bondosas, fazerem esperar que isto assim succederia.

Assim dizia o relatorio de 1901 a Estas esperanças foram confirma-

las pelo resultado da kermesse.

A kermesse a favor das creches, foi a mais brilhante que aqui se tem realisado, pelo concurso enorme de senhoras que affluiram so Jardim Botanico, onde o sr. dr. Julio Henriques tinha feito, para a venda e exposição das prendas, pavilhões simples, ele gantemente artisticos, como são todas

lidas, bastava que algumas dezenas de las decorações do illustre homem de Mariana Portocarrero da Camara. sciencia, que tem nas paginas do An tonio Maria a sua consagração de decorador, feita por Raphael Bordallo

Era para ver a alegria communica tiva das senhoras offerecendo flores, vendendo sortes e doces, convertendo o encanto do seu sorriso no ouro que ha de fazer florir o riso e a saude nos rostos palidos, nas boccas tristes das creanças abandonadas.

Deve ter-se orgulhado da festa a ex.ma sr. D. Marianna Portocarrero da Camara, que com tanta solicitude a preparou, e com alegria tão carinhosa ia vendo como os seus esforços eram compensados e comprehendidos por todas as senhoras, que vieram dar lhè o seu auxilio com tanta boa vontade e tanta dedicação.

A direcção das creches, que, em uma das sessões, immediatas nomeou a sr.ª D. Marianna Portocarrero da Camara socia protectora e honoraria da associação das creches, não fez mais roso da sua administração, os serviços que todo o publico de Coimbra sabe terem sido prestados por sua ex.ª ás creches desde o seu estabelecimento.

Ao jardim accorreu naquelles dias tudo o que Coimbra tem de mais distincto pela belleza, pela raça, pela in-telligencia e pela situação social. E' impossível detalhar nomes, des-

crever o encanto das senhoras, a sua alegria em fazer bem.

As ex. mas sr. as Condessa do Ameal, hendido muito. D. Maria Eduarda Bacellar Quaresma, que existia entre as Maternidades, D. Maria Isabel Garrido, D. Rosa Gar- vivas do tempo em que era menino

mez, e os asylo para onde entram as thilde Pessos, D. Clotilde Neiva e su crianças de depois dos trez annos. Fire ex.ma filha, Viscondessa d'Alverca, D Mathilde Korke, D. Maria José Forjaz e suas ex. mas filhas, D. Maria Antunes, D. Maria Joyce Diniz e suas ex. mas filhas, D. Branca de Mattos, D. Erme-linda Costa Allemão, D. Anna Pereira Dias, D. Carolina Pereira Dias de Faro e Mello, D. Maria Amalia Cabral e ex. mas netas, D. Antonia de Azevedo, D. Maria da Gloria Sampaio, D. Carmo de Castro, D. Amelia Fernandes Vaz e ex. mas filhas, D. Emilia d'Almeida, D. Eugenia Refoios e suas ex. mas filhas todas se empenhavam no successo da-quella bella festa de caridade.

Na barraca da direcção, ornamentada de grades douradas de cana, por onde trepavam flores e arbustos, professores, negociantes, senhoras sorriam a offerecer bilhetes e a vender prendas e com tal arte que até os caixeiros se deixavam coganar.

No restaurant, outra construcção do sr. dr. Julio Henriques feita de troncos numa disposição elegante, coberta de felhas de palma, ria-se e, por um prodigio novo, quanto menos vinho se deitava nos calices mais caro se

Os pregociros andavam de grupo para grupo, sempre chamados e sempre a responderem sem enfado, o rosto sempre a rir.

As prendas, se saiam, eram offerecidas outra vez e arrematavam-se havendo sempre quem comprasse, a rir, as coisas mais inuteis e mais difficeis de transportar.

Apezar da tristêsa do tempo, aquelle canto ensombrado do jurdim esteve sempre cheio da alegria e do movimento javenil, e todos tentavam informar-se a cada momento do que tinha já rendido a kermesse, como se a associação fosse obra que todos pro-

Ninguem queria vêr mêsa descontente, e andavam os compradores de mêsa para mêsa a procura de labios que não sorrissem.

Assim se transformava o dinheiro na flôr do sorriso feminino, milagre mais difficil do que o que conta a lenda duma santa que transformava o dinheiro em flores.

Murcha depressa e morre breve a flor do sorriso feminino, que tanto custa

Hoje voltam-se para a instituição nascente os cuidados de todas as senhoras, e todos vêem com simpatia passar a sr.ª Marquêza de Pomares, que vem da tranquilidade da sua quinta da Portella, tão cheia de setilades da sua vida de paz e de virtude, vizitar a numilde creche de Mont'Arroio.

Para a primavera segredam-se já entre as senhoras planos, em que an-dam, para nos darem este anno uma festa de flôres.

E sera esta a mais bella festa deste anno, porque continua a patrocina-la a actividade bôs e intelligente da sr. D.

Faz bem ir a créche para ver a alegria das crianças.

Mal alguem abre a porta, veem êles logo a correr, a rir e a fazer barulho, sem saber fallar ainda, as cáras erguidas para cima, a pedir festas e beijos.

As mãos na ancia infantil de tudo tocar para tudo saber, abraçam se ás pernas, agarram-se ás mãos, e eu ia lá deixando o chapeo e o meu guardachuva historico, quando la fui para poder escrever d'êles, e êles me cercáram sem me deixar andar.

E comprehendi bem a delicadeza de sentimento com que uma senhora, que nunca por ali passa sem entrar, achara meio de se lembrar d'aquéllas crianças tão alegres, ocupando as horas do seu serão, a fazer roupa que os aquecesse nestes dias tão asperos de

E sahi satisfeito, a pensar na alegria grande que deve ter o meu amigo Cassiano Martins Ribeiro por lhe ter dado Deus tão digna companheira na sua vida de trabalho e de dedicação pelo ideal mais nobre.

OS MONSTROS

As pessoas, que me têem dito que se não lembram nada dos primeiros annos da sua infancia, têem-me surpre-

Quanto a mim, guardei lembranças

São, é verdade, imagens isolidas, mas que, por isso mesmo, se destacam com mais brilho dum fundo escuro e nysterioso.

Apezar de estar ainda bastante afastado da velhice, estas recordações, que amo, parécem-me vir dum passado infinitamente profundo.

Parece-me que então o mundo era magnificamente novo, e coberto de côres frescas. Se fosse um selvagem, julgaria que o mundo era tão novo, ou se quizerem, tão velho como ru.

Mas tenho a infelicidade de não ser selvagem. Li muitos livros sobre a antiguidade da terra e a origem das especies, e comparo com melancolia a curta duração dos individuos com a longa duração das raças.

E' por isso que sei que não ha muito tempo que tinha a minha cama de galeria num quarto grande dum velho palucio muito arreiesdo que foi demolido depois para dar lugar aos edificios novos da Escola de Belas

Era ali que habitava meu pae, medico modesto e grande collecionador de curiosidades naturaes.

Quem é que diz que as creanças não tem memoria?

Vejo ainda hoje aquelle quarto com o seu papel verde de ramagens e uma linda gravura a côr que representava, como soube mais tarde, Virginia atravessando nos braços de Paulo o vau da Ribeira Escura.

Aconteceram me neste quarto aven turas extraordinarias.

Tinha lá, como já disse, uma cama pequenina de galeria que de dia ficava a um canto e que minha mãe cellocava, cada noite, no meio do quarto, sem duvida para o aproximar do déla, cujas cortinas immensas me enchiam de temôr e de admiração.

Para me deitarem era todos os dias um trabalhão.

Eram necessorios suplicas, lagrimas, beijos.

E não bastava: fugia em camisa e saltava como um coelho. Minha mãe ia agarrar me por cima dos moveis para me tornar a metter na cama.

Era muito divertido. Mas, mal estava deitado, punhamse a desfilar em volta de mim personagens estranhos á minha familia. Tinham o nariz como o bico das cegonhas, bigodes eriçados, barrigas ponteagu das e as pernas como as patas dos

gallos. Mostravam-se de perfil com um olho redondo no meio da face e desfi lavam, levando vassouras, e pêtos, gui tarras, seringas e alguns instrumentos desconhecidos.

Feios, como eram, não deviam ter se mostrado; mas devo fazer-lhes justica: colávam se sem barulho ao longo das paredes, e nenhum delles, nem mesmo o mais pequeno e o ultimo que tinha atras um folle, deu nunca um passo

para a minha cama. urava contra as paredes, ao longo pobre a quem soccorrer. das quaes escorregavam sem apresen-

tar espessura apreciavel. I so descançava-me um pouco; além disso eu não dormia. Não é com seme lhante companhia, imaginam bem, que se podem fechar os olhos. Tinha os meus muito abertos. E, apezar disso (isto é outro prodigio) encontrava me de repente no meu quarto cheio de sol, não vendo senão minha mãe de penteador côr de rosa e sem saber como se tinham ido a noite e os

- Que dorminhoco que tu és! dizia minha mãe a rir.

Era preciso, com effeito, que eu senhar. fosse um famoso dorminhoco.

Hontem, passeando pelo caes, vi na loia de um negociante de gravuras um destes cadernos de grotescos em que Lorrain Callot exercitou a sua ponta fina e dura e que se tornaram raros depois da minha infancia.

Uma vendedora de estampas, a tia Mignot, nossa visinha, tinha uma parêde Inteira forrada com ellas, e eu olhava para ellas todos os dias, quando ia passear, e quando voltava; alimentava meus olhos com aquêles monstros, e, quando estava deitado no meu leitozito de galeria, tornava-os a ver, sem ter o espirito de os reconhecer. Aquêle pa

tife do Callot! O cadernosito, que folheáva, fez reviver em mim todo um mundo desaparecido, e senti levantar se na minha alma como que uma poeira embalsamada em que passavam sombras queridas,

Anatole France.

FADAS E CREANÇAS

Os contos de Fadas são uma neces sidade para o desenvolvimento do cerebro, para o aperfeiçoamento das suas funcções, como a alimentação excessiva, o movimento desordenado, são, no começo da vida, uma necessidade para o desenvolvimento dos musculos e dos

Os contos de Fadas não são uma velharis com que se deva acabar, são um necessidade que tem uma consagração

Os contos de Fadas são o inicio do movimento evolutivo da esthetica e da moral.

No paiz maravilhoso dos contos de Fadas, começa o cerebro da creança a viver os primeiros sonhos de artista.

Terra encantada a linda terra em que moram as Fadas.

Ha lá jardins cheios de flores, que parecem viver e rir, outras então tris tes; e ninguem lhes toca sem o cuidado de uma caricia, sem lhes fallar primeiro; e ninguem se atreve a cortal-as com medo de matar, sem querer, alguma princeza, que viva nellas encantada por uma Fada ma.

E tudo escutam as creanças muito attentas, quando ouvem fellar daquelles ardins, interrompendo para perguntat bem como é; e assim aprendem os seus olhos a olhar com mais amor para as pobres florinhas da terra, que todos pi sam sem as ver e que as mulheres fri volas cortam para se esconderem com a graça que não têm.

Assim conseguem as creanças des cobrir numa flor a graça da mulher; se a cortáram, plantam-na outra vez na terra, e correm a perguntar se alguem sabe qual a alma que anda naquella flôr

E talvez no decorrer da vida aspera da sciencia não encontre aquella creanca outro momento de tanto amor e enthusiasmo pela belleza, que tem as cou sas em que vive a alma da natureza.

Passa-se bem a vida no paiz das Fadas.

Não que lá não hsja gente má como na terra; mas porque ha mais Fadas boas do que más.

E que as Fadas nunca morrem, e ha as tão velhinhas que, mesmo ao ba pusado das princezas de que são madrinhas, chegam muito tarde, por gos tarem mais de vir a pé pelos atalhos da floresta e pelos caminhos do monte, do que nos seus carros puxados por borboletas, ou animaes que correm tanto que, alguns que os têm visto passar, ulgam haver sonhado, e lhes custa a lembrar-se de como eram.

Chegam tarde; porque nos atalhos e carreiros se encontra mais gente desgraçada do que pelas estradas reaes, e as Fadas boas esquecem os reis e as Havia visivelmente uma força que princezas quando encontram um homem

> As Fadas más são novas ou então velhas, que nunca casaram e andaram sempre longe das outras.

Mas essas são poucas. Fada velha e má é raro de encontrar, porque quem muito vive, muito soffreu e muito sabe, e so o saber e o soff imento ensinam a muito amar.

E por isso que no paiz das Fadas os velhos são muito respeitados, não é como no mundo em que as creanças, que os não entendem, lhes batem, porque não têm forças, e se riem delles por não comprehenderem a belleza das rugas, que levam tento a tempo a de-

Ha tambem gente grande que não comprehende a belleza das montanhas, que perderam a terra e as arvores na lucta com a neve má e ficaram escalvadas, de penedos ao sol.

Menino que tenha em pequeno gos-tado de contos de Fadas hade sempre achar o enc nto no olhar dos paes ao envelhecerem.

Os contos de Fadas, animando os jardins misteriosos da vida das princezas encantadas, conquistadas pela força humana aos poderes sobrenaturaes, que so vencem quando são bons, ensinam, no começo da vida, a força do amor e da coragem.

E a escola do amor e da coragem é a unica escola da vida.

E é tão fundamente humana a his-toris das Fadas, que em todos os paizes ellas têm quasi a mesma fórma.

No Japan, contam aos meninos pe-

beira d'agua, abanando se com um leque, alheado, sem pensar em nada, quando lhe vieram dizer amigos, que lhe tinham levado roubada para a montanha a namorada.

Ergueu se de salto e poz se a correr. Os amigos detiveram-no perguntando lhe se ia assim para a montanha, cheia de ladrões, e elle, sem comprehender, olhou à roda e viu que tinha deixado o leque caido sobre o chão.

Baixou-se e apanhou o, agradecendo aos amigos, julgando que lhe lembravam o ar quente do valle, e seguiu sem armas.

Diz a velha história que, só com o leque, deu cabo da quadrilha e trouxe e salva a namorada.

E quando vinha descendo a montanha, fallava ainda alegre dos amigos, que lhe tinham lembrado o leque, que passava uma caricia fresca pelo rosto da mulher amada, afogueado pelo ar quente daquella tarde de verão.

So os contos de Fadas ensinam que para fazer triumphar uma vontade basta ás vezes apenas um gesto de coragem.

A descripção das festas, a dos ves tidos maravilhosos das Fadas, o scenário, em que se desenrolam as histo ias, fizem com que as creanças abram os olhos para a naturêsa que os rodeia, e comecem a encontrar a bellesa dos sons e das côres, a preoccupar-se com o rithmo dos movimentos e do gesto.

Os contos de Fadas ajudam poderosamente o desenvolvimento do sentimento esthetico da vida, criam no homem a necessidade de se rodear da bellêsa das coisas.

São a iniciação da vida na arte. São tambem a iniciação da moral de que a Arte é a verdadeiro inspira-

A isso se deve a importancia que lhe estão dando todos os educadores. Comprehendeu se afinal a força do conto, e o mal que havia em deixar formar os cerebros pelos contos a que ignoráncia da gente rude tirára tudo orgue lher havia dado a alma dos

Nas melhores revistas, nas mais luxuosas, nas mais artisticas, como nas mais scientificas, os contos de Fadas são estudados e analizados; comprehendeu-se afinal, que, ao lado da litte-ratura que traduz toda a vida dos grandes artistas do nosso tempo, devia o conto de Fadas para as creanças a quem a leitura começa a fazer pensar. E não ha menos cuidado de illus-

tração na ultima obra aclamada de um grande poeta, do que no conto simples de Fadas, escripto para fixar num sor-riso os labios das crianças a dormir.

THE TOUR EASTON

RETRATOS DE CRIANÇAS

Nunca houve menos bellos retratos de crianças que no periodo que vae da Restauração ao fim do segundo Imperio. A criança occupava um logar tão pequeno na admiração do mundo que quasi nunca se chamava um grande artista para fixar essa admiração. Preferia-se dar se lhe a pintar a cabeça do pae e assim se viram homens muito inestheticos como M. Bruyas, poser vinte vezes em frente dos maiores pintores do seculo XIX, emquanto que passavam milhares de bellas crianças de que não se guardou lembrança. Quando as pintaram, pintaram as só sinhas. Depois de Mme Vigée-Lebrun, até aos nossos dias encontram se iso-

ladas na arte como na vida. Mas eis que chegou um i era nova para elles. Longe de serem afastados da vida das pessoas grandes parecem ter se tornado o seu centro, ser os reis d'ella. O Baby Worship substituiu os cultos antigos. Muita gente, que para si se não atreveria a fazer a despeza dum retrato de mestre, duvidando se sería sufficientemente bello para isso e tendo a certeza não ser bastantemente illustre, chama de boa vontade o Mestre para lhe pintar o filho, que talvez venha a tornar se illustre e que é ja graciozo. Teem razão; porque elles, os paes, não são mais que a vida realizada: a criança é a esperança. Vale sempre mais fazer o retrato da esperança.

queninos a historia d'um heroe que não tinha quem podesse competir com elle em valentia.

Estava elle, num dia de calor, á xembourg, por Carolus Durend, Mme Sanders e os filhos no Salon de 1901, por Courtois, Mme Meyer e os filhos por John Sirgent e tambem os quadros de familia de Murkacsy e de M. Besnard, mostram nos, que nestes ultimos annos os pintores tem reunido todas as edades como faziam em outro tempo Franz Hals, Van Ostade, Albert Cuyp, Jordaens e Cornelis de Vos.

Aconchegados ao pae ou á mãe, estas creanças não se parecem com as que as precederam. Os olhares são mais graves, os gestos de mais con-fiança, a attitude mais simples. Outr'ora prégava-se talvez mais a vida da familia; mas, se nos não deixarmos enganar pela litteratura e se olharmos para os quadros, veremos que nunca os paes foram mais do que hoje os camaradas de seus filhos um pouco tristes, um pouco inquietos, um pouco comovidos pelo desconhecido dos dias que se preparam, sentem uns e outros que se está realizando uma evolução terrivel - e juntam se para conjurar o perigo...

O seculo, que acabou, foi o seculo da prizão, do exame, da separação da familia para as creanças - e da rotina para os homens. preços modicos.

O' crianças de França, crianças que olhaes para nos do fundo dos vossos caixilhos doiro, com essa chamma nos olhos que os mestres accenderam e essa aureola em volta do rosto que a edade não apagou, as vossas imagens estão cheias de mais enygmas que as das esphinges do velho Egypto e de enygmas mais passionaes, porque da sua solução depende para o paiz o dia de amanha! sh slootdiy obastaoeza

Deixemos os sabios archeologos interrogar os outros. Interrogamos vos a vos, nos todos, ignorantes e obscuros, que passamos deante das vossas ima gens, porque sois o tribunal d'appelação d'onde sairão todas as causas que tratamos no momento actual. Para que horisontes se abrirão vossos grandes olhos? De que sementes andam cheias as vossas mãos pequeninas? Sereis acaso o que nós fomos tantas vezes. dilettantes engenhosos em se divertir com o ruido que faz o mundo a desabar? Ou então - se é verdade que os paes tem filhos que se parecem com o fundo dos seus pensamentos - sereis por acaso os homens que em segredo nos desejavamos ser, mostrando todavia pelo ideal, pelo sacrificio de si, pela belleza pura, uma indifferença que não estava nos nossos corações? Procurareis o conforto, o prazer, o quadro tranquillo das nossas existencias ndividualistas, isto é a mediocridade da vida, ou antes procurareis afinal o que tantos de nos desprezamos o esforço commum, a audacia, o imprevisto. sacrificio, isto é a Esthetica da vida?

Robert de la Sizeraune.

As crises sociaes c as crianças

Todas as vezes que se prepara uma mudança no estado social, nas grandes crises humanas, vê se apparecer sempre como symptoma revelador, o amor peas crianças.

É que são ellas as que mais soffrem, e são ellas as encarregadas da realisa-ção das ideias nobres entrevistas e sonhadas pelos paes.

A civilisação moderna tem sido o maior inimigo das crianças, chamando para a vida insalubre das cid des industriaes os homens validos dos cum pos, substituindo ás creanças o ar em balsamado dos cheiros bons da terra, pela atmosphera suffocante que cae das chamines das officinas sobre as ruas da cidade, sepultando no po negro do carvão, pesado e asphyxiante, os pulmões novos aspirando a vida forte, dando aos labios das crianças, vermelhos e frescos como fructos perfumados, a tristeza das violetas sem perfume.

O corpo das creanças, gôrdo e fresco como o dos gommos das arvores a en Approximaram-se ao mesmo tempo liôres por abrir, cobre se de gelhas e immobilisado pela dôr.

Os retratos recentes de creancas e as suas mãos pequeninas, polpudas como as primeiras flores da primavera, aquelles dedos, que apertam tudo com uma força tão grande, ficam debeis, transparentes e repugnantes como os dos sapos.

> No seu olhar pequenino não se vê nunca nem um reflexo azul do dia, nem a doçura avelludada da noite; porque o fumo da fabrica lhes esconde tota a vida o ceu.

Por isso hoje a piedade humana se voltou para as crisnças, e espiritos generosos, crearam nas grandes capitaes a beira mar, emprezas que levam as mães coas creanças a respirer em na-vios durante algunas noras do das o ar revigorante do mar, longe da atmosphera des cidades apertando e desfazendo os corpos dos paes, que nos campos faziam parar, admirados da força e da belleza, os que os viam tratar alegremente da terra bôa. Proprietano Jose Teixeli

Sempre que ha crise social apparece o amôr pelas crianças, nas manifestações mais altas e subtis do espirito

Acaba de chegar a cara-onamun Na grande crise intellectual da Re-

nascença, sam as familias sagradas a mais alta manifestação do espírito religioso, e, nos grandes quadros votivos, apparecem, ao lado dos doadores, reis ou burguezes, as mulheres e os filhos.

Na crise economica de Flandres, es grandes pintores pintayam-se semple com os filhos bem juntos, e alegra ver os rostos dos guerreiros que se fizeram retratar a sorrir alegres para os dibos can spodernas codin

Quando se avizinhava a crise social da revolução franceza, torna a observar-se o mesmo facto, que ficou assignala-do pelo grupo celebre de Marie Antoi-nette com os filhos.

Nas grandes crises sociaes, avoluma sempre o amôr pelos pequeninos, e a criança dos caprichos artisticos (trans-Na grande evolução soci l, que vae

a fazer se, as crianças sam bem os filhos mais aperidos da sociedade que lhes confiou a sorte do seu futuro.

E pagaram generosamente as crian-ças o amor que lhes deu a sociedade, e que é uma das características do es-

O amôr das crianças, a analize dos seus mais insignificantes actos reformou a pedagogia, deu á physiologia, na sua parte mais obscura a do systema nervoso, materiaes novos, creou uma nova litteratura e deu a pintura e a escultura uma formula novason all

E é para accentuar que é ao amôr das mulheres pelasierianças que no movimento moderno da arte se devem as obras mais notaveisibate a aguna none da qualidade e preços destas

E'nnecessario toda a subtli delicaleza da sentimentalidade feminina par bem amar as crianças, para descobrir detraz d'aquelles corpos d'encantar o mundo novo que ha de viparenq a na

Umgrande critico francez notapque entre os melhores pintures de crianças nos ultimos annos, Mile Baschkirtseff, J. Blanche, Bounet de Monvel e Geoffroy em França, Kate Green w y e Mme Stanley na Inglaterra, John Geor-ges Brown nos Estados Unidos, Meyer von Bremen na Allemanha e Mile Ras-

poni na Italia, muitos sam mulberes. As photographias mais reveladoras sam também as de Mme. Binder-

So uma observação quotidiana, af-fectuosa, dedicada pode destringar alguma coisa da alma extranha da criança e descobrir as suas características.

A sr. duqueza de Palmella, na sua collecção de termos, que infeliz-mente amda não teve entre os nossos criticos quem soubesse avaliar, como se deve, o espirito que a concebeu, numa expressão tão alta de intellectualidade, figurou a alma moderna numa criança erguendo um facho de luz, os musculos do pescoço contrahidos a levantar a bocca, para dar um grito alto.

Só quem se debruça bem baixo sobre os humildes é capaz de com-prehender bem o gritod aquellas boccas, que advinham uma era nova.

E é necessario uma fé bem forte

T. D.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

em 1882, com diploma de merito: e medalha de cobre na Exposição Districtal de Colmbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbre, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chamies, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. - Todos estes artigos são de boa construcção e por

PRECOS ECONOMICOS

💠 🗢 Pedro da Silva Pinho Coimbra 💠 💠

29, Rua de João CabreirS, 31-COMBRA

LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais mo-dernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suissos; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ômem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómem e criança; cortinados e bambinélas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e échar-

pes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário désta casa previne as ex. mas damas e o povo conimbricense que ésta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer compar bom e barato venha à Loja Espanhola.

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99-Rua Visconde da Luz-103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as póde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendemse a prestações e a promto pagamento. Aceitam se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directa-mente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

Modista de chapeus

Com um esplendido sortimento de chapeus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex. mas freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

LUCA

Delicioso licor extra-fino VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

"RESISTENCIA.

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGA ADIANTADA) Com estampilha, no reino:

Ano Semestre	· 20700
Trimestre	. 680
Sem estampilha:	To Laon
Ano	. 20400
Semestre	. 1#200
Additional to a second control of	00 00000

Brazil e Africa, ano. 3 \$600 reis Ilhas adjacentes, 32000 > ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, des conto de 50 %.

Comunicados, 40 réis a linha. Réclames,

Anunciam-se gratuitamente toda: as publicações com cuja remessa estr jornal for honrado.

Avulso 40 réis

O O O ACYTILENE O O

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco - Lisboa, 10#000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante - 100 vellas por bico GASTO: - 5 réis por 6ra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIERE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar ALIGHBULLE

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em depo sito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tama nhos.

Variada e grande colécção de ci-lindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estran geiros que vende pelos preços das prin-

cipaes casas de Lisboa e Porto. Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mes-

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos-Coimbra.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, exempregado, da Relojosria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes à sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, res ponsabilisando-se pela perfeição e so lidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Merculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.ºº 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, prória para estabelecimen-

to de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gon-çálvez, rua da Moéda, Coímbra.

COLAR DOUCHE

O melhor sparelho para banho dou

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Altaiateria Guimarães & Lobo

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

-www.ww

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estran-

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para ca pas e batinas, para todos os preços. Artigos para homem como camisa-

ria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de vis tar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro Rua Ferreira Borges, 165, 1.*

Tomam-se seguros de prédios, mo-bilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a mindo

Tabela de preços de venda a miudo (1 de julho de 1903)

Marcas -	Garrafio da 5 litres	Garrafa d e lio		Ourrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA	550 600	120 130	660 720	85 90	900
Branco AMBAR * TOPAZIO	650 —	1	信制	100 120	1\$050 1\$300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafão ou duzias de garrafas.

Nos preços indicados não vae ir cluida a importancia do garrafão (36) réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. - Os garrafoe levam o carimbo da Adega em lacre e nas rolhas das garrafas e garrafoe vae o emblema da Adega impresso fogo. Em todas as vendas se dá fátur. ao comprador.

150 — Rua Ferreira Borges — 156 COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, en contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta naturêza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados doces sortidos, para chá e sorrées, em grande e bonita variedade que dificil se torna enumera la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado. Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primo-rosa fantasia, denominadas Centros de mésa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flo-

retras, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.
Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de 16 pelo sistêma de Margaride, já bem conhecido nesta cida-de, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem. Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares,

Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos de sua fabrica de bolachas e biscoitos na Cours ça de Lisbos, 32.

Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel

Applica se em fricções durante dois miuutos colocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas óras.

Preço de cada frasco 300 reis Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio - COIMBRA.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas. Consultório - Largo da Sé Ve-

Preços módicos

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos. Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc. Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa. Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST. Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades. Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos. REPRESENTANTE